



Instituto de Letras  
Departamento de Teoria Literária e Literaturas  
Programa de Pós-graduação em Literatura  
Mestrado em Literatura Brasileira

A ESTÉTICA LOBATIANA EM *O PRESIDENTE NEGRO*:

AÇÕES E RECEPÇÕES

Miriam Monaco Mota

Brasília, Distrito Federal

novembro de 2012.

Miriam Monaco Mota

A ESTÉTICA LOBATIANA EM *O PRESIDENTE NEGRO*:  
AÇÕES E RECEPÇÕES

Trabalho apresentado como  
requisito parcial à obtenção do  
grau de Mestre em Literatura.

Brasília, Distrito Federal

novembro de 2012.

Miriam Monaco Mota

A ESTÉTICA LOBATIANA EM *O PRESIDENTE NEGRO*: AÇÕES E RECEPÇÕES

BANCA EXAMINADORA

Professora Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra

(presidente da banca)

Professora Doutora Maria Afonsina Ferreira Matos

(convidada – membro externo)

Professora Doutora Rita de Cassi Pereira dos Santos

(convidada – membro interno)

Professora Doutora Vilma Reche Correa

(convidada – membro suplente)

Brasília, Distrito Federal

Novembro de 2012



*Sem fé  
Ninguém sonha!*

*Não é  
Vergonha:*

*Ponha  
A minha pele,  
Só por uma  
semana!*

*E me revele  
De que cor é  
A raça humana!*

Jarbas Júnior

Agradeço a Deus pelo dom da vida.

À professora Doutora Hilda Orquídea Hartmann Lontra pelas seguras e inestimáveis orientações.

À minha amiga Luzia Simões pelas leituras e pelo apoio durante a caminhada.

Às minhas leitoras e ao meu leitor sem os quais eu não teria levado a contento a minha pesquisa.

Às minhas alunas e aos meus alunos pelo incentivo e pela compreensão.

Às professoras Doutoras Maria Afonsina Ferreira Matos, Rita de Cassi Pereira dos Santos e Vilma Reche Correa pela disponibilidade em participarem da banca examinadora.

Aos meus genros pelo carinho.

À equipe da FACITEC pela tolerância com os meus atrasos.

Enfim, a todos que de alguma forma participaram desta minha conquista.

## RESUMO

Esta pesquisa objetiva evidenciar a questão da eugenia no âmbito dos valores morais em *O Presidente Negro* de José Renato Monteiro Lobato, com análise sob a ótica da estética da recepção, segundo Hans-Robert Jauss e Wolfgang Iser, além de outros teóricos. O estudo apresenta dados históricos e biobibliográficos do Autor, situando a obra no contexto vivenciado à sua gênese. Compreende ainda uma investigação dos efeitos do texto e a recepção em dois momentos do século XXI, o primeiro em 2008, na reedição do livro e o segundo, quando os sujeitos leram o livro e responderam ao questionário. Contribui, também, com bases teóricas e procedimentos analíticos para o alargamento das fronteiras culturais deste expoente da produção literária para crianças, jovens e adultos, no Brasil.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Monteiro Lobato. *O Presidente Negro*.

## ABSTRACT

This paper aims at highlighting eugenics issue within the moral values sphere in the *O Presidente Negro* from Brazilian writer José Renato Monteiro Lobato. The analysis is supported by the reception aesthetics, according to theoretical views from Hans-Robert Jauss and Wolfgang Iser, and others academics. The study presents historical and biobibliographical data from the Writer, placing the book in the context lived at its genesis. It also demonstrate an investigation of the text effects and reception in two moments from Twenty-first Century, the first one in 2008 after the book's re-edition and the second one when communicants have read the book and have answered the quiz. This paper contributes to the fundamental principles of theories and analytical procedures to enlarge the cultural frontiers of this great man of literature for children, adolescents and adults in Brazil.

Key-words: Reception aesthetics. Monteiro Lobato. *O Presidente Negro*.

*Para César,*

*companheiro constante;*

*para Janaína e Sérgia,*

*razão da minha vida.*

*Para Carlos Eduardo, Ana Luiza,*

*Morgana e Caio,*

*delícias da minha existência.*

# SUMÁRIO

1	PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES GERAIS	9
1.1	Alguns pressupostos teóricos fundamentais	13
2	CONSISTÊNCIA TEÓRICA DA PESQUISA	17
3	AS DIFERENTES FACES LOBATIANAS	27
3.1	Obras de Lobato	34
3.1.1	Cronologia das obras de temática adulta	35
3.1.2	Obras com temática infantojuvenil	41
4	TEXTO E CONTEXTO NO SÉCULO XX: GÊNESE DE O <i>PRESIDENTE NEGRO</i>	45
5	NARRATIVA LOBATIANA EM O <i>PRESIDENTE NEGRO</i>	51
5.1	Primeira diegese – representação do presente	51
5.2	Segunda diegese – antevisão do futuro	54
5.3	Terceira diegese – espaço/tempo da eugenia	58
6	A RECEPÇÃO DE <i>OPN</i> NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI	67
7	A RECEPÇÃO DOS LEITORES DE <i>OPN</i> EM 2011/2012	77
8	VALORES MORAIS EM MONTEIRO LOBATO	91
8.1	Recepção e linguagem	99
9	CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
	REFERÊNCIAS	113
	ANEXOS	121



## 1. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES GERAIS

*Analfabeta não é a pessoa que não sabe ler.  
É a pessoa que, sabendo ler, não gosta de ler.*

Mario Quintana

Em 2008, ao ler *O Presidente Negro*<sup>1</sup>, de José Renato Monteiro Lobato, fiquei muito impressionada com certas (co)incidências (con)textuais e, a partir de então, analisá-lo tornou-se uma tarefa necessária e imperiosa. A cada releitura cogitava: que aspecto abordar? Qual o *leitmotiv* dessa obra, o fio condutor de um texto que traz como subtítulo “O choque das raças”? Conjeturei: o preconceito racial, tema da eugenia? O do alisamento dos cabelos? O da tecnologia futurista? O do feminismo?

Ante tantas possibilidades de abordagem, a escolha para esta investigação recaiu nos valores morais presentes na obra lobatiana, entre os quais se encontra, com ênfase, a eugenia<sup>2</sup>. Ao separar as passagens mais significativas do texto – centrando a leitura, portanto, na linguagem artística –



Fonte:

<http://blog.brasilacademico.com/2009/06/blog-do-monteiro-lobato.html>

verifiquei que havia, a partir do título, uma constante de argumentos e de comportamentos que evidenciavam aspectos éticos e morais, que levavam à ideologia da época em que o romance foi escrito: o primeiro quartel do século XX.

Um século depois, com a eleição, pela primeira vez no contexto americano, de um líder com genes afrodescendentes para governar os Estados Unidos da América, tal qual

---

<sup>1</sup> Sempre que esta obra for indicada, quer com o nome por extenso, quer abreviado por *OPN*, estará se tratando do texto editado em São Paulo, SP: Globo, 2008, 202 p.

<sup>2</sup> Inicialmente, pensei em analisar apenas a eugenia no texto lobatiano, porém para aceitar ou rejeitar a eugenia é preciso que se tenha uma ampla visão dos valores morais. A eugenia, assim como a eutanásia, está vinculada à ideologia do leitor; depende, portanto, do cruzamento de crenças entre autor e leitor. Por esse motivo, optei por analisar os valores morais no texto lobatiano, já que neles está incluída a questão da eugenia.

previra Lobato, em *OPN*, o texto reaparece a público suscitando debates em torno da questão da eugenia, predominantemente.

O confronto entre os valores apresentados na ficção e os defendidos na época da recepção<sup>3</sup> provocou polêmicas entre os intelectuais brasileiros, gerando manifestos em jornais e revistas que insinuavam, ou afirmavam veementemente, ser Monteiro Lobato preconceituoso. Julgam o Autor de *Negrinha*, de *Saci Pererê* e do *Sítio do Picapau Amarelo*, em *OPN*, seu único romance para adultos, defensor da eugenia e, portanto, de manter posturas racistas em desfavor dos cidadãos de origem africana.

Em consequência, alguns críticos consideram que tais obras, por apresentarem passagens comprometedoras à formação cidadã, estariam desaconselhadas ao leitor infantil<sup>4</sup>, e o Autor condenado à marginalidade, pela propagação de ideias e comportamentos que ferem princípios éticos e condutas morais estabelecidos.

---

<sup>3</sup> Destaca-se que desde os primórdios do século XXI cresceu o movimento de valorização e de resgate dos direitos de cidadania para a grande parcela da população afrodescendente americana.

<sup>4</sup>

**veja** Educação

29 de Outubro de 2010

Literatura

## Livro de Monteiro Lobato pode ser banido de escolas

### Conselho de Educação aponta racismo na obra "Caçadas de Pedrinho"

Reprodução



Um dos livros escritos por Monteiro Lobato, o autor que povoa o imaginário de diversas gerações com sua obra *Sítio do Picapau Amarelo*, pode ser barrado nas escolas públicas brasileiras.

Um parecer publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) no Diário Oficial da União, sugere que o livro *Caçadas de Pedrinho* não seja distribuído a alunos e professores, sob a alegação de que a obra é racista.

O parecer foi aprovado por unanimidade pela Câmara de Educação Básica do CNE e foi feito a partir de denúncia da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial.

Publicado em 1933, o livro de Monteiro Lobato, um dos maiores nomes da literatura infantil brasileira, narra as aventuras da turma do *Sítio* em busca de uma onça-pintada. Segundo o CNE, os traços racistas da obra estariam na forma como se refere à personagem Tia Nastácia e a alguns animais, como o urubu e macaco.

Um dos trechos da obra que sustenta a argumentação do CNE diz: "Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão". Outro diz: Não é a toa que macacos se parecem tanto com os homens. Só dizem bobagens." De acordo com Nilma Lino Gomes, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e autora do parecer, o livro deve ser banido das escolas ou só poderá ser adotado caso a obra seja acompanhada de nota sobre os "estudos atuais e críticos que discutam a presença de estereótipos raciais na literatura".

Considerarei necessário, então, traçar um breve quadro conceptual, para delimitar os termos empregados nesta pesquisa. Nesse sentido, defino, seguindo Motta (1984), serem éticos certos conjuntos de valores que orientam, ou determinam, o comportamento do homem em relação aos outros homens na sociedade em que vivem, garantindo, assim, o bem-estar social. O ser humano, ao agir, no contexto em que convive, possui princípios de consciência que o levam a distinguir o bem do mal.

Partilho com Vasquez, na obra *Ética* (1998), da concepção de moral como um sistema de normas que regula as relações mútuas entre os indivíduos ou entre estes e a comunidade. Tais normas, dotadas de um caráter histórico e social, portanto mutáveis, são acatadas livre e conscientemente, por convicção do conjunto da coletividade e por decisão íntima do cidadão. Vásquez (1998) aponta que a ética é teórica e reflexiva e se manifesta pelo discurso, enquanto a moral é eminentemente prática, evidenciada pelas ações ordinárias. Ética, moral e ideologia<sup>5</sup> se completam, havendo um inter-relacionamento entre elas, pois na ação humana, o conhecer e o agir são expressos por diferentes linguagens. No caso da literatura, moral e ética se depreendem pela linguagem artística, evidenciando a postura ideológica da qual o autor partilha.

Esta pesquisa objetiva a ampliação dos horizontes de experiência dos recebedores de Lobato, em dois sentidos:

- pela aquisição de informação teóricas relativas à recepção literária as quais devem embasar os argumentos/posicionamentos dos leitores com relação aos valores defendidos pelo grande mestre da literatura: Monteiro Lobato, e

---

<sup>5</sup> Ideologia é um termo que possui diferentes significados. No senso comum significa ideal, e contém um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou de visões de mundo de um indivíduo ou de um grupo, orientado para suas ações sociais e, principalmente, políticas. Sob uma concepção crítica, ideologia pode ser considerada um instrumento de dominação que age por meio de convencimento; persuasão, portanto, da linguagem, alienando a consciência humana. Os pensadores adeptos desta escola consideram a ideologia como uma ideia, discurso ou ação que mascara um objeto, mostrando apenas sua aparência e escondendo suas demais qualidades. Neste relato, considero ideologia o **conjunto de ideias e pensamentos que se exteriorizam no discurso e que, pela recepção crítica da linguagem, orientam as ações sociais.**

- pela compreensão de fatos históricos do início do século XX, no continente americano e também no Brasil, a partir do olhar ficcional e adulto de um Autor<sup>6</sup> eminentemente dedicado à literatura infantojuvenil.

Há na obra *OPN* inúmeras passagens em que o discurso (vinculado essencialmente à ética) e a conduta (relacionada principalmente à moral) dos personagens exteriorizam valores que merecem acurada observação. Em função disso, estabeleço, como parte essencial da pesquisa, uma abordagem hermenêutica deste romance de José Renato Monteiro Lobato.

Antes, porém, de proceder à análise, recupero, em um primeiro momento, algumas concepções teóricas a partir das quais se erguerá o posicionamento crítico. Após, apresento dados biográficos e bibliográficos do Autor, uma vez que serão confrontadas informações textuais com fatos e relatos contextuais (anexo 01 - fragmento de texto “A geração do centenário”). Quanto à metodologia, trabalharei, hermeneuticamente, com os pressupostos da estética da recepção, cujos princípios serão condensados antes de proceder à análise.

Destacarei, principalmente, o terceiro dos horizontes de hermenêutica a que se refere Jauss. Cruzarei com as premissas de Gadamer que, em *Verdade e Método*, coloca a obra literária como uma resposta às questões da época do seu aparecimento, ao mesmo tempo em que se abre para novos questionamentos. Como parte experimental da pesquisa, utilizarei passos da teoria do efeito estético que a obra provoca no leitor, de acordo com Wolfgang Iser. Com base nesses expoentes e em seus principais postulados, aproveitando também reflexões de Mikhail Bakhtin e de Walter Benjamin.

A leitura do Autor e de sua obra, com destaque de *OPN*, aparece distribuída em capítulos, quais sejam:

- as diferentes faces lobatianas;
- a gênese do texto, cronologicamente situada nos anos 20 do século

XX;

---

<sup>6</sup> A partir desta parte, todas as vezes que me referir a Monteiro Lobato, empregarei o vocábulo Autor com letra maiúscula.

- a estrutura romanesca, englobando as três diegeses que se cruzam ao longo da narrativa;

- a recepção da obra, nas primeiras décadas do século XXI;

- a recepção de *OPN* pelos leitores do Distrito Federal;

- a análise de *OPN* na qual são exteriorizados os valores e os recursos expressivos.

Nesta última parte, serão destacados aspectos da ideologia da época, evidenciados – pelo discurso e pelos comportamentos – não só na conduta dos personagens, mas também na tessitura artística.

### **1.1 Alguns pressupostos teóricos fundamentais**

Esta pesquisa alicerça-se em pressupostos da teoria literária, a partir dos quais construirei o discurso analítico, posterior à leitura do texto lobatiano. Entre as premissas sobre as quais se ergue esta análise, ponho em destaque as seguintes noções.

1ª Literatura é ficção; portanto, qualquer semelhança com os fatos do passado do autor, ou antevisão do presente do leitor é mais do que mera coincidência: provém da capacidade criativa de um artista, a partir de um contexto específico.

2ª Todo texto ficcional é apenas um ponto de vista: o da imaginação do seu autor; portanto, posições conflitantes na obra provêm de uma única pessoa, derivam de seu horizonte de experiência em que se cruzam várias vozes, explicitando valores às vezes díspares e acríticos.

3ª Todo objeto cultural possui múltiplas facetas; a criação humana literária é extremamente complexa. Essa complexidade é consequência dos componentes que funcionam entre si em numerosas relações de interdependência, codependência ou de subordinação.

4ª A obra literária se materializa em linguagem; é essencialmente ideológica e vai evidenciar, expor, afirmar, confirmar, negar valores (éticos e morais) do contexto do autor. Transfiguração da realidade, o texto artístico

abre-se a várias interpretações (anexo 02 – fragmento do texto “Era do Paraíso” ); cada leitor escolhe a “porta” pela qual entrará no texto e o caminho que percorrerá para concretizá-lo.

5ª Diferente do discurso artístico que é produto de um autor, a obra literária resulta, pelo inter-relacionamento dialogal, do cruzamento das ideologias de quem a produziu e de quem a concretizar.

6ª Quem lê um texto literário não é um sujeito natural, separado de todas as vivências culturais. É, sim, um ser complexo, produto inconcluso de todas as experiências por que passou ao longo de sua existência. Assim, um sujeito de origem hebraica, por exemplo, dá a um mesmo texto bíblico interpretação distinta de um palestino.

7ª Nenhum ser humano é uma tábua-rasa de conhecimentos e informações. Pela interpretação literária é possível que certos conceitos prévios à leitura venham a ser substituídos, em função da ampliação dos horizontes de experiências do leitor. Por isso, ao compreender um texto, o leitor tem de estar aberto a mudanças e se permitir ser influenciado pela obra.

8ª É conveniente que se considere o contexto em que o texto foi concebido, o qual deve ser levado em conta em interpretações posteriores no eixo cronológico das leituras. Um texto só é interpretável a partir da realidade do leitor.

9ª Toda ação cultural humana é historicamente situada. Porém não se pode entender a historicidade da literatura pelo recorte de realidade que ela apresenta, mas sim pelo que de estranhamento e de reflexão que ela produz.

10ª Qualquer obra que tematize um recorte do passado pode ser reeditada em função de interesses do presente (tempo posterior); assim, a leitura de um clássico quinhentista, por exemplo, pode (ser)vir a esclarecer relações coloniais do presente.



“UM PAÍS SE FAZ COM  
HOMENS E LIVROS.”

MONTEIRO LOBATO  
18 DE ABRIL DE 1882 - 4 DE JULHO DE 1948

Em consequência, uma boa leitura interpretativa engloba conhecimentos de várias áreas que compõem a experiência humana. E o bom leitor sabe que a voz que fala em um poema não é a voz autoral, ou do eu poético, mas sim um concerto de vozes (muitas vezes não harmônicas), de discursos alheios, que vão do senso comum ao do intelectual mais abalizado. O intérprete tem conhecimento (intuitivo, ou fundamentado teoricamente) de que a palavra impressa tem mais durabilidade do que o autor que a proferiu; sabe que não se pode julgar este por aquela, notadamente em casos de elocução artística.

A esse respeito, convém lembrar as palavras de Saramago, no prefácio da segunda edição de *Os Poemas Possíveis*, e associá-las ao momento da reedição de *O Presidente Negro*, em 2008: “foi a constante poética do trabalho que legitimou a ressuscitação do livro”.

E complementa Saramago:

*Poesia datada? Sem dúvida. Toda a criação cultural há-de ter logo a sua data, a que lhe é imposta pelo tempo que a produz. Mas outras datas levam sempre também, anteriores, as dos materiais herdados – quantas vezes dominantes –, e, de longe em longe, aquela impalpável data ainda por vir, aquele sentir, aquele ver e experimentar só futuro ainda (1982: 14).*

A todo este universo de conhecimento e de prazer só se tem acesso pela leitura. O que será dito, a partir deste ponto, é produto de várias leituras, além da minha, que não é a última, não é a única e não é a verdadeira. No entanto, é o produto do meu horizonte de experiências cruzado com o efeito que a reedição da obra produziu em mim, nos críticos literários e no público que a leu em 2011.

Boa reflexão a quem me acompanhar a partir de agora.



## 2. Consistência teórica da pesquisa.

*A linguagem é o arquivo da história.*

Ralph Waldo Emerson

Por se tratar, fundamentalmente, de pesquisa acerca de leitura, as manifestações a seguir, não apenas as que dão conta dos horizontes de experiência de um vulto ímpar da história literária brasileira – Monteiro Lobato –, mas também aquelas que exemplificam o exercício de leitura crítica de um texto estruturalmente complexo – *O Presidente Negro* –, enraízam-se nos postulados da teoria da estética da recepção<sup>7</sup>.

Identificando os fenômenos da verdade, do bem e do belo como questões fundamentais do pensamento, o estudo da filosofia, desde os seus primórdios na Grécia, concentrou-se em três áreas que serão posteriormente chamadas de metafísica (ou teoria do conhecimento), ética e estética.

Entre os gregos usava-se frequentemente o termo poético (poiesis) – criação, fabricação –, que era aplicado à poesia e a outras artes. Aos poucos, a estética passou a abranger toda a reflexão filosófica que tem por objeto as artes em geral ou uma arte específica.

Para Platão, há um nexos fundamental entre o belo, o bem e a verdade, sendo a experiência de um a condução para o conhecimento do outro<sup>8</sup>. Aristóteles foi o primeiro pensador a escrever uma obra acerca da questão da arte: a *Poética* tem como tema a origem da poesia e de seus diferentes gêneros, principalmente a epopeia e a tragédia. Sua tese fundamental, de que

---

<sup>7</sup> Antigamente, a estética era o pensamento filosófico que tratava do estudo da arte e o belo. Modernamente, vinculada à história, a estética ganhou novas dimensões, as quais foram recuperadas pelas ideias de Hans-Robert Jauss, Wolfgang Iser e Hans-Georg Gadamer, acrescidas das reflexões de Walter Benjamin e de outros filósofos da linguagem que se fizeram pertinentes. Para recordar as premissas que embasam as análises, apresento resumidamente alguns princípios de tais abordagens teóricas.

<sup>8</sup> Todavia não podemos caracterizar a constituição de uma estética no pensamento e nem na obra de Platão, pois a questão da arte e do belo só é colocada numa referência ao bem e a verdade, tendo como propósito não uma investigação do fenômeno artístico, mas uma determinação do conhecimento filosófico.

a arte representa (*mimesis*, vulgarmente traduzida por imitação) a natureza, tornou-se um paradigma para todo o pensamento estético ocidental.

Kant (1993) consolida esta tripartição da investigação ontológica, o que cria a estética como uma área determinada do estudo da filosofia<sup>9</sup>. Friedrich Nietzsche (2000) pensa a arte como estimulante vital, tônico contra o pessimismo da decadência: "Temos a arte para não perecermos da verdade". Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche (2000) compreende a arte como uma composição de dois instintos da natureza, o *apolíneo* e o *dionisíaco*, sendo a tragédia uma arte que nasce do (des)equilíbrio da tensão harmônica entre estes dois instintos fundamentais.

Contemporaneamente, sob uma perspectiva fenomenológica, não existe mais a ideia de um único valor estético (o belo) a partir do qual julgamos todas as obras de arte. A estética transformou-se, assim, em teoria do gosto, cujo problema central passou a ser o de saber como se justificam os gostos. Porém, as revoluções artísticas dos dois últimos séculos, ao alargar de tal modo o universo de objetos que passaram a ser catalogados como arte, acabaram por despertar nos filósofos vários problemas que se tornaram o centro das disputas estéticas.

Segundo Jauss (1994), o texto escrito só se torna obra literária após a leitura; ou seja, as possibilidades de significação de um texto só acontecem na relação dialógica entre ele e o público leitor. O caráter estético da obra não é intrínseco a ela, mas decorre da recepção que deriva de convenções sociais, mutáveis conforme a sociedade de leitores. Assim sendo, a obra torna-se passível de análise fundamentalmente pelo processo recepcional.

Para Jauss (*idem*), o texto e o autor ficam em segundo plano numa hierarquia de valores, já que as análises literárias devem concentrar-se no *terceiro estado*: o leitor. A leitura só se concretizará quando o leitor assumir um comportamento em decorrência da obra, isto é, quando a leitura for uma experiência estética, uma atitude de fruição, de prazer e de conhecimento.

---

<sup>9</sup> Kant elabora o seu sistema crítico a partir de três obras, de acordo com os três domínios da questão do ser: a *Crítica da Razão pura*, que trata da verdade, a *Crítica da Razão prática*, cuja questão é o bem, e a *Crítica da faculdade do juízo*, que investiga a experiência estética do belo como atitude contemplativa, desinteressada e não conceitual, das faculdades humanas.

Nessa experiência, a hierarquia da natureza estética amplia-se em três planos valiosos, complementares e simultâneos: *poíesis* (atividade produtora), *aisthesis* (atividade receptora), e *katharsis* (a reflexão acerca da consciência da ação).

Na *poíesis* – momento de produção –, estruturam-se os hiatos do texto conforme intenção do autor perante o leitor/receptor; dessa forma torna-se o leitor coautor da obra. Na *aisthesis* – momento da recepção –, destaca-se o efeito que a obra causa no leitor. Os elementos do texto são apresentados ao leitor, que os identifica e atua sobre eles, chegando ao sentido.

Dessa tomada de consciência, origina-se uma nova percepção de mundo. A *katharsis* – re-ação – desencadeia do sentido uma experiência particular ao leitor. A obra deve conquistar esse leitor para causar um estranhamento e, possivelmente, acarretar um sentimento intenso ante ela. Com tal sentimento, em um processo de identificação/distanciamento, ao compará-la com a reflexão acerca de ideias anteriores, o receptor assumirá modos diferentes de comportamento social.

Segundo os postulados da estética da recepção, há que se considerar fundamentalmente o contexto histórico em que o texto foi concebido, assim como os vários momentos de recepção. À medida que se sucedem novas leituras no curso da história, a obra desenvolve-se e justifica outras maneiras de interpretá-la<sup>10</sup>.

Jauss (1994) comunga do pensamento iluminista de que o estudo do passado visa a esclarecer o presente. Uma obra pode ser recuperada do passado por questões contextuais do presente, porque suscita perguntas novas a uma já posta questão. Dessa forma, autor, obra e leitor relacionam-se em um determinado contexto, no momento da leitura.

Jauss em *Literatura como provocação* (idem) propõe sete teses para sustentarem sua teoria recepcional. A primeira delas centra-se na relação dialógica entre texto e leitor: sempre sobrevirá a atualização no ato da leitura, por isso um texto nunca é monológico ou atemporal.

---

<sup>10</sup> Neste trabalho far-se-á o acompanhamento e o confronto entre diferentes recepções, historicamente situadas.

A segunda tese alude ao saber prévio. Uma obra compõe-se de outras; mesmo renovada, não se apresenta como novidade absoluta. Ela reproduz o já conhecido. Isso gerará no leitor recordações, as quais determinarão uma atitude emocional.

Na terceira tese, Jauss (1994) explana a respeito da reconstituição do horizonte de expectativa. Segundo ele, a recepção dos leitores formará o valor da obra literária. A reconstituição do horizonte de expectativa ocorre a partir da lógica de pergunta e resposta – que é o arcabouço da hermenêutica –, mostrando como se dão as observações textuais em épocas distintas. Para o entendimento de um texto é indispensável compreender a pergunta para qual ele estabelece uma resposta.

A quarta tese refere-se à relação dialógica, isto é, a diferença de compreensão que a obra provocou no momento presente de sua leitura. As expectativas desse público leitor podem ser atendidas, frustradas, ou rompidas.

Na quinta tese, Jauss trata a leitura de um texto literário sob o enfoque diacrônico, ou seja, a obra literária compreendida em sua evolução no tempo, a partir do cotejamento de diferentes recortes recepcionais.

A sexta tese entende a obra literária sob o enfoque sincrônico, o texto visto como um conjunto de fatos que coincidem no tempo, sem levar em conta o processo evolutivo. Cada época, cada momento, tem uma compreensão de leitura. Para Jauss é do encontro entre os cortes diacrônico e sincrônico que se verificará a historicidade da literatura. O valor da obra pode ser determinado por meio das variadas compreensões de leitura em fases diferentes, sendo que em determinado período haverá maior ou menor valorização que em outros.

Na sétima tese, Jauss explica o caráter emancipatório da obra literária. Esta, por apresentar uma nova realidade, rompe com os horizontes de expectativa do leitor e possibilita a formação de um leitor crítico, capaz de criar novos caminhos em suas ações hermenêuticas futuras.

Fazendo uma leitura dos princípios expostos pela teoria recepcional, Terry Eagleton (2006) reconhece que a leitura é, em síntese, uma reescritura do texto. Para essa reescritura é necessário um leitor atento, pois o leitor/autor

habilidoso pode ser considerado um bom escritor. O conhecimento global da obra por esse leitor é que empresta riqueza ao texto.

*O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho da linguagem. Na terminologia da teoria da recepção, o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página (Eagleton, 2006: 116).*

Para Jauss, há dois modos de *recepção*: o primeiro refere-se ao processo em que se materializam os efeitos<sup>11</sup> com o significado para o leitor contemporâneo da obra. O segundo diz respeito ao processo histórico pelo qual o texto é recebido<sup>12</sup> e interpretado pelos leitores diversos. Tais movimentos permitem estabelecer um elo mais consistente com as teorias que vinham sendo desenvolvidas por Wolfgang Iser (2011) – que se caracterizavam, sobretudo, pelo acentuado grau de exame do ato de leitura – e dão um passo substancial na construção de um procedimento de análise das relações entre texto e leitor.

Para Iser (1996), o leitor atento precisa de fases sucessivas de leitura para apreender um texto, pois não é capaz de compreendê-lo em um só momento. Iser preocupa-se com o efeito e a reação do leitor frente à obra; para ele, o leitor deve ser maleável, precisa possuir a mente aberta e seguir as normas do texto, pois este sempre apresenta uma estrutura de apelo.

Iser preconiza, sobremaneira, a interação leitor/obra durante a leitura. Distintamente, Jauss preocupa-se com a recepção da obra, com a recuperação da historicidade literária.

---

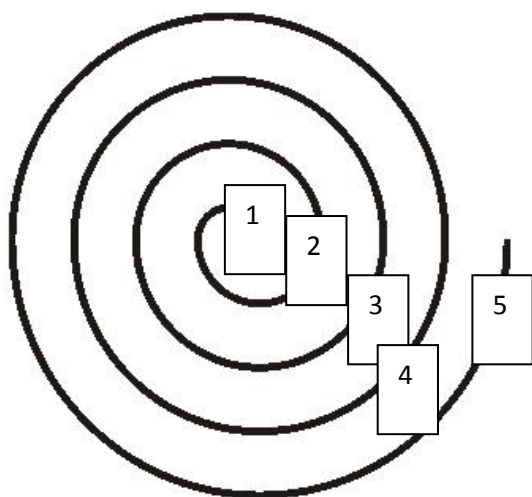
<sup>11</sup> O momento condicionado pelo texto. Momento da escritura do texto e/ou do tempo inerente ao texto.

<sup>12</sup> Momento da recepção, condicionado pelo leitor.

Para Jauss, cabe à hermenêutica literária a reflexão acerca das características estéticas da obra. Nessa hermenêutica há três fases (etapas): a compreensão, a interpretação e a aplicação. A compreensão decorre da primeira leitura, é a relação do sentir do leitor com o texto, de acordo com o seu horizonte de experiências.

Já a interpretação provém da análise e da reflexão do leitor, atribuindo à obra a consequência desse sentir. A aplicação é a leitura histórica, uma vez que recupera os momentos pelos quais a obra passou ao longo do tempo. Ao resgatar essa tradição histórica, espera-se que o leitor possa colocar-se na cadeia temporal, influir na construção do seu presente e dar uma contribuição aos futuros leitores, com uma nova exegese.

O esquema ao lado procura evidenciar o processo hermenêutico, segundo o pensamento de Jauss. Por meio dessa teoria, a estrutura circular que representaria (representava até o início do século XX) a interpretação textual, da forma que o entendimento do leitor voltaria ao autor, é substituída por um processo em elipse.



**Legenda:**

- 1 – momento da interpretação inicial, da gênese do texto,
- 2, 3, 4 – sucessivas análises realizadas em distintos recortes temporais,
- 5 – última leitura, que apenas amplia a espiral evolutiva das interpretações da obra.

Para Jauss, em decorrência dessas três fases hermenêuticas, com ênfase na terceira, o texto traça um processo em espiral, inconcluso, de

interpretações. Com isso, rompe-se a concepção de que há uma “interpretação verdadeira”, uma vez que a nova exegese é, apenas, a última, e não a única.

Jauss, (*apud* Cardoso Filho<sup>13</sup>, 2007) enfatiza que a *aplicação, portanto, deve ter por finalidade comparar o efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar o juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção.*

O pensamento básico de Gadamer (2008) para quem *compreender um texto é entender a questão que ele manifesta* vem ao encontro das teses de Jauss. De acordo com Gadamer, um texto escrito no passado pode suscitar novas questões a serem respondidas em um novo contexto; por estar reativado em um determinado contexto, influencia-o e é por ele influenciado.

A interpretação, para Gadamer (*idem*), começa sempre com conceitos prévios que serão substituídos (ou não) por outros mais adequados. É justamente esse constante ir e vir que faz o movimento de sentido – do compreender e do interpretar –, bases da estética da obra. No entanto, diante de qualquer texto, a tarefa do hermenêuta não é impor seus hábitos linguísticos e suas expectativas ao texto, mas, ao contrário, é simplesmente abrir-se à opinião do outro, no texto.

Para Gadamer, quem quer compreender um texto, em princípio, tem que permitir que ele lhe diga alguma coisa. Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva. Mas essa receptividade não pressupõe nem neutralidade com relação à coisa nem tampouco anulação do leitor, mas inclui a apropriação das próprias opiniões prévias e preconceitos.

A compreensão, para Gadamer, ocorre a partir de nossos (pré)conceitos – ou (pré)juízos –, que são muito mais que meros juízos individuais: são a realidade histórica do nosso ser. Sabe-se: ninguém nega a sua história, e o desafio é perceber sua complexidade, sua diversidade e sua relatividade.

Por último, o que deve ser ressaltado na hermenêutica gadameriana é que não há diferença entre a interpretação e a compreensão, pois

---

<sup>13</sup>**40 anos de Estética da Recepção: pesquisas e desdobramentos nos meios de comunicação.** Artigo publicado na revista digital *Diálogos Possíveis* da Universidade Federal da Bahia em 2007.

compreender é sempre interpretar. Aliás, Gadamer entende que o trabalho do intérprete se dá a partir de uma fusão de horizontes, porque compreender é sempre o processo de fusão dos horizontes. *Compreender uma tradição implica projetar um horizonte histórico que vai originar um novo horizonte presente.* Um texto histórico somente é interpretável a partir da historicidade do intérprete. Esse é mais um ponto de contato com Jauss.

Martin Heidegger (*apud* Eagleton, 2006) também reconhece que o significado é histórico. Para ele, se o tempo é o horizonte de toda compreensão, todas as teorias devem converter-se inelutavelmente em formações históricas. Ele propõe uma hermenêutica fundada no existencialismo. A hermenêutica heideggeriana explica-se na fenomenologia da própria existência humana: compreender é ser.

*Tal existência, argumenta Heidegger, é em primeiro lugar sempre ser-no-mundo: só somos sujeitos humanos porque estamos praticamente ligados ao nosso próximo e ao mundo material, e essas relações são constitutivas de nossa vida, e não acidentais a ela. O mundo não é um objeto que existe “fora de nós”, a ser analisado racionalmente, contrastando com um sujeito contemplativo: o mundo nunca é algo do qual possamos sair e nos confrontarmos com ele. [...] A existência humana é um diálogo com o mundo, e ouvir é uma atividade mais reverente do que falar (Eagleton, 2006: 95).*

Com relação à historicidade, percebe-se a convergência entre o pensamento de três importantes intelectuais: Heidegger, Walter Benjamin e Jauss. Se para Jauss (1994), a historicidade da literatura provém do processo de sucessivas leituras pelas quais passa a obra literária, para Benjamin (1992), a história desvela a sua face mórbida por meio da obra literária, sempre que dá voz aos esquecidos e aos vencidos.



Ainda segundo Benjamin, literatura e história entrelaçam-se pela leitura da realidade. Em sua teoria da reprodutibilidade, Benjamin<sup>14</sup> traça uma reflexão teórico-crítica da sociedade em mudança, influenciada pelo marxismo, pelo movimento operário, pela percepção da arte, pela evolução tecnológica, pelas questões políticas e pelas correntes filosóficas contemporâneas.

Benjamin apresenta, também, a possibilidade de um novo olhar sobre a obra de arte (literária), pois várias pessoas observam (leem) de formas diferentes e acrescentam suas visões a essas obras. A sociedade moderna vive em um contexto histórico político, do qual a literatura faz parte e não é subserviente, pois quebra e transgride normas. Nesses aspectos, o diálogo com Jauss é relevante.

Ao analisar as ideias de Benjamin, percebe-se que a sociologia torna-se uma forma de interpretação não-sistemática e não-pertencente a qualquer linha de crítica literária. Essa forma de leitura interpretativa engloba história, literatura e outras manifestações culturais, demanda reflexão, exige observação acurada da origem da obra e das mudanças oriundas das transformações socioculturais.

Por fim, para que esta pesquisa se complete, não se pode esquecer os estudos do mestre russo Mikhail Bakhtin<sup>15</sup>, já que ele preconiza que a literatura é um fenômeno estético articulado a um contexto cultural mais amplo. De acordo com a concepção bakhtiniana, a voz romanesca (voz que fala no romance) é polifônica, pois carrega várias vozes, discursos diversos; estabelece relações exotópicas e dialógicas entre o autor-criador, a obra e o leitor.

Para Bakhtin (2002), ao escrever, o romancista representa a ideologia da época, por intermédio da fala do outro, da fala cotidiana do meio em que vive. O autor-criador utiliza o plurilinguismo social que é “*a consciência da*

---

<sup>14</sup> O pensamento de Walter Benjamin adéqua-se, perfeitamente, ao que acontece com a escritura e a recepção do texto lobatiano.

<sup>15</sup> Mikhail Bakhtin, teórico russo, escreveu sobre a teoria do romance. Ele dedicou a vida à definição de noções, conceitos e categorias de análise da linguagem com base em discursos cotidianos, artísticos, filosóficos, científicos e institucionais. Foi um dos mais destacados pensadores de uma rede de profissionais preocupados com as formas de estudar linguagem, literatura e arte.

*diversidade das linguagens do mundo e da sociedade que orquestram o tema do romance*” (2002: 134).

Bakhtin considera o romance um gênero que, ao expor o presente, descobre um tempo que não é o seu. Essa transtemporalidade, ou atemporalidade, permite ao leitor conhecer, aceitar ou não, o ponto de vista ficcionalizado pelo autor sobre a vida e o mundo.

A representação literária da linguagem, segundo Bakhtin, evidencia-se na estilização, na paródia. Por meio do argumento do romance destacam-se os sujeitos falantes e seus universos ideológicos, reconhecem-se a linguagem autoral e a linguagem do outro, assim como as duas visões de mundo – do interlocutor e do locutor.

Com tais fundamentos, da teoria da literatura, passa-se a evidenciar as várias leituras que foram feitas, ao longo dos dois últimos anos, na posição de pesquisadora, tentando contribuir para o esclarecimento da questão de ser o cidadão Monteiro Lobato partidário ou não dos princípios da eugenia, pulsante em nossos dias de 2012. A partir do texto *O Presidente Negro* traçam-se afirmações e negações que podem ser estendidas a todas as obras lobatianas e, em consequência, universalizam-se as conclusões desta investigação.

### 3. AS DIFERENTES FACES LOBATIANAS

*Quantas pessoas cabem embaixo de uma máscara?*

*Quantas máscaras cabem embaixo de uma pessoa?*

Carlos Bernardi

Na quietude de uma pequena cidade do interior paulista, nasce para o mundo um personagem de múltiplas facetas: José Bento Monteiro Lobato, o irrequieto Juca. Os fatos da vida de José Bento parecem criados pelo ficcionista Monteiro Lobato. Suas ideias, seus pensamentos, seus posicionamentos, muitas vezes polêmicos, apresentam um homem de diferentes faces.

José Renato Monteiro Lobato nasceu no dia 18 de abril de 1882, na cidade de Taubaté, em São Paulo. Era filho primogênito de José Bento Marcondes Lobato e Olímpia Augusta Monteiro Lobato, esta filha do Visconde de Tremembé, avô que o influenciou sobremaneira. Lobato foi registrado José Renato, no entanto, aos onze anos, por causa da bengala do pai (que continha as iniciais JBML), ele decidiu mudar o próprio nome para José Bento (1893): surpresa<sup>16</sup> vinda de Lobato.

Quando tinha entre quatro e cinco anos, com ajuda de sua mãe, Dona Olímpia, José Renato aprendeu a ler e a escrever. Aos seis anos redigia bilhetes, porém o de que ele mais gostava era desenhar e pintar<sup>17</sup>. Gostava tanto de desenho e pintura que quis cursar a Escola de Belas Artes, mas, impedido por seu avô, teve que estudar Direito<sup>18</sup>.

O pendor para a pintura reflete-se, entretanto, na literatura. Em suas cartas a Godofredo Rangel, reunidas e publicadas no livro *A Barca de Gleyre* (1961), Lobato diz que não é escritor, mas sim um pintor. Afirma inúmeras vezes que, ao escrever, pinta com as palavras, pois se sente pintor. Lobato,

---

<sup>16</sup> Conforme registra o *Jornal O Estadão*, em 25 de outubro de 2010, não há comprovação de que Lobato recebeu o nome de batismo de José Renato.

<sup>17</sup> Essa informação encontra-se *Minhas memórias de Lobato*, Luciana Sandroni, de 1999, p. 20

<sup>18</sup> Essa e outras relevantes informações estão em *O Furacão da Botocúndia*, de Azevedo, Camargos e Sacchetta, 2000, p.220.

durante as aulas na Faculdade de Direito, fazia caricaturas dos professores e dos colegas nas margens dos livros. Conforme afirma Alberto Conte, em *Monteiro Lobato: o Homem e a Obra*, foi um “precioso material perdido ao longo da vida” (Conte, 1948: 14).

José Renato foi um menino traquina, espirituoso<sup>19</sup>, brincalhão. Um fato curioso da infância de Lobato foi seu encontro com D. Pedro II, Imperador do Brasil. Desse episódio, ele se recordava muito bem e se referia à imensa barba e à voz fina de D. Pedro.

Apesar de travesso, José Renato gostava muito de ler; lia tudo que havia na biblioteca do avô materno. Naquela época, não existiam muitos livros para crianças no Brasil. Toda a literatura era importada: *Robinson Crusóé*, *O menino verde* e *João Felpudo*. Tais livros eram lidos e relidos por Monteiro; lia oralmente, inclusive, para as irmãs menores e para os filhos dos colonos da fazenda. Gostava também de escrever. Na escola em Taubaté, criou o periódico *H<sub>2</sub>O*, jornal manuscrito em uma só folha que era lida por todos<sup>20</sup>. Esta pode ser apontada como outra surpresa desta personalidade *sui generis*.

Aos treze anos foi para São Paulo prestar exames de admissão e foi reprovado na prova oral de português. Este fato constituiu uma surpresa para todos, já que era leitor voraz e escritor colaborador dos jornais escolares. Talvez venha daí a aversão às regras gramaticais.

Em 1866, com quatorze anos, prestou novamente os exames preparatórios e foi aprovado. Estudou no curso anexo à Faculdade de Direito até 1898. Ainda adolescente perdeu os pais: em junho de 1898, o pai; um ano depois, a mãe. Quem assumiu sua educação foi o avô materno. Em 1900, tornou-se estudante de Direito da Faculdade de Direito do Largo de São

---

<sup>19</sup> Por ser irmão mais velho de Ester e Judite, gostava de pregar-lhes peças. Certa feita, o pai precisou matar o cão chamado *Blondel* por ele estar com raiva; enterrou-o embaixo de uma laranjeira; Lobato disse às irmãs que quem chupasse as laranjas daquele pé enlouqueceria. As irmãs ficaram apavoradas e não se aproximaram mais do pomar. No entanto, um dia elas o encontraram consumindo as tais laranjas; ficaram muito bravas e foram contar à mãe.

Outra traquinagem de José Renato: D. Olímpia recebeu visitas – consideradas inconvenientes por ele – e pediu que Generosa (uma ex-escrava) fizesse um suco. Ela fez um suco de limão que ficou muito azedo; por isso, resolveu fazer um de abacaxi. Porém Lobato resolveu servir o de limão e ficou escondido vendo as caretas das visitas. Quando a mãe percebeu, zangou-se e o pôs de castigo.

<sup>20</sup> Informação lida em *Minhas memórias de Lobato*, 1999, p. 14-27.

Francisco, em São Paulo. Foi um aluno medíocre, pois não se interessava pelas leis; queria escrever e pintar.

Com um grupo de amigos, alguns deles colegas na Faculdade de Direito – Ricardo Gonçalves, Albino Camargo Neto, Cândido Negreiros, Godofredo Rangel<sup>21</sup>, Tito Lívio Brasil e Lino Moreira, entre outros –, formou, em 1902, o grupo Cenáculo, também autodenominado *Cainçalha*, que passaria a se reunir no Café Guarani e na república estudantil do *Minarete*, casarão do Belenzinho onde morava Godofredo Rangel. Nessas reuniões discutiam a respeito de tudo: literatura, filosofia, política. Por serem jovens, no início do século XX, e por estarem assistindo a mudanças significativas – o bonde elétrico estava surgindo no Brasil, o cinema era uma grande novidade, e apareciam os primeiros automóveis – eles achavam que podiam modificar o mundo.

Nesse contexto de transformações, vivia Lobato a inquietação da juventude. Influenciado pelas ideias socialistas vigentes no mundo, ele defendia uma sociedade sem classes, sem grandes diferenças entre os muito ricos e os miseráveis, apesar de pertencer à parte privilegiada da sociedade<sup>22</sup>. Era anticonvencional, não media as consequências ao defender suas ideias, sua verdade; dizia o que pensava, aquilo em que acreditava.

Um dos amigos de Lobato, Benjamin Pinheiro, fundou um jornal em Pindamonhangaba. Convidou-o e a seus pares do Cenáculo para escreverem artigos para o jornal. Por sugestão de Monteiro, o periódico recebeu o nome de *Minarete*. Esse semanário propiciou a Monteiro dar vazão à criatividade; escrevia usando pseudônimos diversos e, principalmente, ele e os amigos divertiam-se. Desde sempre Monteiro Lobato revestiu-se de muitas faces<sup>23</sup>.

Em quinze de dezembro de 1904, colou grau em Direito. A festa de formatura aconteceu na noite de Natal. Terminava então a fase de falta de compromisso, de vida boêmia, de divertimento, de absoluto movimento. Findava-se a época repleta de momentos culturais, de criatividade irreverente.

---

<sup>21</sup>Data do início do século XX a amizade com Godofredo Rangel que pode ser acompanhada nos dois volumes da obra *A Barca de Gleyre*.

<sup>22</sup> Em *Minhas memórias de Lobato*, 1999, p. 32, encontra-se essa informação.

<sup>23</sup> Entre os pseudônimos destacam-se Lobatoievski, Pascalon, Oscarino, e outros. Essas informações encontram-se registradas em *O Furacão da Botocúndia* (2000, p. 22).

Entretanto permanecia a constante reflexão acerca do futuro, referente aos rumos que os amigos e ele tomariam. Em a *Barca de Gleyre* escreve a Godofredo Rangel que era necessário “saber sentir, saber ver, saber dizer.”<sup>24</sup>

No retorno a Taubaté, foi recebido com festas: era um “doutor”. Porém, de acordo com o próprio conceito, não passava “de um filoxera<sup>25</sup> social que sai do casulo”. Há registro de que, no período pós-formatura, Lobato sentia-se entediado, tinha saudade dos amigos, da agitação da capital. Passava os dias escrevendo e lendo. Contribuía ainda com o *Minarete* de Pindamonhangaba.

Nada de muito significativo aconteceu na vida monótona da pacata Taubaté, até o começo de 1906 com a chegada de Maria Pureza Gouvêa Natividade, a Purezinha. Ela era neta de um antigo professor, Doutor Quirino. Completamente apaixonado, Lobato queria casar-se, porém ainda não trabalhava e dependia economicamente do avô. Em 1907, no entanto, tornou-se promotor em Areias, São Paulo. Para Lobato, a vida em Areias era uma pasmeira: nada acontecia. O que o salvava era a leitura da literatura: Homero, Machado de Assis, Camilo Castelo Branco e outros clássicos preenchiam suas horas vazias.

Na única causa conhecida que ele defendeu em Areias, cunhou a palavra “urupês”<sup>26</sup>, termo simbólico em sua carreira de escritor. Continuou escrevendo para jornais e revistas: *Tribuna de Santos*, *Gazeta de Notícias do Rio* e *Fon-Fon*. Enviava, também, caricaturas e desenhos. Sem ânimo para nada, sem estímulos para criar algo que o satisfizesse, tentou convencer Purezinha a se casar, o que aconteceu em março de 1908. Os dois primeiros filhos: Marta e Edgard nasceram em 1909 e 1910, respectivamente. Guilherme em 1912 e Rute em 1916.

A mente fervilhante de Monteiro não se adaptou à tranquilidade excessiva da vida no interior. Ele pensava em ir para o Nordeste e tornar-se industrial; pintava quadros, escrevia contos, traduzia artigos. Fez com as

---

<sup>24</sup>Essa informação pode ser lida em *O Furacão da Botocúndia*, 2000, p.24.

<sup>25</sup> Filoxera é o nome de um inseto que produz uma doença nas vinhas – uma praga. Essa informação também pode ser lida em *O Furacão da Botocúndia*, 2000, p.24.

<sup>26</sup>Urupê é um parasita que nasce no tronco da árvore e as raízes do parasita sugam toda a seiva da planta, até ela morrer.

próprias mãos as peças da mobília da casa. Em Areias, com preocupações financeiras crescentes, ocupava seu tempo com o trabalho intelectual e o trabalho manual<sup>27</sup>.

Em 1911, após a morte do avô, Lobato herdou a fazenda São José do Buquira. Tornou-se fazendeiro de dois mil alqueires, com muita vontade de ser o maior e o melhor da região. Ele gostava de acordar com os passarinhos, de tomar banho de cachoeira, de andar a cavalo. Resolveu unir as duas paixões: ser escritor e fazendeiro. Data dessa época a criação de praticamente todos os contos do primeiro livro: *Urupês*.

Em 1914, eclodiu a Primeira Guerra Mundial, e o Brasil sofreu dificuldades econômicas. Nesse período, Monteiro percebe que suas terras estavam desgastadas e não produziam o suficiente. Culpou o caboclo, pois tinha comprado máquinas modernas, importado animais e não conseguiu a produção pretendida. Com vigor escreveu um artigo para o jornal o *Estado de São Paulo*, denunciando o problema sério do agricultor brasileiro – a queimada – chamou-o de “Velha Praga”. Há quase cem anos a preocupação de Lobato com a ecologia ficava clara. Esse artigo tornou seu nome conhecido, ele recebeu convites para conferências e muitos telegramas de apoio.

Após um mês da publicação de “Velha Praga”, escreveu “Urupês”, mais um artigo sobre as queimadas. Engendrou Jeca Tatu, o personagem que representa o caboclo brasileiro, sugador das seivas da terra. Nessa época, foi a São Paulo, escreveu artigos para o *Estado de São Paulo*, desistiu de ser fazendeiro, vendeu a fazenda em 1917 e se estabeleceu na capital paulista. Colaborou com a *Revista do Brasil*, cuja linha editorial nacionalista queria mostrar o país para os brasileiros (anexo 03 – fragmento de texto), e propunha-se a valorizar as coisas da nossa pátria, a cultura nacional.

---

<sup>27</sup>Azevedo, Camargos, Sacchetta, *O Furacão da Botocúndia*, 2000, p.28.

**REVISTA DO BRASIL**

PUBLICAÇÃO MENSAL DE CIÊNCIAS,  
LETRAS, ARTES, HISTÓRIA E ACTUALIDADES

Director: MONTEIRO LOBATO.  
Secretario: ALARICO F. CAIUBY.

Directores nos Estados:

Rio de Janeiro: José Maria Bello.  
Minas Geraes: J. Antonio Nogueira, Belo Horizonte.  
Pernambuco: Mario Sette, Recife.  
Bahia: J. de Aguiar Costa Pinto, S. Salvador.  
Ceará: Antonio Salles, Fortaleza.  
R. Grande do Sul: João Pinto da Silva, P. Alegre.  
Paraná: Seraphim França, Corityba.  
Amazonas: João Baptista de Faria e Souza, Manaus.

ASSIGNATURAS

Anno . . . . .	15\$000
Seis mezes . . . . .	8\$000
Edição de luxo, anno . . . . .	22\$000
Seis mezes . . . . .	12\$000
Numero avulso . . . . .	1\$500

Assignatura com direito a registro no correio: mais 2\$400 por anno.

REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO:  
RUA DA BOA VISTA, 52. SÃO PAULO

Caixa Postal: 2-B — Telephone, 1603, Central  
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao secretario.

Comprou a *Revista do Brasil*, editou os livros para adultos a partir de 1918. Engajou-se em campanhas para tentar solucionar os problemas brasileiros: queimadas, petróleo, formigas, falta de saneamento (anexo 4 – saneamento e higiene), a monocultura do café; usou a arma que lhe era mais propícia: a escrita.

Em 1919, a *Revista do Brasil* se transforma em

Monteiro Lobato & Cia (anexo 01), a primeira editora brasileira. Antes, os livros dos escritores brasileiros eram publicados em Portugal. Nesse período, são editados alguns volumes de contos: *Cidades Mortas*, *Negrinha* e *O macaco que se fez homem* (com base na teoria de Darwin). Esses contos foram escritos quando ele ainda vivia em Areias e na Fazenda Buquira. Lançou também *Ideias de Jeca Tatu*, *Mundo da Lua* e *A onda verde*, livros que reuniam os artigos publicados em jornais. Lobato estava feliz. Era lido e conhecido pelo leitor brasileiro.<sup>28</sup>

Ele tinha comprado muitas máquinas modernas para impressão dos livros, devia aos bancos e não teve como pagar por causa da Revolução de 1924 e da terrível seca paulista, fatos que o obrigaram a parar as impressoras. Em 1925, acabou-se a alegria como editor: a Monteiro & Cia pediu falência. Após a falência, mudou-se para o Rio de Janeiro e passou a escrever para os jornais *O Jornal* e *A Manhã*. Redigiu nessa época os artigos publicados no livro *Mr. Slang e o Brasil*. Esses artigos continham críticas irônicas a respeito dos problemas brasileiros: a inflação, a política, a corrupção, a burocracia, a educação, a pobreza. Ele consegue, não sem dificuldade, pagar os credores e ainda abrir uma nova editora, a Companhia Editora Nacional.

<sup>28</sup>Luciana Sandroni, *Minhas memórias de Lobato*, 1999, p. 61.



Por causa dos artigos polêmicos, em 1927, o então Presidente Doutor Washington Luís convidou Lobato para ser adido comercial nos Estados Unidos. O escritor que apreciava *the american way of life* e achava que o Brasil tinha que seguir os passos americanos, e não os franceses, ficou contente e foi com toda a família para Nova York. Lá se deslumbrou com a riqueza, com o progresso, com as estradas americanas. Ele ficou nos EUA até 1931 e voltou convencido de que a saída para o Brasil era a exploração de suas riquezas naturais.

Ainda nos Estados Unidos, escreveu aos governantes brasileiros para incentivá-los a produzir ferro e a explorar petróleo, mas não recebeu nenhuma resposta animadora. Ao voltar ao Brasil, fez inúmeras conferências a respeito da melhor forma de produzir ferro e petróleo, porém as pessoas o aconselhavam a desistir, pois no Brasil não havia petróleo. Teimoso por natureza, Monteiro insistiu: criou a Companhia Petróleo do Brasil e pedia às pessoas que comprassem as ações com o objetivo de começar a exploração. Tanto fez que achou petróleo em uma cidade da Bahia, que passou a ser chamada Monteiro Lobato, em sua homenagem<sup>29</sup>.

Todavia, o Presidente Getúlio Vargas, por não querer contrariar os interesses norte-americanos que vendiam petróleo ao Brasil, e devido à insubordinação de Lobato em atender às chamadas presidenciais, ordenou-lhe a prisão. Recluso permaneceu por três meses, período em que aproveitou para escrever vários livros e traduzir outros tantos. Mas a realidade que ele encontrou na prisão o deixou entristecido: tortura de presos. Ele escrevia denunciando essas barbaridades; porém nada aconteceu na oportunidade.

Em 1938, morreu Guilherme e, em 1943, Edgar, seus filhos. Lobato sofreu muito com a morte deles e se culpava por achar que não havia dado a devida atenção à família, em função de estar sempre envolvido em polêmicas.

Em 1945 publicou, pela Livraria Editora Braziliense (fundada por ele em 1944), suas *Obras Completas*: mais de trinta volumes, escritos e revisados por

---

<sup>29</sup> A professora Doutora Maria Afonsina Ferreira Matos, no dia 23/11/2012, ressaltou “embora haja quem afirme que o bairro de Salvador/BA, onde jorrou o primeiro poço de petróleo brasileiro, tenha recebido o nome Lobato em homenagem ao escritor, essa informação não procede”, pois o dono da fazenda à época chamava-se Francisco Rodrigues Lobato.

ele. Foi nessa época que Lobato percebeu que, apesar de ter passado a vida tentando enriquecer como empresário, ganhou dinheiro com a literatura e perdeu tudo com os negócios.

Lobato tornou-se conhecido e apreciado em todo o Brasil; seus livros infantojuvenis foram adotados nas escolas. Houve, todavia, muitas críticas. Um colégio de freiras fez uma fogueira com seus livros porque Lobato dizia que o homem descendia do macaco.

Decepcionado, em 1946, foi morar em Buenos Aires de onde escrevia criticando o Brasil e criando polêmicas. Em 1947, voltou a São Paulo, cansado e doente. No dia 4 de julho de 1948, na quietude da madrugada, uma síncope paralisou as mãos do reconhecido escritor que vivia dizendo que ia se encontrar com seus filhos.

### **3.1 Obras de Lobato**

*A leitura faz do homem um ser completo;  
a conversa faz dele um ser preparado,  
e a escrita o torna preciso.*

Francis Bacon

Segundo Edgard Cavalheiro (1955), biógrafo e depositário do acervo de Lobato, o criador de *O Presidente Negro* falava não haver sido, em criança, um “contador” das coisas que fazia ou passava, nem se lembrava com exatidão de quando havia começado a escrever e por quê. Monteiro, adulto, distinguiu-se não só como escritor de literatura ficcional, mas também como polemizador da realidade cultural brasileira.

Escreveu em diferentes gêneros literários: artigos, cartas, contos, novelas, crônicas, um romance e muitos livros dedicados ao público infantojuvenil. Redigiu a respeito de variados temas, entre os quais a escravidão. Discutiu assuntos religiosos, amorosos, econômicos, ficção científica e acusou o tipo de vida do homem do campo; enfim, deixou para a literatura brasileira um inestimável legado.

De acordo com o Projeto Memória (2011), *Monteiro Lobato era um homem movido a paixões: paixão pelas crianças, paixão pelo Brasil, paixão*

*pela comunicação*. A leitura de suas obras permite o encontro do leitor com um mundo de surpresas e de encantos, capaz de despertar emoções diversas. De acordo com Alberto Conte (1948), o cérebro lobatiano assemelha-se a uma caldeira em que fervem pensamentos transbordantes em seus textos com humor, ironia e paixão.

De estilo original, às vezes pleno de humor, outras vezes irônico, seus escritos encantavam (e encantam ainda) os leitores, devido também a uma linguagem fluente, brasileira, natural. O vocabulário é rico e ao mesmo tempo de fácil entendimento; suas ideias eram (e são) criativas e seus personagens, inusitados. Há na escrita de Monteiro criticidade, idealismo, doçura e rebeldia.

### **3.1.1 Cronologia das obras de temática adulta**

As obras de temática adulta<sup>30</sup> ressaltam basicamente a postura política do escritor, observada a partir da militância intensa na posição de jornalista e de editor. Os textos iniciais mostram a grande preocupação com a situação do povo brasileiro e seu engajamento nas lutas por mudanças na sociedade. Em consequência dessa convicção ideológica, sofreu as agruras das prisões e da perseguição.

Toda sua vida e seu trabalho estiveram dedicados à luta pela preservação dos valores culturais da nação e à manutenção das riquezas naturais. Monteiro Lobato, comunicando-se com as pessoas, valorizou sobremaneira o diálogo, principalmente com as crianças. Quando escrevia em jornais, tinha o hábito de fazer questionários e pedir a opinião de seus leitores, como se o motivasse a busca de parceiros para as brincadeiras.

Por querer mostrar as coisas do Brasil, resolveu fazer uma enquete a respeito de uma lenda do folclore brasileiro: *Saci Pererê* (anexo 06 – resenha e divulgação). Em 28 de janeiro de 1917, sob o título de *Mitologia brasileira*<sup>31</sup>, o

---

<sup>30</sup> A maioria dos escritores utiliza a terminologia literatura geral, porém optamos por usar a caracterização de temática adulta em razão de contrastarmos com a temática infantil, pela qual Monteiro ficou conhecido principalmente no Brasil, em virtude do seriado Sítio do Pica-pau Amarelo (re)transmitido pela Rede Globo de Televisão.

<sup>31</sup> *Mitologia Brasileira*, artigo escrito por Monteiro ter-se irritado com as esculturas de anõezinhos vestidos à moda alemã que estavam no Jardim da Luz, em São Paulo. Resolveu, pois, resgatar algum elemento do folclore brasileiro e decidiu-se pelo Saci Pererê.

jornal o *Estado de São Paulo* anunciou: “O Estadinho inaugura hoje uma série de estudos em que todos são chamados a colaborar. Abre um inquérito, ou *enquête*, como diz o Trianon na sua meia língua. Sobre o futuro presidente da República? Não. Sobre o Saci.” (*Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*, 37).

Dessa enquete surge *O Sacy-Pererê resultado de um inquérito*, o primeiro livro, efetivamente, publicado por Lobato, em 1918. Com esta obra, Lobato pretendeu recuperar, ficcionalmente, a lenda brasileira de um personagem já presente no imaginário popular: um negrinho endiabrado, o Saci Pererê. Essa figura está entre os personagens do universo étnico explorado pelo autor.

Em 1918, dá-se o lançamento de *Urupês*<sup>32</sup>, um volume de contos, considerado clássico da literatura brasileira. O texto, que dá nome ao livro, retrata o drama da população rural. Nessa obra, baseada em dois artigos publicados no jornal *O Estado de São Paulo – Urupês e Velha Praga –* Monteiro denunciava, por meio do personagem emblemático Jeca Tatu, um caipira julgado preguiçoso e fatalista, em uma postura ambientalista, as queimadas na Serra da Mantiqueira. Em discurso proferido no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, Rui Barbosa fez longa referência ao Jeca Tatu. Com isso, rapidamente se esgotou a terceira edição de *Urupês*.

Em outra obra, datada também do ano de 1918, *Problema vital*<sup>33</sup> há uma epígrafe intertextual que registra: “*O Jeca não é assim: está assim*”. Nesta, Lobato reafirma sua fé no brasileiro, pelo resgate da figura do caboclo; reconhece que foi intransigente com o campesino e culpa o governo que não se preocupava com o homem do campo, pois não lhe dava condições de vida digna. Suas denúncias sobre o estado de saúde do povo provocaram grande repercussão na opinião pública, obrigando o governo a adotar providências.

Para *Cidades Mortas*, entregue ao público em 1919, Lobato traçou um retrato bem nítido do que era São Paulo nos anos 20. Reuniu escritos do tempo de estudante e textos que retratavam a decadência das outrora ricas regiões cafeeiras. Nela a língua ferina de Monteiro Lobato ataca o marasmo político-

---

<sup>32</sup> Este livro é hoje considerado obra-prima do escritor.

<sup>33</sup> Esta segunda obra também reúne uma série de artigos publicados em *O Estado de São Paulo*.

econômico-literário de seu tempo. Cada conto descreve personagens brasileiros típicos, situações engraçadas em comportamentos diversos. Nos textos, aparece a transição na agricultura brasileira que veio a provocar a grande crise do café, ocorrida em 1929.

Nesse mesmo ano, surge *Idéias de Jeca Tatu*. Segundo Cademartori (2006), esta obra trata de assuntos relacionados à linguagem, à religião, ao comportamento na sociedade, manifestando-se contrário às futilidades de um encontro em casas de família. Monteiro estabelece, pois, uma ligação entre a literatura e as questões sociais.

Segundo a notação de *Minhas memórias de Lobato*, no início da década de 1920 ocorreu a polêmica crítica sobre a exposição da pintora Anita Malfatti (anexo 06 – resenha), que pintava sem copiar fielmente a natureza, usava “licença poética na natureza, como os poetas.” Lobato, que se dizia pintor, não aceitou essa modernidade, julgando que Anita apenas copiava as modas francesas. Entretanto ele inovou na literatura, modificou a linguagem, tornando-a mais coloquial, mais próxima do leitor.

Data de 1920 *Negrinha*, livro de contos que abordam variados assuntos. A mentalidade escravagista aparece na história que nomeia o livro, em que Lobato denuncia, de forma decisiva, um regime desumano que continuava vigente nas mentes e nos hábitos dos senhores de escravo, mesmo após a abolição. Os personagens dos contos retratam a população brasileira do início do século XX: o soldado patriótico, o fazendeiro falido, o coronel egoísta, o jardineiro artista das flores, a esposa infeliz, a viúva cruel, a criança maltratada, o gramático mal-humorado. Esta obra era *filhote de livro para fazer uma experiência: se vale mais a pena lançar ‘livros inteiros’ a 4 mil réis ou ‘meios livros’ a 2\$500*, dizia Lobato (*apud* Cavalheiro, 1955: 52).

Em *A onda verde*, de 1921, Lobato explora os problemas ambientais de sua época<sup>34</sup>. Como um nacionalista, não se exime de denunciar a destruição das florestas virgens, digeridas pela árvore que dá ouro: o café. Lobato aponta

---

<sup>34</sup> Há noventa anos, Lobato conseguiu prever os problemas atuais enfrentados pelo ser humano em relação à natureza: o desmatamento desmedido, a monocultura, a grilagem de terras; enfim, Lobato usou o “porvirosópio”, não só na ficção científica, mas também ao antecipar a degeneração do planeta Terra hoje.

os bandeirantes (antigos e modernos) como culpados pela derrubada de jequitibás e perobeiras milenares. Outra denúncia importante do livro é o "grilo", que, segundo Lobato, é o precursor da onda verde. Com a chegada dos "grileiros", acabam os costumes dos antigos moradores da região, extingue-se a floresta e a fauna, em troca dos extensos cafezais.

*O macaco que se fez homem*, publicado em 1923, compõe-se de 10 contos que retratam hábitos da sociedade brasileira. O texto que abre o livro é uma parábola baseada nas teorias de Charles Darwin acerca da evolução das espécies. Nas palavras de Monteiro a Godofredo Rangel, em 7 de outubro de 1923: *Estou revendo as provas do meu novo livro, O macaco que se fez homem, no qual reformo o Gênesis e Darwin quanto ao surto do Homo sapiens* (Lobato, 1961: 258)

A primeira edição de *Mundo da Lua* data de 1923. Nela estão reunidos uns escritos de Lobato retirados de um diário de sua juventude. Na edição das obras completas, foram acrescentados outros escritos posteriores que ajudam a compreender a mocidade do Autor<sup>35</sup>.

Consta que, em 1924, foi publicada a obra *O garimpeiro do Rio das Garças*<sup>36</sup>. E em 1926, Monteiro publicou *O choque das raças ou O presidente negro*<sup>37</sup>.

*Mr. Slang e o Brasil: colóquios com o inglês da Tijuca*, livro de crônicas da vida brasileira, foi publicado pela Editora Nacional em 1927. Slang, na representação de um velho inglês, em longos bate-papos com um carioca, vai tecendo críticas ao modo de governar brasileiro e levantando denúncias aos males da ditadura de Arthur Bernardes. Nesse texto Lobato critica os problemas reais do Brasil mascarado e na voz de um norte-americano.

*O Ferro* relata a luta de Lobato ao uso de solução brasileira para a exploração do minério de ferro. Para ele, Volta Redonda não era a solução

---

<sup>35</sup> A partir desta obra até *a barca de Gleyre*, publicada em 1944, as informações acerca dos textos, apresentadas cronologicamente, foram colhidas, essencialmente, do sítio [www.projetomemoria.art.br/monteirolobato](http://www.projetomemoria.art.br/monteirolobato), acessado diversas vezes em 2011. Assim, além dos dados redigidos por esta autora, há outros detalhes que podem ser conferidos nesse local.

<sup>36</sup> Apesar das pesquisas, não se conseguiu encontrar esse texto, nem comentários a respeito dela.

<sup>37</sup> Isento-me de comentar, neste espaço, já que essa obra é o *corpus* desta dissertação.

mais apropriada ao Brasil. Monteiro defendia que o grande futuro da nossa siderurgia estava na redução dos óxidos de ferro em baixa temperatura. A primeira edição de tal livro, datada de 1931, obteve grande sucesso de vendas.

Em *América* (1932) Lobato revive o personagem inglês, *Mr Slang*, e com ele percorre os Estados Unidos, mostrando a pujança daquele país; tece comparações com o Brasil, buscando soluções que possam servir para tirar este país do atraso. Depois de passar 4 anos nos Estados Unidos, Lobato volta ao Brasil para dedicar-se inteiramente a lutar pelo petróleo e pelo ferro.

O prefaciador da primeira edição de *Na antevéspera* (1933), talvez o próprio Lobato, registra "*está enfeixada uma série de reações ocorridas num período bem atormentado da vida brasileira. Todos sentíamos um terrível e indefinível mal ambiente. Um cheiro de fim. Era a República Velha que ia agonizando na presidência de Bernardes*", o tema desta obra.

Em 1935, edita *Contos leves* e, no ano seguinte, *O escândalo do petróleo*; este é um protesto indignado contra a burocracia federal que "não perfura, nem deixa que se perfure" para encontrar petróleo. Tinha uma dedicatória às Forças Armadas brasileiras dizendo: "*Exércitos, marinhas, dinheiro e mesmo populações inteiras nada valem diante da falta de petróleo*". Nesta obra, Lobato lança um desafio à ação das grandes empresas estrangeiras, assim como uma denúncia à submissão de nossas elites aos interesses delas.

Na década de 40, além de os *Contos pesados*, *O espanto das gentes* (1941) e *Urupês, outros contos e coisas* (1943), é editada *A Barca de Gleyre* (1944) que traz a epígrafe "Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel". Vai de 1903 a 1948<sup>38</sup>.

Conforme já foi explicado nos dados biográficos do Autor, Lobato se espanta: *quarenta anos do mesmo amigo e mesmo assunto, que fidelidade... E a conseqüência foi se tornarem uma raríssima curiosidade*. Lançada em 1944 é a última obra de Lobato pela Editora Nacional: retrata uma amizade desusada,

---

<sup>38</sup> Apesar de a primeira edição de *A Barca de Gleyre* datar de 1944, Lobato e Godofredo continuaram a se corresponder e por isso, na edição de 1961, a que consultei, aparecem as últimas cartas escritas pelo Autor para o grande amigo. A última delas escrita nas vésperas de São João e dias antes da morte de Lobato.

incomum e tocante. Apresenta o espírito lobatiano, suas inquietações, seus problemas financeiros, enfim, sua atitude diante da vida.

*Zé Brasil*<sup>39</sup> (1947) narra um sonho atribuído a Luis Carlos Prestes acerca de um lugar onde os lavradores seriam donos de um sítio, plantando e colhendo os frutos de sua labuta. Não é de se estranhar que o livreto, de 24 páginas, tenha sido apreendido em sucessivas investidas policiais no governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra<sup>40</sup>.

*Prefácios e entrevistas*<sup>41</sup> (1947) é um volume que, com prefácio de Marina de Andrade Procópio de Carvalho, reúne 20 prefácios e 17 entrevistas concedidas pelo Autor.

Sabe-se que "Minarete" era o nome que Lobato e seu grupo de amigos mais chegados davam ao chalé onde realizavam suas tertúlias. Depois serviu para batizar um jornal *Literatura do Minarete* (1948) que seu amigo Benjamim Pinheiro lançou em Pindamonhangaba. Nesse jornal todos colaboravam. O editor das obras completas reuniu em tal volume textos que Lobato publicara em diversos jornaizinhos, na juventude, enquanto estudante de direito (Fonte: [www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato](http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato)).

Há um volume de *Conferências, artigos e crônicas* (1948) com textos extraídos de revistas e jornais, de folhetos, discursos de agradecimento ou saudação, além de crônicas, parábolas e ensaios com os mais variados temas e assuntos que apresentam o pensamento e as ideias do homem Monteiro Lobato.

Em dois volumes, com prefácio de Edgard Cavalheiro, *Cartas escolhidas* (1948) reúne farta correspondência de Lobato, desde 1895 até 1948. Ao incorporar essas cartas às obras completas, os editores quiseram ampliar os

---

<sup>39</sup> O título *Zé Brasil* foi lançado pela Editorial Vitória em 1947, com ilustrações de Percy Deane, e publicado como folhetim no jornal comunista *Tribuna Popular*.

<sup>40</sup> Consta que edições clandestinas pipocaram pelo país, e no ano seguinte, em 1948, sairia uma versão ilustrada por Cândido Portinari pela Calvino Filho. (Fonte: [lobato.globo.com/misc\\_zebrasil.asp](http://lobato.globo.com/misc_zebrasil.asp))

<sup>41</sup> O enorme sucesso de Lobato como escritor o fazia ser constantemente procurado por intelectuais e escritores que queriam associar seus nomes ao de Lobato para conquistar o público e, principalmente durante a ditadura, por jornalistas de todas as partes, (Fonte: [www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato](http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato)).



subsídios para a compreensão do homem e do escritor. Nas palavras de Edgard Cavalheiro

*Que as novas gerações extraiam destas páginas as lições que elas encerram. Nada do grande homem é sonegado nestas cartas. Elas refletem uma personalidade realmente invulgar. E despida de todo o aparato das biografias. O homem-Lobato está vivo, palpitante, nestes volumes*  
(Fonte: [www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato](http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato)).

Em 1948, além de *Críticas e Outras notas*, estão reunidas *Cartas de amor* que Lobato escreveu para Purezinha durante o namoro e o noivado. Revelam os íntimos sentimentos do homem apaixonado.

### **3.1.2 Obras com temática infantojuvenil**

Mais da metade de seus livros, Monteiro Lobato escreveu para o público infantojuvenil. Pelo menos três gerações de brasileiros cresceram e se desenvolveram a partir das páginas de Lobato. Essas crianças aprenderam a ler em suas obras, cujas histórias expressam o pensamento lobatiano que influenciou e ajudou na formação intelectual e moral de milhares de brasileirinhos.

O *Sítio do Picapau Amarelo* é a sua principal obra infantojuvenil, traduzida no mundo todo, com seus 15 volumes de livros infantis. Fanny Abramovich (2005), estudiosa da literatura infantojuvenil, afirma que esta obra mostra um lugar em que tudo acontece e onde o saber é um privilégio e uma necessidade, pois não há o que Dona Benta desconheça, não há o que Tia Nastácia não queira fazer, não há lugar no mundo inteiro onde Narzinho e Pedrinho não tenham vontade de ir. Nesse sítio vivem, ainda, o Visconde de Sabugosa – um sábio sabugo de milho, a prodigiosa boneca Emília, o Burro Falante – um filósofo conselheiro, o Marquês de Rabicó – um porco guloso e o tranquilo rinoceronte Quindim, eles são personagens das histórias fantásticas de Monteiro.

Segundo Abramovich (idem), no sítio, chegam almirantes ingleses, anjinhos caídos do céu, Saci ou Peter Pan, a fantasia e a realidade se misturam o tempo todo, na maior das brincadeiras. A lógica do sítio não é a do adulto, lá o adulto joga como criança. A História do mundo é discutida, a mitologia grega é vivida, o petróleo brasileiro é debatido, a moral das fábulas é analisada e, em uma reforma da natureza, todas as personagens dos contos de fadas são recebidas.

No Natal de 1920, deu-se o lançamento de *A menina do narizinho arrebitado*<sup>42</sup>, com capa ilustrada e cartonada, formato 29 X 22 cm, 43 páginas e desenhos coloridos de Voltolino<sup>43</sup>; era a primeira obra de Monteiro Lobato para crianças. Em sequência, utilizando-se da protagonista, vão-se contar as *Fábulas de Narizinho* e outras histórias envolvendo *Narizinho arrebitado* (1921), *O noivado de Narizinho* (1924), *Reinações de Narizinho* (1931), *Novas reinações de Narizinho* (1933).

Retomando os protagonistas e ou outros personagens do mito rural inicial, Lobato desdobra-o em vários títulos: *O marquês de Rabicó* (1922), *A caçada da onça*, *Jeca Tatuzinho* (1924), *O Picapau Amarelo* (1930), *Caçadas de Pedrinho* (1933), *A pena de papagaio* (1939), *A reforma da natureza* (1941).

Sua preocupação de educador, principalmente das novas gerações, levou Monteiro a conciliar informações do currículo escola com aspectos lúdicos que amenizam os conhecimentos básicos necessários à juventude. Isso se encontra, fundamentalmente em: *História do mundo para as crianças* (1933), *Emília no país da gramática* (1934), *Aritmética da Emília*, *Geografia de Dona Benta* e *História das invenções* (1935), *O museu da Emília* (1938) *Serões de Dona Benta* (1937).

Lobato reescreve algumas obras clássicas da literatura mundial, a saber: *Fábulas* (1922), *As aventuras de Hans Staden* (1927), *O Gato Félix* (1928), *O*

---

<sup>42</sup> O livro "A menina do narizinho arrebitado", lançado em 1920; nunca reeditado, exceto em uma pequena edição *fac simile* em 1981, hoje é considerada uma obra rara.

<sup>43</sup> Em 1920 quando seu amigo Hilário Tácito contou-lhe a estória de um peixinho que morreu afogado porque desaprendeu a nadar, Lobato a transformou num pequeno conto que é sua estreia no mundo do faz-de-conta. Lobato reaviva suas lembranças dos tempos de menino, repletas de cenas da roça onde passara a infância. E, assim inspirado, lança a primeira versão de *A menina do narizinho arrebitado*, narrando as peripécias de uma avó, sua neta órfã, Lúcia, e a inseparável boneca de pano, Emília, além da tia Anastácia.

*irmão de Pinóquio* (1929), *Peter Pan* (1930), *Dom Quixote das crianças* (1936), *Histórias de Tia Nastácia* (1937). Monteiro recorre à mitologia no intuito de tornar a aquisição do conhecimento mais prazerosa aos pequenos, principalmente em: *O minotauro* (1939), *Os doze trabalhos de Hércules* (1944).

Lobato visita também o folclore brasileiro em *O Saci* (1921). Faz referências à astronomia em *Viagem ao céu* (1932) e *Memórias da Emília* (1936). De *O poço do Visconde* (1937) emerge a presença de uma doutrina nacionalista, transparente, sobretudo em seu livro mais polêmico. Preocupado com os interesses brasileiros, Lobato investe contra o capital estrangeiro que, segundo ele, prejudicaria a autonomia econômica da nação. E trata-se de uma obra para o público infantil.

*A chave do tamanho* (1942) trata da guerra, sendo bastante original, Monteiro transita mais uma vez na ficção científica. Emília, querendo acabar com a Guerra, visita a Casa das Chaves<sup>44</sup> para virar a chave da guerra, mas vira a chave do tamanho e causa a diminuição de todos os seres humanos, inclusive de Hitler.



Fonte: <http://www.google.com.br/imgres?um=1&hl=pt-BR&client=firefox-a&hs=iTu&sa=N&rls=org.mozilla:pt->

<sup>44</sup> Tudo teve início porque Dona Benta andava arrasada com os horrores da guerra e a sua tristeza entristecia o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente por causa dessa tristeza que Emília planejou e realizou a mais tremenda aventura. Querendo acabar com a guerra, por um triz a boneca não acabou com a humanidade inteira.

Em *Histórias diversas* (1947) Lobato apresenta relatos plenos de fantasia, como *As botas de sete léguas* e *A Rainha Mabe*, textos que revelam uma profunda conexão com os acontecimentos da época e o futuro do planeta, como fica claro em *Reinações atômicas*.

Nessa mistura fantástica de realidade e fantasia, de brincadeira vivida, de bichos que falam sabiamente, de sabugos (restos de espiga comida, o que ordinariamente se descarta, por inútil) que fazem conferências e experimentos científicos, a linguagem lobatiana foi utilizada de forma lúdica e inovadora capaz de despertar o prazer pela leitura.

De 1920 a 1947 lançou 22 títulos, da obra adulta e da infantojuvenil, que até hoje continuam a ser editados. A respeito da recepção de Lobato nos dias atuais da segunda década do século XXI, Sônia Zaghetto (2012), em um artigo, faz a seguinte constatação:

*Nos dias presentes, uma dolorosa constatação invade os cultores da obra de Monteiro Lobato: malgrado a atualidade da esmagadora maioria de suas obras, o escritor vem sendo paulatinamente preterido pelas novas gerações. A explicação dos que se dedicam a examinar o fenômeno é simples: uma distorção faz com que se acredite que a linguagem, os enredos elaborados e os textos relativamente longos de Lobato não seriam muito bem assimilados pelas crianças de hoje, na faixa dos seis a dez anos, aproximadamente, muito mais fascinadas pelas novidades eletrônicas e pela rapidez da imagem televisiva.*

*Aos que ultrapassam essa faixa etária, o centro de interesse não mais giraria em torno dos assuntos tratados nos livros do autor de “Caçadas de Pedrinho”. Nesse vácuo e sob esse equívoco que leva à preterição de sua obra, Monteiro Lobato perde-se. É lido cada vez menos, malgrado as tentativas de promovê-lo. Sintomático é que*

*as obras infantis de Lobato são reconhecidas como expoentes de boa literatura, vendem relativamente bem, mas não são lidas com a frequência que seria desejável. Mudaram assim, tão radicalmente, as crianças?*

(Disponível em: [www.artelivre.net/prototipo/al\\_artigo.asp](http://www.artelivre.net/prototipo/al_artigo.asp). Acesso em outubro de 2012).

#### 4. TEXTO E CONTEXTO NO SÉCULO XX: Gênese de *O Presidente Negro*

*Todas as crenças têm causas, mas uma distinção há de ser feita entre (1) as causas ordinárias e (2) um tipo especial de causa chamada "uma razão". Causas são eventos inconscientes que podem produzir outros resultados além de crenças. Razões surgem de axiomas e inferências e afetam nossas crenças.*

C.S. LEWIS

Monteiro nasceu em 1882, final do século XIX, período de intensas transformações ideológicas, políticas, sociais e econômicas em todo o planeta. Surgem o anarquismo de Bakunin<sup>45</sup>, a teoria da evolução de Charles Darwin, a teoria socialista de Karl Marx em relação ao capital e à mão de obra<sup>46</sup>, enfim, houve mudanças no modo de pensar da humanidade que influenciariam, sem dúvida, os intelectuais daquela época.

Nos anos iniciais do século XX, desenhava-se a iminência de guerra devido a fatores vários, tais como a expansão territorial nas colônias africanas e asiáticas<sup>47</sup>, os conflitos nacionalistas<sup>48</sup> e as alianças<sup>49</sup>, a disputa por

---

<sup>45</sup> Mikhail Aleksandrovitch Bakunin foi um teórico político russo, um dos principais expoentes do anarquismo em meados do século XIX. A palavra **anarquismo** tem origem no termo grego *ánarkhos*, cujo significado é, aproximadamente, "sem governo". O anarquismo é frequentemente apontado como uma ideologia negadora dos valores sociais e políticos prevalentes no mundo moderno: o Estado laico, a lei, a ordem, a religião, a propriedade privada etc.

<sup>46</sup> Teoria socialista que embasou a Revolução Russa na deposição da dinastia Romanov e iniciou a era do comunismo.

<sup>47</sup> Havia uma disputa entre as nações europeias por colônias na África, o que ocasionava tensão e provocou a corrida armamentista (paz armada).

<sup>48</sup> Em toda a Europa, pipocavam os conflitos nacionalistas, por exemplo, a Irlanda procurava libertar-se da Inglaterra, na Alsácia-Lorena, os franceses almejavam libertar-se dos alemães, entre outros.

<sup>49</sup> A França une-se a Rússia e a Inglaterra, pois queria dominar Marrocos por causa do petróleo. A Alemanha, para não se sentir inferior, uniu-se a Itália e ao Império Austro-húngaro...

Marrocos<sup>50</sup>. Esses fatores ocasionaram tensões que provocaram a Primeira Grande Guerra.

Por essa época, os Estados Unidos cresciam economicamente e tornavam-se influentes na política mundial. Essa nação, preocupada com o avanço alemão, entrou na guerra. A Primeira Guerra Mundial foi vencida pelos aliados (anexo 07- caricatura) – França, Inglaterra, Rússia e EUA – e trouxe profundas mudanças à humanidade.

No Brasil, os ecos desse contexto fizeram-se ouvir. Percebia-se o fim do otimismo, notava-se a insegurança e a incerteza quanto ao futuro, já que a nação brasileira se espelhava no Velho Continente. Nessa conjuntura política e ideológica em ebulição, desenvolveu-se Monteiro Lobato, pois não vivia alheio às alterações de seu tempo.

Ler as obras de Monteiro Lobato é transitar na fantasia e na criatividade. Não há, na ficção de Lobato, fronteira entre o real e o maravilhoso, o possível e o impossível. Especificamente<sup>51</sup> em *O Presidente Negro*<sup>52</sup>, o engenho está na harmonia, dentro da narrativa ficcional, entre as ideias, os valores e os fatos da época em que ela foi escrita.

Por volta de 1925, Lobato se confessava enjoado *de escrever para marmanjos, e só tinha planos de livros para crianças*; no entanto, decide-se *ao romance quando vislumbra, meio surpreso, uma idéia-mãe, algo extraordinário*.<sup>53</sup> Em carta a Godofredo Rangel, em 8 de julho de 1926, Monteiro Lobato escreveu de próprio punho:

*Sabe o que ando gestando? Uma ideia-mãe! Um romance americano, isto é, editável nos Estados Unidos. Já comecei e caminha depressa. Meio á Wells, com visão do*

---

<sup>50</sup> Por causa do petróleo que, nesse período, se alçava como o combustível do futuro.

<sup>51</sup> Para perseguir nosso intento, o de percorrer a obra *OPN* a fim de desvelar o conjunto de valores do texto, especificamente destacar as passagens relativas à eugenia, faremos a leitura das distintas diegeses apresentadas, pelo foco do narrador, nomeado por Ayrton Lobo.

<sup>52</sup> Todas as passagens deste texto em análise serão citadas em itálico, seguidas das páginas em que se encontra(m), considerando a edição de 2008 da Editora Globo, que norteou a análise. Tem-se conhecimento de que Lobato usava as regras gramaticais de acentuação a seu bel prazer. Todavia, na edição consultada, a norma culta é respeitada, razão pela qual optamos por transcrever *ipsis litteris* esta edição.

<sup>53</sup> Essa informação é abordada por Edgard Cavalheiro, 1955: 339.

*futuro. O “clou” será o choque da raça negra com a branca (LOBATO, A Barca de Gleyre, 1961: 293).*

Por essa época chegou a aludir à narrativa com o título de “*O Reino Louro*”<sup>54</sup>, a qual sairia com uma tiragem de 20.000 exemplares. Em 7 de fevereiro de 1927, o Autor contou para Rangel:

*Nunca me julguei capaz de conduzir um romance até o fim, e no entanto lá o pari em 20 dias. Como é canja escrever um romance! Saiu um romance inteiramente desligado da minha velha literatura regional. Veio coisa do futuro – lá do ano de 2228 (Idem: 297).*

Lobato era um apaixonado confesso pelo progresso dos Estados Unidos da América, e anteviu a possibilidade da publicação de seu romance nessa nação, com uma grande tiragem, pela qual receberia em dólares e ficaria rico. Fazer sucesso como escritor fora do Brasil também era seu objetivo. Tinha, ainda, a pretensão de criar uma editora nos Estados Unidos com o nome de *Tupy Publishing Co.* que *há de crescer mais que a Ford, fazendo-nos todos milionários – editores e editados (Idem, ibidem: 300)*



O texto foi publicado, primeiro, em forma de folhetim no jornal *A Manhã*, com o nome de *O choque das raças*. Continha 20 partes que saíram entre 5 de setembro e 1º de outubro de 1926. Só em dezembro de 1926 foi publicado em forma de livro com o nome de *O Presidente Negro* ou *O choque das raças*, título que na edição de 45 foi suprimido.

Ainda segundo seu biógrafo, a receptividade ao romance não foi das melhores. Para Sérgio Milliet (*apud*

---

<sup>54</sup> Lobato envia aos livreiros uma carta do próprio punho apresentando o novo livro *O Raio Louro* (anexo 08- fragmento de texto), em que registra: Chamamos a atenção dos Srs. Livreiros para o novo livro de Monteiro Lobato “O Raio Louro”, romance dos tempos futuros escrito para um grande editor de New York.



Edgard Cavalheiro) algumas das *razões do fracasso* residem na falta de *maior fôlego e no preparo para a empresa, dado que o “assunto era exigente de vasta cultura sociológica e de muita observação sagaz, de perspicácia e de humanidade”* (Cavalheiro, 1955: 341).



Em 5 de setembro de 1927, Monteiro escreveu a Rangel:

*Meu romance não encontra editor. Falhou a Tupy Company. Acham-no ofensivo à dignidade americana, visto admitir que depois de tantos séculos de progresso moral possa este povo, coletivamente combater a sangue frio o belo crime que sugeri* (LOBATO, 1961: 304).

De acordo com os biógrafos, autores de *Furacão na Botocúndia*, Carmen Lucia de Azevedo, Marcia Camargos e Vladimir Sachetta (2000), Monteiro enviou os originais de *O Choque das Raças*, traduzidos para o inglês, à agência Palmer, em Hollywood. No final de 1927, recebeu a resposta do editor-chefe, Willian David Ball que concessionava: *Apesar de ter lido a história com interesse acima da média, devido ao material apresentado de forma divertida, indicando uma imaginação criativa e rica,*

e apresentava o fato principal:

*infelizmente, porém, o enredo central é baseado em um assunto particularmente difícil de se abordar neste país, porque ele irá, certamente, acender o tipo mais amargo de sectarismo e, por essa razão, os editores são invariavelmente avessos à idéia de apresentá-lo ao público leitor.*



Ainda de acordo com os supracitados biógrafos, a obra foi traduzida para o francês – de cuja recepção não se tem notícia – e foi publicada de setembro a fevereiro de 1928, na revista *Revue de L'Amérique Latine*. Na Argentina, recebeu o nome de *El Presidente*

*Negro*, com uma capa assaz sugestiva. No entanto, o Autor, em carta a Iainha Pereira Gomes, com data de 2 de outubro de 1928, justifica o porquê de abandonar a ideia de reescrevê-lo: *necessita de uma séria remodelação que nunca me animo a fazer por falta de entusiasmo. Não sei trabalhar a frio* (MONTEIRO, *apud* AZEVEDO, 2000: 117).

Segundo Edgard Cavalheiro, Lobato, em 1927, com *Mr. Slang e o Brasil*, na pessoa de um velho inglês pragmático que diz verdades de forma irônica a respeito dos problemas da realidade no Brasil, compara o estilo brasileiro ao *american way of life*, tal qual o fez em *OPN*. Tentou, dessa forma, resolver as mazelas brasileiras com uso do humor e da ironia, até no nome do personagem, já que *slang*, palavra inglesa significa, se traduzida ao português, gíria ou jargão.

Em síntese, *O Presidente Negro* aborda temas pertinentes e impertinentes, característica do paradoxo lobatiano; é um romance de ficção científica, pois apresenta criações que se concretizariam quase 50 anos após sua publicação: a televisão, a internet, a luz negra, entre outras. Com isso, assemelha-se a Júlio Verne que, em literatura, anteviu viagens ao centro da terra e ao fundo do mar, partindo das investigações e da realidade contextual.

### Tempos modernos



Fonte: <http://edsongil.wordpress.com/author/edsondogil/>

Monteiro Lobato comporta-se tal qual outros autores<sup>55</sup> que redigiram prevendo conquistas futuras, a partir, sempre, da realidade presente. Essa dinâmica artística, segundo Gádamer, busca responder a questões que agitavam a sociedade da época da gênese da obra.

A grande questão captada por Lobato, em função de sua admiração pelo contexto norte-americano, consistiu em se aproximar e a focalizar o problema do preconceito racial vigente nos EUA, numa perspectiva de futuro. Perguntava-se: o que será do poder nos estados americanos se o exercício máximo da autoridade vier a cair nas posses de um afrodescendente? Por isso, o que constrangeu o editor americano foi a solução radical, apresentada por Monteiro, para o conflito racial.

A impertinência lobatiana está, portanto, na temática da eugenia (anexo 10), da eliminação radical da raça negra nos Estados Unidos da América. Para levar a bom termo seu intento, Lobato estruturou seu livro mesclando três diegeses – passado, presente e futuro – as quais, separadamente, passo a desenvolver.



---

<sup>55</sup> George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, dedicou os últimos anos de vida a denunciar o comunismo stalinista. Para tanto publicou dois livros, nos anos de 1945 e 1949, ambos com impressionante projeção, e que fizeram por acirrar ainda mais o feroz debate ideológico entre comunistas e democratas que dividiu o mundo intelectual na época da guerra fria. Um deles intitulava-se *Animal Farm* (A revolução dos bichos), e o outro simplesmente tinha um número na capa, o *Nineteen Eighty Four* ("1984"), no qual apareceu pela primeira vez o onipresente *Big Brother*, o Grande Irmão.

## 5. NARRATIVA LOBATIANA EM O PRESIDENTE NEGRO

*Ponho-me às vezes a imaginar como seriam as coisas cá na terra se um sábio eugenismo desse combate à desonestidade por meio da completa eliminação dos desonestos. Que paraíso!*

Monteiro Lobato

### 5.1 Primeira diegese – representação do presente

No London Bank, em um encontro do narrador, Ayrton Lobo, com um amigo, um corretor de negócios, enquanto aguardavam o atendimento, inicia-se a narrativa de *O Presidente Negro*. Já no primeiro diálogo Monteiro apresenta críticas à desonestidade e à burocracia. Ele faz referência à eugenia (teoria geralmente associada à limpeza genética) quanto à necessidade de limpeza da desonestidade entre os homens. Evidencia-se, com isso, a preocupação de Lobato em relação aos valores morais. *Fossem todos os homens sérios, não houvesse hipótese de falsificações ou abusos, o recebimento de um dinheiro far-se-ia instantâneo (23).*

Nesse primeiro diálogo do texto, há menção a um cientista, professor Benson, dado a conhecer ao narrador como um homem misterioso. *Sábio em ciências naturais e sábio ainda em finanças (24)*, Benson era exímio apostador e ganhador na bolsa de valores. Por meio desse personagem, Monteiro imagina e põe em funcionamento um artifício ficcional: o *porviroscópio*. Este aparelho possibilita a visão do futuro; ele é o responsável pelo fato de Benson ser um apostador sempre vitorioso, uma vez que conseguia prever os números que iriam sair na loteria ou as ações que iriam estar em alta na bolsa de valores.

O narrador, que, em uma primeira leitura, pensou-se representar o pensamento do Autor, sua autocaracterização, revela certa ingenuidade e adota posições contraditórias. Primeiro, caracteriza-se como pessoa muito importante; vê-se como centro do universo. Cita até Descartes:

*Para mim tinha-me na conta de centro do universo. Penso e sou, dizia comigo, repetindo certo filósofo francês. Tudo gira em redor do meu ser. No dia em que deixar de pensar, o mundo acaba-se (25-6).*

Após, diante da grandiosidade da natureza que cerca o ambiente campestre do castelo e da magnificência do caráter de Benson, Ayrton – que era um morador da zona urbana, modesto empregado do comércio, cobrador da firma Sá, Pato & Cia – toma consciência de sua nulidade: *absoluta niilidade* (33). Percebe-se, em tais passagens, a ironia lobatiana: Ayrton, um modesto funcionário de uma firma comercial, cita Descartes e alude à teoria do niilismo de Nietzsche<sup>56</sup>.

O comerciário desejava muito possuir um carro; juntou a duras penas o dinheiro para realizar tal sonho. Enfim, comprou o objeto que o transformaria em motorista e deixaria para trás a época de simples pedestre, pois para ele a humanidade dividia-se entre *pedestres e rodantes* (26). Porém, pouco tempo após, a vida do narrador passa por brusca mudança ao sofrer um acidente, perto da vivenda do professor Benson. Assim ele narra: *Delirei. Soube mais tarde, pelo professor, que nesse delírio uma obsessão única transparecia: o desespero ante o meu retorno à miserável casta dos pedestres* (29).

Dessa forma, o narrador, decaído por voltar a ser pedestre, se apresenta humilde, ao pedir ao professor Benson uma colocação, diante da certeza de que seus patrões o demitiriam por não ter mais o automóvel Ford. E, para seu espanto, recebe o convite para ser o confidente do cientista, a quem julga um homem superior, humano, um verdadeiro sábio, que o tratava de igual para igual: *se me ponho a analisar esse período da minha vida tenho sensação de que convivi com um deus humanizado* (56).

O professor apresenta-lhe o conjunto de laboratórios nos quais fazia suas experiências. Ayrton fica fascinado:

---

<sup>56</sup> Friedrich Nietzsche (2000), para quem “As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.” e que acreditava que “A objeção, o desvio, a desconfiança alegre, a vontade de troçar são sinais de saúde: tudo o que é absoluto pertence à patologia.” durante toda a vida sempre tentou explicar o insucesso de sua literatura, chegando a conclusão de que nascera póstumo, para os leitores do porvir.

*Não compreendi muito bem, lento que sou de espírito, a alta filosofia do professor; mas calei-me, cheio de admiração pelo homem que podendo ser imperador, presidente de república, rei do aço, sultão ou o que lhe desse na telha, visto que podia tudo, contentava-se com ser um misterioso velhinho ignorado do mundo e à espera da morte naquele sereno recanto da natureza (39).*

As explicações do professor Benson acerca do porviroscópio exteriorizam algumas ideias lobatianas a respeito do tempo e da vida. Essas ideias constituem parte da ideologia de Monteiro, que perpassa a obra inteira.

*O mundo, meu caro, é um imenso livro de maravilhas. A parte que o homem já leu chama-se passado; o presente é a página em que está aberto o livro; o futuro são as páginas ainda por cortar (42).*

Apesar do convite a Ayrton para ser seu confidente, o professor Benson gostaria de ter iguais para discutir sua descoberta, mas por *respeitar as injunções do Acaso* (37) e por pressentir sua morte, resolve revelar seus estudos ao narrador: *a uma criatura que nem conhece a página aberta ante os olhos, como o senhor, vou eu revelar o que a ninguém ainda foi revelado: algumas futuras!* (42).

Nesse espaço diegético, o empregado da firma Sá, Pato & Cia. demonstra timidez ao ser apresentado à filha do cientista: Miss Jane. Descreve-a: *a mais encantadora criatura que seus olhos ainda viram* (41), com cabelos louros, olhos azuis, esbelta, elegante, educada e generosa. O professor Benson dá uma missão à Jane:

*O senhor Ayrton vai ficar aqui conosco. Tem muito que ouvir e aprender. Vou revelar-lhe os segredos da natureza, e tu, Jane, lhe revelarás a poesia. Estes homens da cidade têm a visão muito restrita; o mundo para eles se resume na rua, nas casas marginais e no torvelinho humano (42).*

Esboça-se no fragmento outra peça do mosaico de valores que caracteriza a visão de Lobato (anexo 11 - caricatura): à mulher cabe a poesia, ao homem, a ciência. O encontro entre o narrador e Jane<sup>57</sup> demonstra a concepção romântica de Monteiro nas relações entre homem e mulher, desenvolvida ao longo da narrativa até o *happy end*

*Olhei-a com o coração nos olhos.*

*O "puro espírito" viu em mim a taça cheia em excesso, cuja espuma se derrama — e perturbou-se. Seus olhos baixaram-se. Seu peito ofegou. Era o céu. Atirei-me como quem se atira à vida, e esmaguei-lhe nos lábios o beijo sem fim de John Barrymore. E qual o raio que acende em chamas o tronco impassível, meu beijo arrancou da gelada filha do professor Benson a ardente mulher que eu sonhara.*

*— Minha, afinal!... (202).*

Miss Jane tornara-se cicerone de Ayrton, até seu pai sentir-se mal. Discorrera acerca das bases teóricas da teoria *bensoniana*, mostrara-lhe o funcionamento do *porviroscópio*, explicara a possibilidade de a humanidade radiotransportar-se e destacara a facilidade de comunicação por meio de uma rede – a que hoje conhecemos muito bem, a internet.

Mesmo com o poder de pré-visão do aparelho, ninguém, nem Benson, conseguiu antecipar seu dia final. Certa noite, Jane chamou Ayrton, pois chegara a hora em que a *luz que se apaga* (68). O professor Benson fechou os olhos e imobilizou-se. *Minutos mais tarde estava apagada a luz daquele cérebro, o mais potente que ainda desabrochou no seio da humanidade* (78).

## **5.2 Segunda diegese - antevisão do futuro**

Após a morte do professor Benson, abate-se, no castelo, um clima de profunda tristeza. Miss Jane recolhe-se para enlutar a perda do pai,

---

<sup>57</sup>A identidade “Jane” é bastante comum na literatura (Jane Eyre, Jane de Tarzan) e sublinhando a visão romântica de Monteiro, é o primeiro exercício de intertextualidade na obra.

despertando em Ayrton o sentimento de comiseração, de piedade, pois ela não perdia apenas o pai, perdia também o companheiro das descobertas científicas em relação ao porvir e ao passado. Lobato evidencia, nesta passagem, a crença no sentimento humano, pois parece ser exclusivo do ser humano o sentimento de tristeza, de luto.

*Para nós, encerrados nas quatro paredes dos cinco sentidos, o presente é tudo; mas quão pouco não será ele para uma criatura colocada no topo da montanha, podendo ver tanto a paisagem do que lá passou como a do que vai passar (80).*

Ayrton volta à cidade, onde tenta retornar à vida normal, porém não consegue. Retoma o emprego na firma Sá, Pato & Cia. com um salário menor, e rememora quase todo o tempo a experiência vivenciada. *A semana toda passei-a na rua a trabalhar como um autômato. Meu pensamento fugia para longe do que eu executava (83).*

Percebem-se, ainda nesta passagem, as relações entre capital e mão de obra, entre patrões e empregados. Ayrton notara a diferença entre os seus patrões e o professor Benson; vislumbrara outro mundo, onde o que realmente importava era o ser, e não o ter. O professor poderia ser o homem mais poderoso da Terra, no entanto queria apenas possuir segurança para empreender suas descobertas; tinha o espírito de verdadeiro cientista. Já os patrões Sá & Pato demonstravam empáfia, queriam lucros, apenas, e mais lucros.

*[Imagine se tomba nas mãos desse senhor Pato a máquina de sondar o futuro!] Aplicá-la-ia em enriquecer-se como dez Cresos, pendurando no corpo tanta quinquilharia de ouro que quando andasse na rua havia de tilintar. E a pobre humanidade, assombrada, era bem capaz de meter-se de joelhos à sua passagem, certa de que ressurgira no mundo o Bezerro de Ouro disfarçado em homem (84).*



Monteiro destaca, apesar da ironia que transparece no fragmento, a importância do dinheiro para grande parcela da humanidade em que se vale pelo que se tem: *O dinheiro ainda é tudo para os homens* (70).

Antes de sua morte, o cientista destruíra a máquina do porviroscópio: *O mágico aparelho do professor Benson deixara de existir* (80). Mas a ideia criativa, o progresso científico e a invenção tecnológica devem continuar, segundo Lobato. Por isso o Autor coloca na boca de Jane o convite a Ayrton para escrever a história do cientista; coloca-se ela como narradora dos fatos para que ele se torne o escriba. *Ouvirá de mim tudo que sei a respeito e escreverá um livro deveras interessante* (85).

Estabelece-se um vínculo entre os dois, Ayrton visita-a todos os domingos para ouvir a descrição das lembranças acumuladas na memória de Miss Jane acerca dos fatos vistos no porviroscópio. Esses fatos dizem respeito à história da humanidade, fatos que mudariam (se efetivados) o rumo do homem no planeta Terra.

Com o porviroscópio, Miss Jane e seu pai conseguiram visualizar ocorrências até o ano de 3527<sup>58</sup>. (Pre)viram a invasão dos asiáticos à Europa; imaginaram o teletransportamento e, conseqüentemente, o desaparecimento dos automóveis e dos aviões; urdiram a teoria do suposto rapto da *mulher-sabina* pelo *homo sapiens*<sup>59</sup>; acompanharam o início da evolução das raças negra e branca nos Estados Unidos da América. Enfim, vislumbraram o futuro da humanidade.

Pelas lentes do porviroscópio, Monteiro manifesta, assim, a sua criatividade sob a forma de visões de mundo futuro, mas, como soe acontecer, reforça valores da época, pois ele viveu o período entre guerras, e conviveu com a teoria da evolução do homem: o darwinismo.

---

<sup>58</sup> Os fatos narrados no porvir em diferentes espaços preenchem a segunda diegese.

<sup>59</sup> Teoria da “Simbiose Desmascarada”, que se caracteriza por não ser a mulher a fêmea natural do homem e sim a fêmea de outro mamífero; essa teoria era defendida por Miss Gloria Elvin, personagem de *O Presidente Negro*.

Em suas andanças pelo tempo, Miss Jane e o professor chegaram à sociedade americana, tida por ela como a sociedade mais avançada<sup>60</sup> da Terra. Lá encontraram determinadas regras e leis que pregavam, determinantemente, o extermínio dos aleijões não só os físicos, mas também os morais; por exemplo, a lei espartana, a Lei de Owen.

Mais uma vez, observa-se a preocupação de Lobato em relação à moralidade dos costumes, à valorização do bem comportar-se em sociedade; nota-se, porém, um exagero em suas posições, visto que ele discorre sobre o aniquilamento das pessoas com problemas físicos e morais: *tarados, dos malformados mentais, de todos os indivíduos em suma capazes de prejudicar com má progênie o futuro da espécie* (98).

Ainda, nesta diegese do futuro, ambientada na América do Norte, Ayrton fica sabendo por Miss Jane que o professor Benson visualizara o crescimento da raça negra desproporcional ao da raça branca, e vira a preocupação do branco com essa expansão.

Observa, também, a luta da mulher pela sua emancipação: *a mulher vencera o seu estágio de inferioridade política e cultural, consequência menos duma pretensa inferioridade do cérebro do que de uma organização cerebral diversa da do homem* (106). Nessa passagem evidencia-se a posição lobatiana no que diz respeito à mulher. Ele considerava-a um ser em processo de aprimoramento, a ser compreendido, um ser diferente do homem, o que se percebe em

*a mulher, por voz unânime dos poetas e pensadores, se viu classificada como um ser incompreensível. [Miss Elvin desvendou o mistério.] Não era um ser incompreensível. Era apenas diferente* (108).

As mulheres decidem, na imaginação lobatiana, criar um partido político, ter candidata própria<sup>61</sup> e não apoiar o partido masculino, com o objetivo de

---

<sup>60</sup> Essa posição era compartilhada por Lobato, já que o escritor era fascinado pelo *way of life* americano e grande admirador de Henry Ford.

<sup>61</sup> No Brasil em 2010, houve eleição para presidente, na qual havia duas candidatas: Marina Silva do Partido Verde, mulher, negra, de origem humilde, que defendia o ambiente ecologicamente preservado e Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores, mulher, branca, cuja defesa era em prol da continuação dos *status quo*. Venceu a segunda.

concorrer às eleições presidenciais americanas no ano de 2228. Essa cisão preocupava, sobremaneira, os partidários e líderes dos homens, pois havia a possibilidade do partido da população negra vencer.

*Com miss Evelyn Astor, é que [o candidato dos homens] não enxergava possibilidades de entendimento. Tivera com a formosa antagonista uma conferência, mas a sua impressão, resumida em poucas palavras na presença do ministério, fora inquietante (109).*

Monteiro antecipa<sup>62</sup>, em 1926, a história norte-americana, pois em 2008, Barack Obama, líder com etnia afrodescendente pelo lado paterno, candidato democrata, venceu Hillary Clinton, mulher branca, nas eleições primárias americanas e enfrentou e venceu nas eleições definitivas John Mc-Cain, líder branco, candidato republicano. Com esse episódio, inicia-se o desenvolvimento da trama central do livro *OPN – o choque das raças*. Há, na obra, a descrição detalhada de *O choque das raças*<sup>63</sup>, a imaginária solução encontrada pela sociedade da América do Norte em relação à raça negra.

### **5.3 Terceira diegese - o espaço/tempo da eugenia**

Em *OPN*, Monteiro Lobato se utiliza, ficcionalmente, de uma fábula para posicionar-se a respeito da teoria da eugenia<sup>64</sup> – a busca pela melhoria da raça humana sob o ponto de vista biológico. Essa teoria embasava-se na seleção social dos seres humanos e não na teoria da evolução natural preconizada por Darwin em *A origem das espécies* (1859).

Houve no Brasil a popularização dessas teorias evolucionistas, em ascensão na Europa, com o objetivo de validar algumas especulações acerca

---

<sup>62</sup> Lobato elabora uma ficção científica, muito comum entre alguns literatos, como Júlio Verne em “As vinte mil léguas submarinas”, que, após a invenção de submarinos, se transformou em realidade.

<sup>63</sup> Título inicial de *O Presidente Negro*, partilhado também pelo título alternativo de *O reino louro*, já que Monteiro, ao publicar o romance no diário *A Manhã*, ainda não havia decidido que nome lhe dar. Essa informação encontra-se em *O Furacão na Botocúndia*, de Saccheta, Azevedo, Camargos, 2000, p. 114.

<sup>64</sup> Teoria desenvolvida por Francis Galton, estudioso inglês, primo de Charles Darwin.

da posição em que se deveriam encontrar índios, negros e mestiços, na cadeia evolutiva sugerida por Darwin. Lobato, tendo por cenário os EUA e por recorte temporal o século XXIII, assim se pronuncia acerca do problema da eugenia:

*Em vez de entrada franca a quem quisesse vir localizar-se no país, organizou o governo americano em todas as nações do velho mundo um serviço de importação de valores humanos, consistente em atrair para lá a **finá flor eugênica das melhores raças europeias**. Já aliviada do seu ouro em favor da América, viu-se a Europa também aliviada da sua elite (96) [grifos acrescentados].*

De acordo com as (pré)visões do porviroscópio, no futuro, por volta do ano 2220, os Estados Unidos da América haveriam atingido um patamar alto de evolução, pautado no princípio da eficiência o qual *resolvera todos os problemas materiais dos americanos, como o eugenismo resolvera todos os seus problemas morais* (116). Havia, entretanto, o problema étnico:

*Havia uma pedra no sapato americano: o problema étnico. A permanência no mesmo território de duas raças díspares e infusíveis perturbava a felicidade nacional. Os atritos se faziam constantes e, embora não desfechassem como outrora nas violências da Ku-Klux-Klan<sup>65</sup>, constituíam um permanente motivo de inquietação (121).*

A partir do capítulo XI da obra, cujo título é *No ano 2228*, Monteiro propõe a (pre)visão das eleições presidenciais na América do Norte. Havia a disputa entre o candidato do partido masculino e a candidata do partido feminino.

*la a república dos Estados Unidos eleger dentro de poucos dias o seu 88º presidente. Os velhos partidos Democrático e Republicano haviam-se fundido num forte bloco sob a denominação de Partido Masculino. Mesmo assim não se via seguro da vitória, porque o partido*

---

<sup>65</sup> O nome dessa sociedade secreta racista norte-americana vem da palavra grega *kuklos*, cujo significado é círculo. *Klan* foi adicionado depois e consiste em uma adaptação de *clan*, que quer dizer raça, clã. Surgiu em 1866 a *Ku Klux Klan*, no estado de Tennessee.

*contrário, o Feminino, dispunha de maior número de vozes. Estava pois em jogo o prestígio político do homem, batido pelo da mulher em todos os campos de atividade e a defender agora o seu último reduto — a presidência da República. Até então nenhuma mulher conseguira alcançar o posto supremo, embora no pleito anterior Miss Evelyn Astor houvesse perdido por insignificante minoria (105).*

Entre Miss Astor, a candidata do Partido Feminino, e o senhor Kerlog, presidente em exercício e candidato à reeleição pelo Partido Masculino, surgiu Jim Roy, o representante da raça negra. Segundo as palavras de Lobato: *um homem de imenso valor (103).*

*Dez anos antes começara a aparecer na cena americana um vulto de excepcional envergadura: Jim Roy, o negro de gênio. Tinha a figura atlética do senegalês dos nossos tempos, apesar da modificação craniana sofrida por influência do meio (101).*

Tornava-se imperiosa a aliança com Jim Roy, pois a disputa cindia a maioria branca e possibilitava aos negros ganhar as eleições.

*As melhores estatísticas davam ao Partido Masculino 51 milhões de vozes, ao Partido Feminino 51 e meio e à Associação Negra, contados os votantes de ambos os sexos, 54 milhões. A próxima eleição dependeria pois exclusivamente da atitude do grande negro (106).*

Para a adesão da Associação Negra ao Partido Masculino, Jim Roy pediu a Kerlog a atenuação da Lei Owen, com o objetivo de favorecer a expansão do seu povo até uma possível divisão do país. O partido masculino, diante da eminência de perder as eleições, concordou em atender à solicitação do líder negro. No entanto, assim pensavam os brancos:

*Havemos de impor-lhe por bem ou por mal a solução branca. No momento o caso se resume em obtermos dele o concurso eleitoral, pois quem lá pode saber que rumos*

*tomarão os acontecimentos caso vençam as elvinistas? É impossível protelar por mais tempo com paliativos ilusórios a solução do binômio racial. Ou expatriamos os negros já, ou dentro de meio século seremos forçados a aceitar a solução negra, asfixiados que estaremos pela maré montante do pigmento (129).*

Miss Astor, também, tentou uma aproximação com Jim Roy, segundo ela o choque entre as raças parecia inevitável. *O choque das raças vai dar-se, disse ela. Precipita-se. Será um conflito tremendo, mas só no caso de estar no poder o homem branco, criador do ódio ao negro (113).*

Ao se encontrar com Jim, a líder feminina apelou para a soberba do homem branco e para o fato de que as mulheres também eram dominadas pelo homem (macho) branco. Enfatizou que a raça negra havia sido dominada apenas pelo homem e nunca pela mulher e destacou que tudo seria diferente se as mulheres estivessem no poder, já que o homem branco era inimigo tanto das mulheres quanto dos da raça negra. *Ambas somos suas escravas; mas se a escravização dos teus, Jim, data de séculos, a nossa data de milênios (113).*

No entanto, não obteve do líder negro certeza alguma. Ao contrário, ela saiu do encontro certa de que o grande negro trairia:

*Qualquer coisa me diz que o líder negro incuba um plano secreto... Ignoro-o. Nada há de deduzir das suas palavras, perfeitas palavras de diplomata. Mas o meu senso divinatório não mente, Jim vai trair (114).*

Jim avisara aos agentes distritais que revelaria o nome do candidato da raça negra pela manhã, e eles deveriam irradiar para os eleitores a senha devida. Durante os minutos em que refletiu sobre a quem dar os votos, se ao partido masculino ou ao partido feminino, pensou no sofrimento da raça negra:

*Descortinou todo o lúgubre passado da raça infeliz. Viu muito longe, esfumado pela bruma dos séculos, o humilde kraal africano visado pelo feroz negreiro branco, que em frágeis brigues vinha por cima das ondas qual espuma venenosa do oceano. Viu o assalto, a chacina dos*

*moradores nus, o sangue a correr, o incêndio a engolir as palhoças. [...] A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria... [...] Viu dois séculos de chicote a lacerar carne e outros dois séculos de lágrimas, de gemidos e lamentosos uivos de dor. E viu a América ir saindo dessa dor, como a pérola, filha do sofrimento do molusco, nasce na concha (132).*

A partir daí, visualizou a possibilidade da traição do homem branco:

*As algemas caíram dos pulsos mas o estigma ficou. As algemas de ferro foram substituídas pelas algemas morais do pária. O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais na obra comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade, embora a Lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois sócios. E viu Jim que Justiça não passava de uma pura aspiração — e que só há justiça na terra quando a força a impõe (133).*

E decidiu-se: — *"Hei de fazer-me força e impor a justiça", murmurou o grande negro (133). — "O candidato da raça negra é Jim Roy" (134).*

Foi uma surpresa geral: ninguém previra que seria esse o voto do grande líder, nem mesmo os de sua raça. Pelo relato de Miss Jane, e surpreendendo o próprio narrador Ayrton, com 54 milhões de votos Jim Roy elegeu-se o 88º presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

*As elvinistas precipitaram-se para a janela e leram no frontão do monumento o nome de **Jim Roy!** Depois de 87 presidentes brancos surgia o primeiro negro, eleito por 54 milhões de votos. Miss Astor obtivera 50 milhões e meio e Kerlog 50 milhões e pico. Apesar de disporem de um eleitorado quase duplo do contrário, os brancos perdiam a*

*presidência graças à cisão entre os dois sexos provocada pelo elvinismo. (138-9).*

As eleitoras do partido feminino ficaram atônitas e correram a reverenciar e a pedir desculpas ao homem branco pela cisão da raça branca — *“Temos de nos aliar de novo ao homem”* (138). Os eleitores do partido masculino ficaram assombrados:

*O presidente Kerlog recebeu o resultado do pleito com um assombro igual ao das mulheres, embora muito diferente na sua exteriorização. Convicto do apoio de Jim Roy a um dos partidos brancos, chegara a admitir por hipótese o triunfo de miss Astor; mas lá no íntimo contava com o seu. De modo que quando na fachada do Capitólio surgiu o nome de Jim Roy, a sensação que o empolgou foi de pesadelo. Kerlog apalpou-se e beliscou as carnes a ver se dormia. Não era pesadelo, não. Era coisa pior — fato! E, como a hipótese da eleição de um negro nem por sombra lhe houvesse passado pela idéia, o seu desnorteamento fez-se absoluto (141).*

Com a união do partido feminino e do partido masculino, a *raça branca formava novamente um bloco unido e apto a organizar a resistência* (147). Todos os cidadãos receberam a eleição do presidente negro com estupefação, todos, sem exceção, estavam chocados.

*A estupefação dos brancos derrotados não era menor que a dos negros vencedores. Haviam estes agido como autômatos; deram o voto a Roy como o dariam a Kerlog, a miss Astor, ou o não dariam a nenhum dos três, se tal fosse a senha recebida. E agora olhavam-se uns para os outros num estonteamento de vitória em absoluto inédito para eles (147).*

Ninguém previra as consequências do resultado da 88ª eleição presidencial norte-americana.



*O velho desprezo racial do branco pelo negro transformava-se em cólera, e o recalcado ódio do negro pelo branco, arreganhando os dentes, entreabria um monstruoso sorriso de revanche (147).*

Jim Roy sentiu, diante da reação dos homens e mulheres da raça negra, que tinha uma imensa tarefa para contê-los. *Jim amava a América (148)*. Ele não queria guerra nem revanchismo, queria apenas o que lhes cabia por direito: viver em paz e harmonia com a raça branca. Cabia-lhe a missão de aplacar os *nervos da fera (148)*.

Jim foi ao encontro de Kerlog, já que sentiu a necessidade de *conjugação da sua força com a do líder branco (148)*, para encontrar uma solução para os ânimos exaltados das duas raças em confronto.

*[Kerlog] como chefes supremos das duas raças a nós só incumbe atender à salvação comum. Se não contivermos de rédeas presas os dois monstros — o monstro da ebriedade negra e o monstro do orgulho branco, a chacina vai ser espantosa (149).*

Kerlog e Jim fizeram um pacto para aplacar a fúria que se avizinhava:

*Pois salvemos a América, Jim! [kerlog] disse erguendo-se. Açaima tu a pantera negra que meterei luvas nas unhas da águia branca. Um leal aperto de mão selou aquele pacto de gigantes (149).*

Entretanto, Kerlog mostrou logo as garras da águia... *Mas a pantera que conte com o revide da águia! continuou o líder branco depois que as mãos se desapertaram. A águia é cruel (149).*

Jim reagiu... *Ameaça-nos como sempre? Ameaça-nos até no momento em que a América ou rompe a sua Constituição e afoga-se num mar de sangue ou submete-se ao meu comando? (150)*. O líder negro afirma que a lei está do seu lado e que pretende dividir a América em duas, ao que Kerlog retrucou, dizendo que em nome do orgulho branco haverá guerra.

Os dois líderes conduzem os seus liderados de maneira a evitar o pior. Porém a raça branca encontra a fórmula de extermínio da raça negra. Ou seja, os brancos, principalmente seus governantes, não se conformaram com a derrota. Convocaram uma reunião: a convenção branca.

Nessa convenção encontrou-se a fina flor dos cientistas americanos que aprovaram a moção Leland. Essa moção determinava o fim da raça negra por intermédio da invenção de John Dudley: o alisamento dos cabelos encarapinhados da raça negra. Ele descobrira que

*os raios Ômega tinham a propriedade miraculosa de modificar o cabelo africano. Com três aplicações apenas o mais rebelde pixaim tornava-se não só liso, como ainda fino e sedoso como o cabelo do mais apurado tipo de branco. Os raios Ômega influíam no folículo e destruíam nele a tendência de dar forma elíptica ao filamento capilar. Vencido este pendor para a forma elíptica, cessava o encarapinhamento, que não passa de mera consequência mecânica (173).*

A notícia caiu como uma bomba entre os cidadãos norte-americanos, principalmente, entre os cidadãos da raça negra que aderiram cem por cento à utilização dos raios ômega, tornando seus cabelos lisos e sedosos como os da raça branca. *Até Jim se omegara (186).*

*Jim entretanto não se sentia o mesmo. Diminuíra o seu vigor. Aqueles impulsos ferozes, a violência selvagem que tantas vezes deflagrava em sua alma forçando-o a impor-se a máscara do self-control, estavam morrendo nele. Já não era com ardor belicoso que, derramando o olhar da imaginação sobre o rebanho dos cem milhões de negros, sentia em si a possança de um novo Moisés. Cansaço, talvez. No ardor da luta os músculos operam prodígios de resistência (186).*

A raça branca conseguira abater a raça negra, pois os raios ômega, além de alisarem os cabelos, esterilizavam o homem

— "Tua raça morreu, Jim". — repetiu Kerlog. "Com a frieza implacável do Sangue que nada vê acima de si, o branco pôs um ponto final no negro da America" (190).

Jim, o titã, viu-se derrotado:

*Nem Shakespeare descreveria o aspecto do líder negro no momento em que a palavra assassina lhe despedaçou o coração. Um terremoto d'alma aluiu por terra o titã. Fê-lo tombar sobre a poltrona, com esgares de idiota, encolhido como a criança inerme que vê serpente. Breves crispações de músculos passearam-lhes pelas faces. Dobrou o corpo sobre a secretária. Imobilizou-se.*

Ato contínuo, o líder branco aproximou-se daquela massa de titã extinto, afagou-lhe a pobre cabeça omegada e disse com voz rompida de soluços:

— "Perdoa-me, Jim..."

## 6. A RECEPÇÃO DE *OPN* NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI

*Loucura? Sonho? Tudo é loucura ou sonho no começo. Nada do que o homem fez no mundo teve início de outra maneira, mas tantos sonhos se realizaram que não temos o direito de duvidar de nenhum.*

Monteiro Lobato

Às vezes, Monteiro provoca perplexidade, já que grande parte de seus leitores estão afetos à obra infantil e poucos conheciam - ou, mesmo agora, conhecem - o único romance destinado ao público adulto *O Presidente Negro*. Essa obra gera, a princípio, um impacto: por que o escritor que encantou e encanta – ainda - os leitores escreveu um livro, tendo por cenário os EUA, com a finalidade<sup>66</sup> de divulgar a temática da eugenia?

*OPN* foi dedicado a Arthur Neiva e a Coelho Neto (anexo 12 – cópia da dedicatória), dois sanitaristas, atuantes nas políticas de saúde pública brasileira e eugenistas declarados. Afirma a historiadora, em sua dissertação de mestrado:

*O choque foi escrito também com a finalidade de divulgar a eugenia no Brasil. Dessa forma Lobato mostra-se um autor complexo e ambíguo cuja orientação dificilmente poderá ser definida, já que, sendo fruto de seu tempo e com visão vanguardista, ora foi reacionário, ora moderno, e por vezes as duas coisas simultaneamente. Por isso, não quero questionar o cunho racista do texto, pois teríamos de relacioná-lo com toda sua obra. Os trabalhos que analisam os textos de Lobato citam pouco O choque, como se o autor nunca tivesse se envolvido com a temática eugênica (2007: 107).*

De acordo com Diwan, Lobato teria escrito uma carta a Renato Kehl, pai da eugenia no Brasil, pedindo desculpas por não ter dedicado a obra a ele.

---

<sup>66</sup> Segundo Pietra Diwan, em seu livro *Raça Pura* (2007), *OPN* foi escrito para divulgar a eugenia no Brasil.

*Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a ti eu devia dedicar meu Choque, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. Precisamos lançar, vulgarizar estas idéias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como a vinha. Lobato.<sup>67</sup>*

Apesar de denunciar a temática eugênica abordada por Lobato, a pesquisadora reconhece que o Autor é fruto do seu tempo e confirma a complexidade lobatiana.

Há uma referência interessante a respeito de uma passagem de *OPN*, retomada, de modo jocoso, por Matthew Shirts, no jornal *O Estado de São Paulo* em julho de 2007. Esse depoimento menciona a rivalidade apontada por Lobato entre pedestres e motoristas:

*Lembro-me de **O Presidente Negro** sempre que ando a pé por São Paulo. É uma atividade que vem se tornando mais frequente com o passar dos anos. Tenho, no entanto, não há como negar, cada vez menos paciência para com os automóveis. (E o sentimento parece ser recíproco, diga-se de passagem). Há vantagens inegáveis em andar a pé, mesmo aqui, onde a atitude diante do pedestre continua semelhante ao que era no tempo do Lobato.*

Se, na recepção dos leitores de 1926, Monteiro decepcionou-se por ser rejeitado em seu objetivo, na reedição de 2008, *OPN* torna-se visível ao grande público e provoca uma série de resenhas, de comentários na mídia escrita. Eis uma ocasião em que a vida, se não imita a arte, pelo menos imita o *marketing*. O relançamento do livro foi – claro, em função da conjuntura dessa reapresentação - cercado de sugestões de que, oitenta e dois anos atrás, Lobato previu os Estados Unidos de Barack Obama.

---

<sup>67</sup> Carta de Lobato escrita a Renato Kehl, que atualmente pertence a uma coleção de cartas de Lobato do Fundo Renato Kehl, do Centro de Documentação da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro.

Márcio Orsolini, jornalista, ao resenhar *OPN* em maio de 2008, na revista *Bravo*, reafirma a ideia de que Lobato é fruto de seu tempo e que não estava sozinho no panorama intelectual brasileiro. *A ideia da eugenia teve vários propagandistas no meio intelectual brasileiro nos anos 20 e 30*. Cita, ainda, Euclides da Cunha e sua célebre frase de *Os Sertões*, tida como um *slogan* do eugenismo: *O sertanejo é antes de tudo um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral*.

O jornalista destaca o discurso da biógrafa do Autor, Márcia Camargos, que, segundo ele, defende a obra lobatiana ao dizer que as falas dos personagens de uma ficção não são necessariamente um reflexo das ideias do autor; mas admite que, por um curto período de tempo, Lobato se empolgou com as ideias eugenistas. E que o escritor foi contra o totalitarismo, contra ditaduras, condenava a guerra e o extermínio praticado pelos nazistas. Em outra obra de ficção, *A chave do tamanho*, Lobato, nas palavras da Emília, condena as atitudes do Grande Ditador<sup>68</sup>.

Em junho de 2008, Fábio Fernandes publica um artigo, em mídia eletrônica, no qual questiona se Lobato, com a obra *OPN*, pretendia divulgar e defender a extinção dos negros. No entanto, apresenta argumentos a favor de *OPN*, comparando-o ao magistral *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley.

---

<sup>68</sup> *A entrevista de Emília com o Grande Ditador dava um livro de mil páginas, mas tenho de resumir. A pedido dela o Visconde ergueu-o até a altura da janelinha para que pudesse ouvir o seu discurso.*

— *Meu senhor — disse ela —, tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência o Visconde de Sabugosa, o milho falante lá do sítio de Dona Benta. E também me apresento a mim mesma — frau Emília, Marquesa von Rabicó. Viemos dar uma vista de olhos pelas Europas e o acaso nos largou nesta Alemanha de Vossa Excelência. Mas estou admirada do que vejo. Esperei encontrar o grande arsenal das ditaduras dando tiros de canhão e espirrando fogo, e o que no próprio palácio do Grande Ditador eu vejo são montinhos de farda vazios e arianos insetiformes, tímidos, nus, escondidos pelos cantos e vãos e frestas. Que foi que aconteceu, Excelência?*

(...)

*O Grande Ditador animou-se e quis falar. Emília o deteve com um gesto.*

— *Não diga nada, meu senhor. Já houve falação demais. Quem fala agora sou eu. Quero todos muito direitinhos e humildes. Esta semana de “redução” não passa de uma advertência que o tal “alguém” faz ao mundo. Compreende?*

*Assim terminou Emília o seu sermão ao chefe do Eixo.*

Lobato, Monteiro. *A chave do tamanho*. São Paulo: Globo, 2008. pp. 100-102

*O presidente negro é uma distopia, ou seja, um livro que preconiza uma realidade anti-utópica, indesejável e muitas vezes aterradora. Nessa categoria, O presidente negro rivaliza com um livro escrito seis anos mais tarde, em 1932: Admirável mundo novo, de Aldous Huxley, que parte de premissa semelhante: a depuração genética da raça humana (apenas para brancos, excluindo negros e indígenas, não nos esqueçamos).*

Fernandes (2012) apresenta, novamente, a percepção do contexto histórico (anexo 13 - caricatura) em que o texto foi escrito; mais uma vez reforça a imagem de que Lobato é fruto de seu tempo (anexo 14 - caricatura).

Era uma época anterior ao nazismo, em que se acreditava que a teoria da eugenia primava por uma questão de saúde pública. Fernandes destaca a situação lobatiana perante o Jeca Tatu.

*Num primeiro escrito, Lobato chega a acreditar que o Jeca é como é por uma questão genética, e nisso é preconceituoso; mas em pouco tempo se convence de que seu preconceito é uma bobagem, e que o caipira é “preguiçoso” devido a uma série de doenças que, se combatidas, tornarão o caipira um cidadão produtivo como qualquer outro.*

O articulista pede ao leitor que não se deixe influenciar pelo senso comum ao ler *OPN*, e insiste que Lobato, apesar de retratar a eugenia, escreve pelo avesso: *Lobato escreve é uma bela sátira, que não poupa sequer suas próprias crenças, O presidente negro merece ser resgatado como um bom livro de ficção científica brasileira.*

Na revista *Piauí*, em outubro de 2008, o articulista e jornalista Roberto Pompeu de Toledo, analisa *OPN*. Compara-o a outras obras de Monteiro: *Problema Vital* (1918) que trata do saneamento dos municípios do interior e da saúde das populações rurais; *América* (1930), livro escrito durante o período em que Lobato viveu nos Estados Unidos da América do Norte; *Mr. Slang e o Brasil* (1927), obra que levanta denúncias aos males da ditadura de Bernardes

e dos problemas brasileiros. Para o jornalista, esses livros tratam da mesma temática, talvez, em uma faceta benigna do eugenismo.

Pompeu de Toledo refere-se a Lobato como um escritor de seu tempo e autor não de obras literárias na acepção da palavra, mas escritor de uma literatura de combate, de defesa de causas que julgava justas para o Brasil, ou mesmo para a humanidade; esses textos eram artigos jornalísticos reunidos em livro. Em relação ao *OPN*, Toledo destaca:

*O Presidente Negro tem a singularidade de ser um romance, e um romance armado na clave do humor (às vezes bem sucedido, às vezes não) e da sátira, mas lá na música de fundo o que se ouve é a voz do autor, a esta altura inseparável das teses a que servia com fervor de profeta.*

No artigo, Pompeu de Toledo se diz devedor de Lobato pelas horas de felizes leituras do *Sítio do Picapau Amarelo*, da descoberta do prazer de ler; diz, ainda, que se tornou leitor por meio das obras lobatianas. Tem a convicção de que *Monteiro Lobato não foi apenas o melhor escritor de livros para crianças do Brasil, mas um dos melhores do mundo*. E por isso lamenta e se diz surpreso com a temática desenvolvida nesse texto.

*Vai-se ler O Presidente Negro e o que desponta, em vez de Obama, é... Hitler! E não como denúncia, mas como exaltação de um dos traços mais característicos da doutrina nazista. Se Obama aponta para a afirmação dos negros, o romance de Lobato vai no sentido contrário. Em vez de celebrar a igualdade, ou, como quer o candidato à Casa Branca, a superação da questão racial, o que comemora são as teses raciais que, com a ascensão dos nazistas ao poder, sete anos depois de publicado o romance, triunfariam na Alemanha.*

Na revista *Miscelânea* do Campus de Assis, da UNESP, o mestrando Maicon Alves Dias, em novembro de 2009, apresenta um artigo a respeito de *OPN*. Em sua conclusão, ao fazer a análise da obra, constata que Lobato



anteviu em sua época temáticas instigantes tão presentes em nossos dias. Destaca que a obra cumpre seu papel social, por apresentar temas polêmicos que ainda dizem respeito à realidade *pobre e atrasada do Brasil do início do século XX*. *Provocar no leitor estas reflexões, para Monteiro Lobato, era algo obrigatório e necessário.*

Em 1º de março de 2009, Mariza Lajolo dá uma entrevista a Paloma Oliveto do jornal *Correio Braziliense* a respeito de Monteiro Lobato. A professora, estudiosa das obras do escritor, afirma crer *que Lobato quebra paradigma de tratar leitores infantis como pequenos idiotas*. Da mesma forma, Lobato exige do leitor adulto uma reflexão que não fique apenas na superfície.

A Universidade Federal de Santa Catarina, em 2009, indica *OPN* para leitura dos vestibulandos e sofre um patrulhamento dos que se dizem politicamente corretos. A professora de Filosofia da UFSC, Cláudia Drucker, em defesa da iniciativa universitária, posiciona-se da seguinte maneira:

*Ao ver de alguns, o livro é tão ofensivo que não deveria ser publicado. Ao ver de outros, uma vez publicado, não deveria ser recomendado por um estabelecimento público de ensino. Se recomendado, deveria ter sua recepção previamente dirigida, mediante a advertência de que se trata de obra nociva. A meu ver, a primeira opinião é autoritária. As outras são respeitáveis, mas a meu ver equivocadas. A indicação de leitura de um livro de ficção não significa o endosso destes discursos. Significa que uma obra literária é respeitada como obra de arte, e que ainda por cima é considerada representativa do passado. Mesmo que [a obra] contenha palavras ofensivas, claramente a intenção da UFSC ao recomendar a leitura do livro não é ofender [aos leitores], mas impedir que um passado em que tais discursos determinaram tantos destinos de vidas seja esquecido.*

No *Jornal de Brasília* de 31 de outubro de 2010, há o pronunciamento do então Ministro da Educação, Fernando Haddad, a respeito do Parecer do Conselho Nacional da Educação que caracteriza como racista o conteúdo de

*Caçadas de Pedrinho* (1933). Consultado acerca da polêmica derivada do CNE, o Ministro disse à ocasião que ouviria opiniões de acadêmicos e educadores antes de emitir qualquer juízo de valor. A notícia registra: *Haddad afirma que não decidirá sobre o parecer a respeito do livro Caçadas de Pedrinho no calor do momento porque é preciso pensar melhor sobre o assunto.*

Lya Luft, professora, escritora e cronista da revista *Veja*, no dia 10 de novembro de 2010, em sua crônica – *Crucificar Monteiro Lobato?* – manifesta a sua indignação ao *politicamente correto*, e solicita às autoridades que não mexam com os autores brasileiros sob a desculpa de menções a racismo. Exprime também a sua admiração a Lobato, já que se identificava, na infância, mais com os personagens do *Sítio*, do que com as princesas e fadas dos contos nórdicos: *porque jabuticaba, bolinho, bichos e alegria eram muito mais próximos de mim do que as melancólicas histórias de fadas e bruxas – raiz da minha ficção.*

*Que não comece entre nós, banindo um livro infantil de Monteiro Lobato, o mais brasileiro dos nossos escritores: será uma onda do mal, uma nova caça às bruxas, marca de vergonha para nós. Não combina conosco. Não combina com um dos lugares nesta conflitada e complicada Terra onde as etnias e culturas convivem melhor, apesar dos problemas – devidos em geral à desinformação e à imaturidade: o Brasil.*

Com o título de *Caça à inteligência*, na edição da revista *Veja*, de 17 de novembro de 2010, Jerônimo Teixeira, na secção Livros, expõe sua repulsa à censura ao livro *Caçadas de Pedrinho*.

*Que uma recomendação dessas tenha chegado tão longe demonstra que estão institucionalizadas, no estado brasileiro, as piores formas de patrulhamento ideológico: aquelas que desejam higienizar a linguagem, falsear a história e purgar o patrimônio cultural do país.*

Ele diz ser inconcebível que um clássico lido por gerações de crianças, escrito por um autor morto há 62 anos, seja subitamente denunciado como racista. Não há, para Jerônimo, sentido. E ele condena, perplexo, o juízo precipitado dos receptores:

*Na cabeça transtornada dos técnicos em gestão educacional, o homem que apresentou o folclore brasileiro para as crianças e colocou o Saci Pererê e o Minotauro no mesmo patamar de dignidade mítica tem horror ao povo brasileiro!*

Teócrito Abritta em 8 de março de 2011, no artigo *RACISMO "AFETUOSO"*, diz ter ficado chocado, a princípio, com as ideias racistas presentes em *OPN*; afirma ter sentido mesmo, inicialmente, uma grande decepção com Monteiro. No entanto, após outras leituras, assegura:

*Após sucessivas leituras de trechos do romance O Presidente Negro acabei recompondo a minha admiração por Lobato que, na realidade, com este livro, fez um dramático e realista libelo contra o racismo, os preconceitos e a violência, que poucos anos depois causaram o holocausto de vários povos e os terríveis massacres de populações civis em geral.*

Ele conclui o artigo convidando o leitor à leitura, com as seguintes palavras:

*a obra de Lobato merece ser lida, pois lá encontraremos muitas reflexões que contribuiriam para alertar contra a cegueira de nossos dias, independentemente de críticas pontuais que certamente faremos.*



Há uma infinidade de leitores de *OPN* que deram seus depoimentos e apreciações desde a época da reedição (2008) e continuam emitindo suas opiniões. A revista *Bravo*, em maio de 2011, publica

novo artigo a respeito do racismo em Monteiro nominado: *Monteiro Lobato e o Racismo*.

O artigo foi escrito por André Nigri que levanta a tese de que Lobato comungava das ideias eugênicas do início do século XX. Ele teve acesso a algumas cartas inéditas a Renato Kehl, o pai da eugenia no Brasil, nas quais Monteiro confessa sua simpatia à teoria. Ao final do artigo, entretanto, ele vê, na postura silenciosa de Lobato em relação ao holocausto, uma condenação àquele sistema discriminatório, já que o Autor se cala e não fala mais acerca das ideias eugenistas.

Fonte da imagem: "Brasil", *Correio Braziliense*, 1º de março de 2009, p.12.

Espera mesmo que haja uma carta com um *mea-culpa*.

*É tarde demais para condenar Lobato pelo crime intelectualmente imperdoável – e hoje inafiançável juridicamente – do racismo. Ler suas cartas com a distância dos anos proporciona uma reflexão: mesmo mentes mais sólidas podem, em determinados momentos, sofrer um amolecimento radical.*

Apesar da perplexidade causada por *OPN*, percebe-se a clara defesa do escritor Monteiro Lobato pelo conjunto de sua obra e pelo encantamento que ela produz.

Para Rafael Egídio Leal e Silva (2012), da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, há que se compreender o significado histórico de uma ideia, não como uma sucessão de ideias que geram outras, mas nas relações sociais dos homens que produzem sua existência real e que serão condicionadoras dos ideais que estes mesmos homens reais defenderão, seja para manter sua forma de vida, seja para modificar as situações sociais que não condizem com aquilo em que acreditam.

*Quando vemos, no texto **O presidente negro**, de Lobato, o imaginário futuro de uma sociedade que resolve seus conflitos e se torna harmônica pela eugenia, esta visão é o transplante de um ideário amplamente cultivado na Europa Ocidental e que, a partir do fim do século XIX e*

até a primeira metade do século XX foi praticamente hegemônica.

Por último, e ainda não esgotado, vivencia-se o processo de abominação das

ideias/obras de Lobato.

Em 26 de setembro de 2012, o *Correio*

*Braziliense* estampa em manchete: *Mais um livro*

*sob suspeita*. Que livro? *Negrinha*. De quem? De

José Renato Monteiro Lobato. O Instituto de

Advocacia Racial (Iara) ajuizou uma ação na

Controladoria-Geral da União (CGU) contra o



conto escrito em 1923 com a alegação de que a obra literária contém passagens nas quais a personagem sofre castigos corporais sem a explicação de que isso não pode ser feito.

No dia seguinte, 27 de setembro de 2012, na revista *Veja*, em entrevista a Nathalia Goulart, João Luis Ceccantini<sup>69</sup>, estudioso de Monteiro, diz ser *absurda* a censura às obras lobatianas, pela alegação de racismo. Afirma também que as crianças leitoras *sabem absorver o que as histórias têm de melhor*.

Os leitores lobatianos, eu inclusive, estamos ligados a ele pelo cordão umbilical do prazer da leitura, tornamo-nos leitores competentes e vorazes ao lermos as páginas mágicas do pó de pirlimpimpim que nos fazia e, ainda, nos faz voar nas asas da imaginação.

A obra literária de Monteiro Lobato (1882-1948) tem alimentado gerações de crianças e jovens, e não consta que seus leitores tenham formado uma horda racista. Assim mesmo, mais um livro do escritor virou alvo nesta semana da caçada ideológica que tenta enquadrar o criador do Sítio do Pica Pau Amarelo no crime da racismo. A exemplo do que já fizera com *Caçadas de Pedrinho*, o **Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (IARA) quer banir das escolas públicas o livro *Negrinha***, lançado em 1920. O que incomoda o instituto são passagens como "Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados." A patrulha acusa a obra de trazer "estereótipos e preconceito". "Trata-se de analfabetismo histórico", diz João Luis Ceccantini, pesquisador de literatura infanto-juvenil e coautor do livro *Monteiro Lobato – Livro a Livro*. "Querer censurar ou modificar em algum grau uma obra cultural é um absurdo." Estudioso da assimilação da literatura por crianças, Ceccantini acrescenta uma informação ao debate sobre Lobato que demole de vez os argumentos dos censores, que alegam que as obras de Lobato prejudicam a formação das crianças. "Eu tenho estudado a forma pela qual as crianças absorvem o que leem e minha conclusão é que elas sabem identificar os excessos dos livros. Elas se apegam ao que é bom, à essência das histórias – e, no caso de Lobato, essa essência não é racista." Confira a seguir a entrevista com o pesquisador.

## 7. A RECEPÇÃO DOS LEITORES DE *OPN* EM 2011/2012

*Ler é somar-se ao outro, é conhecer a legenda que o outro aplicou ao mundo.*

*Ler é ampliar a legenda, passando também pelo coração do homem.*

Bartolomeu Campos de Queirós

Para se completar a terceira fase da hermenêutica literária de Jauss, a fase da “aplicação”, em que se cotejam as sucessivas recepções da obra, da gênese até os leitores desta década, convidei algumas pessoas, residentes em Brasília, para que preenchessem um instrumento de pesquisa, registrando as suas expectativas enquanto leitores de *OPN*.

O instrumento divide-se em três partes: a leitura de entrada – sem conhecimento da obra; a leitura de processo – simultânea à fase de compreensão; a leitura de produto – correspondendo à fase da interpretação.

A leitura de entrada centrou-se em uma pergunta, para ser respondida antes da leitura da obra: de que você imagina que Monteiro Lobato trata em *OPN*?

Na leitura de processo, o leitor participante da pesquisa precisava identificar e registrar, durante a leitura, os seguintes aspectos: passagem interessante, passagem irreal, passagem instigadora, passagem próxima da realidade atual. Pedia também que destacasse do texto alguma afirmação com a qual discordasse e outra com a qual concordasse.

Na leitura de produto, após ler da obra, o leitor necessitava responder a duas questões: de que trata a obra *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato? A obra confirmou as suas expectativas? Justifique.

Dessa forma, pretendi analisar e entender de que forma a obra *OPN* foi recepcionada por um grupo diversificado de leitores, que foram escolhidos pela multiplicidade etária e pela diversidade na formação acadêmica.



O grupo dos informantes ficou constituído por cinco mulheres, com idades variadas: 16 anos, 20 anos, 47 anos, 63 anos e 85 anos; com formação académica heterogênea: estudante do ensino médio, graduanda de pedagogia, mestre e professora do ensino superior, arquiteta e dona de casa com ensino médio completo, respectivamente. Em relação à etnia, duas se declararam negras e outras três, brancas. Apenas um homem participou do grupo: tem 54 anos, é especialista e professor de literatura do ensino médio; quanto à etnia declarou-se miscigenado.

A análise das respostas dos participantes, (transcritas literalmente nos anexos de nº. 15 a 20) revelou que, na leitura de entrada, apesar de todos os leitores, sem exceção, a partir da paráfrase do título, dizerem tratar-se da eleição de um homem negro à presidência, as respostas apresentaram alguma variedade no que tange às particularidades desse fato.

Uma leitora antecipou que a eleição seria nos EUA, apesar de o título não indicar essa possibilidade; disse ainda do tom profético e futurista do romance: *Acho que é uma obra futurista e profética onde um homem negro assume a presidência dos Estados Unidos da América (ALS).*

Já, outra leitora, a de idade mais avançada, entendeu que a eleição seria no Brasil, por Lobato ser brasileiro; registrou, também, a existência do preconceito racial à época: *Acho que é uma obra que vai tratar da eleição de um presidente negro no Brasil, por se tratar de um escritor brasileiro seria um fenômeno “fora do normal” para a época, pois o Brasil era um país muito racista e nem se cogitava ter um presidente negro (TG).* Essa leitora é a que mais se aproxima da conjetura sociopolítica do século passado, ou seja, do contexto lobatiano.

Uma leitora imaginou que a obra versaria sobre a eleição, por engano, de um político negro e que se tratava de uma comédia. Com isso ela revela sua ideologia, porque eleger um presidente negro, segundo ela, só pode ser engano e uma situação cômica. Pode ser que também tenha intuído a sátira



lobatiana: *A história de um político negro que ganha as eleições por engano, imagino ser um tipo de romance com comédia* (AS).

Outra leitora, apesar de ter apenas dezesseis anos, tem a percepção de que o eleito é pobre, que teve dificuldades, e que relata sua história, e projeta um olhar para o passado. Ainda vislumbra o futuro, ao dizer que não se deve desistir do sonho. O texto trata do *primeiro presidente negro do mundo e mostrará sua história junto com o preconceito que sofre por ser negro e pobre, das poucas oportunidades. Mas mostrará que as pessoas têm que acreditar em seus sonhos, e que apesar dos obstáculos temos que seguir em frente e não desistir* (FMS). Vale destacar que essa leitora, em sua constituição étnica, possui genes afrodescendentes.

O leitor masculino acredita tratar-se da biografia de um afrodescendente que se torna presidente: *De um presidente oriundo da raça negra e de sua história de vida* (SAF). Ressalte-se que ele é professor de literatura.

A leitora MRM aproxima-se da temática lobatiana do choque entre as raças branca e negra ao deduzir que um presidente negro foi eleito em um país de maioria branca: *deve tratar de como um homem negro chegou à presidência de um país, de maioria branca, e as consequências decorrentes de tal fato*.

Pelas respostas, com base no título, é possível verificar que as leitoras e o leitor ativeram-se ao assunto da obra: a eleição de um homem negro à presidência de um país. No entanto, não imaginaram a solução fictícia e radical proposta por Lobato.

Em relação às leituras de processo, as respostas mostraram-se divergentes. Na passagem interessante, cada um dos leitores privilegiou um aspecto da obra.

A leitora de mais idade destaca a passagem da semente: *E o que é uma semente? Uma predeterminação. Aqui dentro está predeterminada uma árvore de colossais dimensões que se chama jequitibá* (Lobato, 2008: 54). Observa-se

que a leitora tem uma visão fatalista, a visão de que já se nasce pronto, com o destino predeterminado.

O leitor, SAF, impressiona-se com a transformação do trânsito, com o cessamento dos congestionamentos: *E como esta, quantas revoluções curiosas! Outra, que muito me impressionou, foi a transformação das ruas que se nota do ano 2200 em diante. Cessa a era dos veículos. Nada de bondes, automóveis ou aviões no céu* (Lobato, 2008: 65).

Nota-se sua preocupação com o deslocamento, com o enfretamento do tráfego no dia a dia, com a dificuldade de locomoção nas grandes cidades. Talvez, por ser homem.

Para a leitora AS, a parte da obra que mais a interessa foi a da morte do Presidente Negro, Jim Roy, quando ele [Jim] toma conhecimento da extinção de sua raça por causa dos raios Ômega: *Nem Shakespeare descreveria o aspecto do líder negro no momento em que a palavra assassina despedaçou-lhe o coração. Um terremoto d'alma aluiu por terra o titã. [...] Dobrou o corpo sobre a secretária. Imobilizou-se.* (Lobato, 2008: 190). Teria a leitora se comovido com o fim da raça negra? Ou com a descrição de Lobato da morte de um titã, de um lutador? Em qualquer das hipóteses, pode-se perceber a compaixão pela finitude da vida, pelo término do ser humano.

*Teatro dos sonhos... Descobriram-se novas ondas... e o transporte do cheiro, sensações táteis...* (Lobato, 2008: 75 e 119); essas são as percepções da leitora MRM. Reflete-se, nessas percepções, o interesse pelas descobertas científicas imaginadas pelo Autor que transformariam de maneira prazerosa a vida cotidiana do homem no planeta Terra. Percebe-se ainda a vontade de entendimento do subconsciente, na possibilidade de vivenciar (de ver) os sonhos projetados na tela qual fosse um cinema. Essa leitora adora cinema.

A leitora FMS, a mais jovem do grupo, ressalta como interessantes três capítulos: *Cap. II – A minha Aurora. Cap. XV – Véspera do pleito. Cap. XXV – O beijo de Barrymore.* O capítulo II apresenta o fato de o ambiente ser

totalmente virgem, isto é, sem sombra da intervenção humana e da necessidade do silêncio por parte do narrador. Nota ela, no capítulo XV, as especificidades das eleições norte-americanas, a disputa entre os partidos feminino e masculino e, ainda, a cidade do amor: *Erópolis*. No último capítulo, observa o desfecho da obra que coincide com *happy end* do romance entre Ayrton, o narrador, e Miss Jane, com um beijo a Barrymore. Na leitura de FMS, o romantismo sobressai, ou seja, a natureza intocada, o silêncio, a cidade do amor e o final feliz entre os protagonistas. Acredito que seja pela idade.

A leitora, ALS, achou o livro todo muito interessante, isto é, a leitura despertou curiosidade no que diz respeito, principalmente, ao passado e ao futuro. *O livro todo é muito interessante nos dois momentos em 1928 e 2228*. Observa-se um entrelaçamento do contexto de Monteiro (1928) e o contexto de futuro (2228); a leitora refere-se ao passado, projetando-o no futuro na perspectiva de inferir o que há por vir.

Em relação às leituras da passagem interessante, percebe-se a diversidade de pensamento dos leitores, já que cada participante destacou uma parte da obra e cada um deles entende que a obra proporciona a reflexão em determinado aspecto. Nota-se que a concretização da obra acontece dependendo da porta de entrada feita pelo leitor. Não há, pois, como englobar todas as respostas.

Nas respostas à passagem irreal, ocorreu uma simultaneidade de percepção, pois os leitores destacam os aspectos inusitados da futurologia lobatiana: *A máquina do tempo – Cronizador, porviroscópio* (ALS). *Cap. VI – O tempo artificial* (p. 53 a 55, FMS). *Desdobramento anatômico – Rompimento do plano simétrico do corpo humano* (p. 74 e 75, MRM). e (p. 74, AS). *A corrente perdía no globo de cristal a sua forma concentrada e visualizava-se com numa projeção de cinema, reproduzindo momentos da vida futura com a exatidão que vai ter um dia* (p.64, SAF).

Apenas a leitora de mais idade ressalta a irrealidade de um presidente norte-americano não tomar posse após ser eleito: *Não subirás os degraus da*

*casa branca, Jim* (p. 189, TG). Observa-se a preocupação com a impossibilidade da realização de sonhos e com a conduta antidemocrática em um país defensor irrestrito da democracia.

Pelas leituras da passagem irreal, percebe-se a unanimidade das respostas em relação às possíveis descobertas científicas acerca do tempo: o *porviroscópio*, a projeção do futuro em telas de cinema e da possibilidade do corpo humano ser desdobrado, o que não deixa de ser uma projeção do futuro da humanidade.

Na leitura das respostas da passagem instigadora, a maioria dos leitores refere-se, mais uma vez, às invenções científicas de Monteiro: *Depois do almoço levou-me o professor a ver os laboratórios* (p. 46, TG). *E a uma criatura que nem conhece a página aberta ante os olhos, como o senhor, vou eu revelar o que a ninguém anda foi revelado: algumas páginas futuras!* (p. 42, SAF). *Descobriram-se novas ondas e o transporte da palavra, do som e da imagem, do perfume e das mais finas sensações táteis* (p. 119, AS). *Intermundane Herald, jornal de radiação metapsíquica, que veio atender a velha sede* (p. 74 e 75, MRM).

A leitora mais jovem lembra o capítulo II – *A minha aurora*; esse capítulo, ressaltado também por ela como a passagem mais interessante, aborda o deslumbramento do narrador ao ver-se em silêncio usufruindo da natureza intocada pelo homem. Entrevê-se o ponto de vista romântico e, por que não, a vontade de solidão.

A leitora ALS destaca vários pontos instigantes: *o preconceito, a parte que miss Jane descreve a vibração do éter, a afirmação que a História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a ler e escrever. A substituição do povo francês pelo mongol; a anexação do Canadá ao território dos Estados Unidos. A teoria que a mulher não é a parceira natural do homem, os casais deveriam passar por vários testes antes de serem autorizados a procriar.* Ao destacar esses aspectos, constata-se que houve uma leitura mais abrangente da obra.

É importante notar que os pontos instigadores, para a maioria dos leitores, são os mesmos pontos ressaltados como interessantes: a futurologia lobatiana. As descobertas ficcionais a respeito do tempo, especialmente, anunciam a possibilidade da antevisão científica do futuro.

Nas respostas referentes à passagem próxima da realidade atual, dois leitores concordaram que o aspecto mais condizente com a atualidade é o fato da comunicação à distância: *O rádio transporte tornará inútil o corre-corre atual: trabalhar-se-á à distância* (p. 65 e 127 MRM).

*Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á à distância. E acho muito lógico esta evolução. Não são hoje os recados transmitidos instantaneamente pelo telefone? Estenda esse princípio a tudo e verá que imensas possibilidades quando à radiocomunicação se acrescentar o radiotransporte* (p. 65, SAF).

Duas leitoras identificaram a eleição de um presidente negro na perspectiva de mudança político-social de uma nação e da surpresa (comoção) que essa eleição causaria: *Mesmo na vitória o negro fica estupefato, a estupefação dos brancos derrotados não era menos do que a dos negros vencedores* (p. 147, AS).

*- Tu começaste a obra, Jim vai concluí-la... Penetrou na cabina. Vacilou um instante em face do aparelho que lhe ia veicular a vontade. Contraiu os músculos num sorriso de senegalês descortiado – e pronunciou finalmente com voz segura a palavra secreta que até ali escondera: - “O candidato da raça negra é Jim Roy”* (p. 134, TG).

A leitora ALS, além de reconhecer a eleição de um presidente negro nos EUA (leia-se Obama), percebe a semelhança das situações expostas no texto lobatiano com os dias atuais nas relações trabalhistas; segundo a leitora, o texto apresenta também traços da teoria neurolinguística<sup>70</sup> e ela acredita que a teoria da eugenia permanece entre nós até hoje: *A eleição de um Presidente Negro no EUA. A relação de trabalho de Ayrton e a empresa Sá, Pato & Cia. No capítulo “O Tempo Artificial” apresenta a base da neurolinguística. A defesa da eugenia.*

A mais jovem leitora do grupo atém-se a um aspecto bem palpável da atualidade: os acidentes de trânsito: *Cap. I – O desastre* (p. 23 a 25 FMS).

É possível identificar pelas respostas que, já em 1926, Monteiro se antecipou a uma série de ocorrências do século XXI. Essas ocorrências foram destacadas pelos leitores de forma inequívoca: o alto avanço tecnológico; os acidentes de trânsito tão comuns nos dias atuais; a comunicação encurtando distâncias (leia-se internet); as relações trabalhistas já tão conturbadas; os estudos de neurolinguística esboçados por Lobato e que são aprofundados no século atual.

Com referência à percepção do paralelismo existente entre a eleição de Barack Obama, em 2008, como 44º presidente dos Estados Unidos da América e Jim Roy, em 2228, na visão lobatiana que seria o 88º presidente dessa nação; deu-se efetivamente entre os leitores, porém um destaque que causa estranheza é a afirmação de que a eugenia é ainda defendida na atualidade (uma pergunta permanece: em que país: no Brasil, nos EUA?).

Na afirmação com a qual você concorda, cada participante focalizou um aspecto da obra.

---

<sup>70</sup> **Neurolinguística** é a ciência que estuda a elaboração cerebral da linguagem. Ocupa-se com o estudo dos mecanismos do cérebro humano que suportam a compreensão, produção e conhecimento abstrato da língua, seja ela falada, escrita, ou assinalada.

FMS, a leitora adolescente, entendeu que o homem alimenta-se de ideias feitas e se desnorteia diante do novo (p.37). Destaca, ainda, que o mundo é um imenso livro de maravilhas (p.42).

A leitora MRM acolhe a ideia de que *o hábito não nos deixa ver os defeitos... O grande obstáculo ao progresso sempre foi o hábito, a ideia feita, a preguiça...* (p. 120). Percebe-se que a leitora concorda com o fato de que a humanidade é conformista, habitua-se a determinado fato e, por preguiça, não muda; permanece na mesmice.

A concordância do leitor SAF dá-se em relação ao fato de que a humanidade não está pronta para receber um invento que permita antever o futuro; há ainda muita maldade e ganância: *a humanidade não está apta a suportar a revelação do futuro. Acha que a sua invenção cairia no poder de um grupo o qual abusaria da tremenda soma de superioridade que a descoberta lhe concederia* (p. 63).

Já na percepção da leitora de mais idade, há a anuência de que os casamentos devem acontecer e permanecer na máxima liberdade: *Nos outros casos os cônjuges.*(p. 160, TG).

A leitora ALS concorda com a declaração de Monteiro acerca da citação: *A afirmação sobre a História.* A leitora parece conhecer Benjamin, pois Lobato assevera que *A História é a estilização parcial feita pelos interessados, apenas* (Lobato, 2008: 59) e Benjamin diz que a História é sempre escrita pelo vencedor, e que os vencidos não têm voz, não são ouvidos.

A leitora AS não destacou a passagem com a qual concorda.

De acordo com as respostas dadas à passagem de concordância com o texto, observa-se, novamente, que cada um dos leitores destaca um aspecto. Enfim, o que determina a obra é o ponto de vista do leitor.

Em relação à afirmação da qual você discorda, os leitores divergiram do texto de Monteiro no que se refere ao choque das raças. Uma leitora não concorda que a miscigenação brasileira tenha sido sem expressão: *A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as. A nossa solução deu mal resultado* (p. 92, MRM).

Ao discordar dos princípios da eugenia presentes no texto lobatiano, o leitor SAF destaca a lei espartana que impedia a reprodução das pessoas com defeitos físicos e da Lei Owen que não permitia aos defeituosos morais terem filhos:

- *Exatísssamente... Desapareceram os peludos – os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de malformados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana* (p. 98, SAF).

O leitor SAF percebe acuradamente o destaque que Monteiro faz em relação à eugenia tanto dos defeitos físicos quanto dos defeitos morais.

A leitora TG apresenta sua discordância, apontando o início do capítulo no qual Miss Jane contará a Ayrton de que forma se deu o choque das raças: *Voltei ao castelo e minha amiga [Miss Jane] deu começo enfim as suas revelações sobre o choque das raças* (p. 96, TG).

ALS concorda com o leitor e com as outras leitoras, divergindo do texto em relação à eugenia, à mistura das raças e acrescenta sua discordância a respeito do feminismo: *O feminismo que as mulheres deixaram de ser mulheres, mas não conseguiram tornar-se homens.*



A leitora mais jovem diverge de que com o porviroscópio Dr. Benson seria todo poderoso: *O professor Benson com seu invento tornar-se-ia senhor do mundo* (p. 38, FMS).

A leitora AS não destacou a passagem da qual discorda.

Pelas respostas dadas em discordância à obra, percebe-se claramente o descontentamento do leitor e das leitoras com a solução eugênica apresentada por Monteiro em *OPN* em relação ao choque das raças: a hegemonia da espécie branca com a extinção total da etnia negra.

Nas leituras de produto, em resposta à pergunta: de que trata a obra *O Presidente Negro* de Monteiro Lobato? Dos seis leitores apenas a leitora AS entende que a obra é a história de amor entre Ayrton e Miss Jane e a história do porviroscópio: *Trata-se muito mais da história do senhor Ayrton Lobo e da bela Miss Jane do que do presidente Jim Roy. O pai da Miss Jane construiu uma máquina capaz de viajar para o futuro e o livro apresenta os acontecimentos sendo narrados por Jane para Ayrton.*

Os demais leitores compreenderam que o livro trata do racismo étnico. Assim se manifestaram.

A leitora ALS tem a percepção de que é uma obra que retrata o contexto do Autor: *Um livro racista que demonstra como o autor e as pessoas que viviam na mesma época pensam a respeito da etnia negra e sobre a diversidade.*

A leitora mais jovem infere que se trata do racismo na sociedade atual e das diferenças entre brancos, negros e inclui as mulheres: *Trata do racismo em nossa sociedade e da diferença de oportunidades entre brancos, negros e mulheres* (FMS).

A leitora MRM diz: *Trata de “poder”, trata de racismo, intolerância, choque das raças e gêneros e manipulação da ciência - lembrou-me Hitler –*

*para apurar a raça branca – orgulho (MRM). Ela consegue perceber alguns aspectos que vão além do puro racismo, fazendo inferências acerca do uso da ciência para interesses pessoais, da intransigência dos povos, da necessidade de poder do ser humano e do orgulho desse homem.*

O leitor SAF diz tratar-se do futuro dos EUA em relação à questão racial em meio à alta tecnologia: *Do que seria a América no futuro, após passar por uma purificação racial, num mundo altamente tecnológico.*

A leitora mais experiente considera que o livro retrata a eleição de um negro à presidência dos EUA: *Trata-se da eleição de um presidente negro, nos EUA, e que não é aceito pela raça branca (TG).*

De acordo com as respostas apresentadas pelos participantes, deduz-se que eles apreenderam da obra lobatiana a temática central: a questão do preconceito étnico.

Nas respostas dadas se a obra confirmou suas expectativas?, os participantes dividiram-se: três afirmam que a obra não atendeu as suas expectativas: a leitora de mais idade nega: *Não, pois eu achava que seria uma história que se passaria no Brasil e não nos EUA (TG)*; o leitor SAF, professor de literatura, afirma:

*Na verdade, não atendeu às expectativas iniciais, se me basear no título O Presidente Negro. Justificando, diria que embora saiba que a obra é uma arte produzida pelo artista, e não deva necessariamente refletir, até onde se entenda a ideia do seu autor, O Presidente Negro é uma obra contundente.*

A leitora AS registra: *Não. De início pensei que a obra contava a história de um presidente negro eleito por engano e que esta seria contada no presente. Jamais imaginei uma máquina do tempo dentro da história.*

Duas leitoras confirmaram suas expectativas, dizendo que a obra correspondeu ao que elas esperavam. A leitora MRM destaca o aspecto da imaginação de Monteiro em prever, em sua época, fatos que ocorrem hoje:

*Sim, adorei ler o único romance de Lobato, leitura agradável e fácil e surpreendente. Como a imaginação de um grande autor pode prever tantos fatos que hoje – século XXI – estamos presenciando. Fantástico, e até muito antes, como no embate entre os presidenciáveis Barack Obama e Hillary Clinton.*

A leitora mais jovem ratifica a atualidade do texto lobatiano por descrever as dificuldades do povo afrodescendente: *Sim, pois apresenta muitas coisas que realmente acontecem com as pessoas negras. E é basicamente aquilo que eu imaginei (FMS).*

E por fim, a leitora ALS diz que foram confirmadas em parte as suas expectativas, já que almejava a valorização da miscigenação: *Parcialmente, pois eu esperava que no final do livro o autor valorizasse a mistura de raça e a diversidade.*

Fonte da imagem: *Veja*, Ano 43, nº. 46, Ed. 2191. 17 de novembro de 2010. p. 128.



Nas respostas dadas, percebe-se, pela heterogeneidade, a confirmação de que a recepção na leitura da obra depende do horizonte de experiência do leitor, da leitora. O texto só se realiza em

obra, por intermédio da intervenção do leitor, do preenchimento dos vazios, das lacunas, pela atitude recepcional.

A obra, ao romper com a expectativa do leitor, instala-se como literatura de valor, que tem um compromisso com a realidade; porém não é conformista, pois quebra essa expectativa e faz refletir a respeito de seu contexto atual, enquanto receptores de ficção.

Há, portanto, a confirmação de que *OPN* fez os leitores refletirem e posicionarem-se frente à temática eugênica. E em relação à teoria da estética da recepção, também, confirma-se que para a concretização da obra é necessária a intervenção do leitor.

## 8. VALORES MORAIS EM LOBATO

*O verdadeiro amigo de um pintor não é aquele que o entontece de louvores; mas sim o que lhe dá uma opinião sincera, embora dura, e lhe traduz chãmente, sem reservas, o que todos pensam dele por detrás.*

Monteiro Lobato

Em *OPN*, desde as primeiras páginas, Lobato posiciona-se pela eugenia dos **valores morais**, ou seja, a limpeza em relação aos desonestos, aos desequilibrados, aos de mau comportamento. Na voz de Miss Jane, verifica-se uma crítica aos retóricos, aos que empregam a palavra de maneira pomposa para persuadir ou por exibição; aos que fazem um discurso bombástico, enfático, ornamentado e vazio.

***É que os processos seletivos tinham banido da sociedade os tarados, inclusive os retóricos. Todas as perturbações do mundo vinham da ação antissocial desses maus elementos. Até à vitória prática do eugenismo<sup>71</sup>, a desordem humana raiara pelo destempero*** (157, grifos acrescentados).

Ainda na voz de Miss Jane, Lobato coloca no mesmo paradigma de passíveis de banimento os presidiários, as prostitutas e os deputados. É eloquente o discurso:

*visto como um alcoólatra, um retórico ou um burocrata tinham tanta liberdade de encher o mundo de futuros **pensionistas das prisões, dos prostíbulos e das***

---

<sup>71</sup>Com *status* de disciplina científica, a teoria da eugenia foi proposta pelo primo de Charles Darwin: Sir Francis Galton, pensador inglês, que em 1865, publicou *Hereditary Talent and Character*, trabalho no qual demonstrava os princípios da teoria eugênica. Essa teoria pretendia inserir na sociedade um método de seleção humana baseada em premissas biológicas. Galton se empenhou no desenvolvimento de técnicas biométricas capazes de melhorar o gênero humano. É preciso ressaltar que as ideias eugênicas estão presentes desde a Antiguidade. Lembrar: os padrões de beleza dos gregos antigos; o culto à força dos espartanos; os hábitos higiênicos dos hebreus; a circuncisão do povo judeu, enfim muitos são os exemplos.

*câmaras de deputados como um homem são de o povoar de silenciosos homens de bem* (158, grifo acrescentado).

Percebe-se nos fragmentos anteriores que Monteiro compara as pessoas e as iguala, não pela classe social em que estavam inseridas, mas sim pelos valores morais e éticos que exercitavam ou defendiam. Já em sua época, Lobato observava que os políticos e os retóricos não correspondiam às necessidades da população, mas sim aos próprios interesses.

Na fala do personagem negro Jim Roy, Lobato pontua a diferença entre a má e a boa semente. Os homens íntegros, éticos, compara-os a Abraham Lincoln, o defensor dos negros na Guerra de Secessão<sup>72</sup>: *Viu depois a Aurora da noite de duzentos anos: Lincoln. O Branco Bom disse: "Basta!" Ergueu exércitos e das unhas de Jefferson Davis arrancou a pobre carne-coisa* (133).

Ao cotejar a bondade e a maldade nos seres humanos, Monteiro, por meio de Miss Jane, aponta as mazelas da humanidade: diz que a caridade, a filantropia nada mais são do que pseudoajuda, já que havia gasto do dinheiro público para acalentar pessoas que não retribuiriam.

*A má semente humana gozava de tantos direitos como a semente que abrolhou em Lincoln. E a caridade, a filantropia, a assistência pública em matéria de defesa social, não faziam senão despendar enormes quantidades de dinheiro e esforço na criação de hospitais, asilos, hospícios, prisões, casas de congresso, repartições públicas, isto é, abrigos para os produtos lógicos da má origem* (158).

À eugenia se opunham a mística oriunda dos hebreus e a ideia de liberdade da vitoriosa Revolução Francesa.

---

<sup>72</sup> A Guerra de Secessão ou Guerra Civil Americana ocorreu nos Estados Unidos entre 1861 e 1865. Em 1860, Abraham Lincoln, um republicano contra a escravidão, venceu as eleições presidenciais americanas. Lincoln, ao assumir o posto de presidente, cognominou os Estados Unidos de *Casa Dividida*.

*A ideia de seleção da semente de há muito vitoriosa na agricultura<sup>73</sup> e na pecuária, só não se via aceita no campo que mais deveria interessar ao homem. Uma velha ideologia mística vinda da Ásia hebraica, e um falso conceito de liberdade vindo do 89 francês, a isso se opunham tenazmente (158).*

Na pessoa de Mr. Benson, quando ele justificava a destruição do porviroscópio, por não confiar no uso dado à máquina pelos humanos, Monteiro assume, no texto, uma conduta de defensor dos bons, dos produtivos, dos que querem fazer a raça humana perfeita. Ele defende a necessidade de depuração dos valores impregnados no homem de seu tempo.

*Se houvesse, ou antes, se predominasse no homem o bom senso, a inteligência superior, as qualidades nobres em suma, sem medo eu atiraria à divulgação a minha maravilhosa descoberta. Mas sendo o homem como é, vicioso e mau, com um pendor irredutível para o despotismo, não posso deixar entre eles tão perigosa arma (38).*

OPN foi escrito em 1926, época em que à questão racial<sup>74</sup> era inerente aos e indissociável dos valores morais. No entanto, mesmo quando apregoa a eugenia, Monteiro exalta a raça negra representada pelo grande líder negro Jim Roy:

*Jim Roy valia pelo símbolo da força. A raça espezinhada confluía-se toda nele, transformando-o num feixe de energias indomáveis. Em toda a sua vida pública jamais esse negro dera um só passo ou pronunciara uma só palavra que se não norteasse pela grande ideia que trazia embutida no cérebro. Não era um indivíduo, Jim. Era a*

---

<sup>73</sup> Ainda pela voz de Miss Jane, já em 1926, Lobato abordava o tema da eugenia, vinculado aos alimentos transgênicos, ou seja, os alimentos alterados pelos cientistas.

<sup>74</sup> Apesar da libertação da raça negra, em 1888, no Brasil, à época em que OPN foi escrito estava impregnada na sociedade a não-valorização do diferente. É preciso lembrar que até mesmo a religião pregava que o negro não tinha alma, portanto não era ser humano, era ser escravizável.

*própria raça negra por um milagre de compressão posta inteira dentro de um homem (113).*

Lobato reconhece a integridade do representante da raça negra; até mesmo a representante feminina, Miss Astor, rende-se ao magnetismo de Jim:

*Miss Astor o sentiu imediatamente. Percebeu que tinha diante de si uma força insubornável e inseduzível. E, compreendendo o inútil dos volteios de onda em torno de rocha tão dura, abordou de frente o assunto (113).*

Jim Roy tem consciência da sua força e determina-se em fazer justiça a sua raça:

*"Jim o [incêndio que vigoraria nos Estados do Sul norte-americano] apagará! Jim manterá presa em cadeia de aço a pantera africana. Ele a domina com os olhos como o soba a dominava no kraal donde a cupidez dos brancos a tirou. Jim é rei!" (149).*

O representante máximo da raça branca, o presidente Kerlog, reconhecia e admirava em Jim Roy sua energia e sua decisão em justificar a raça negra.

*Era tal a firmeza com que o grande líder negro emitia aquelas palavras que o tom de superioridade do branco se demudou em admiração. Kerlog viu que tinha diante de si, não um feliz aventureiro político, mas uma dessas incoercíveis expressões raciais a que chamamos condutores de povos. Pela primeira vez enfrentava um homem que era algo mais que um homem. E do fundo do coração Kerlog lamentou que a incompatibilidade racial o separasse de tamanho vulto (149).*

Entretanto, embora consciente da grandeza do grande homem que era o líder negro, Kerlog, homem branco, insiste na separação racial.

*Vejo em ti uma força demasiado grande para que eu a enfrente com palavras. Estamos face a face não dois*



*homens, sim duas almas raciais arrostadas num duelo decisivo. Não fala neste momento o Presidente Kerlog. Fala o branco de crueldade fria, o mesmo que vos arrancou do kraal, o mesmo que vos torturou nos brigues, o mesmo que vos espezinhou nos algodoais. Como há razões de estado, Jim, há razões de raça. Razões sobre-humanas, frias como o gelo, cruéis como o tigre, duras como o diamante, implacáveis como o fogo. O sangue não raciocina, como os filósofos. O sangue sidera, qual o raio. Como homem admiro-te, Jim. Vejo em ti o irmão e sinto o gênio. Mas como branco só vejo em ti o inimigo a esmagar (150).*

Observa-se na passagem anterior uma reflexão, algumas críticas de Lobato à postura do homem branco e ao vigente pensamento da sociedade em relação à etnia. Percebe-se, portanto, em *OPN*, a ideologia racista dominante à época, porém muitas vezes velada pelos discursos retóricos. Esta é uma leitura necessária para o entendimento do pensamento racista na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX.

Veja-se que Lobato exalta a força da raça negra e coloca o homem branco como intransigente, orgulhoso, dominador; só a raça branca pode governar. E, mais, só o homem branco, pois até a mulher branca era alijada do comando. Enfim, Lobato ficcionaliza na obra a realidade da humanidade, cria uma situação futura para traduzir o pensamento corrente à época da escritura do romance.

Além da questão dos valores morais em relação à questão racial, Monteiro, em *OPN*, brinca com inúmeras e importantes situações do cotidiano das pessoas. Destaca a vontade permanente do ser humano em conhecer o futuro; o Dr. Benson parece ler em um globo de cristal:

*O mundo, meu caro, é um imenso livro de maravilhas. A parte que o homem já leu chama-se passado; o presente é a página em que está aberto o livro; o futuro são as páginas ainda por contar. E a uma criatura que nem conhece a página aberta ante os olhos, como o senhor,*

*vou eu revelar o que a ninguém ainda foi revelado: algumas futuras! (42).*

Várias invenções científicas são aludidas nesta obra, tais como a invenção da luz fria, a transmissão direta das notícias por meio de televisores às casas dos leitores, as eleições com apuração simultânea, o teletransporte, enfim, inventos que interferem diretamente na vida das pessoas e as tornam “mais felizes”. Eis como Lobato se aproxima de seus leitores:

*Sofrera completa mudança a iluminação artificial — tamanha como a do transporte depois da vinda do rádio. Inventara-se a luz fria. Por dentro e fora eram pintadas as casas de uma tinta de luar, que dava às cidades o aspecto de emersas de um banho de fósforo. Paredes, muros, telhados, todas as superfícies dimanavam um palor uniforme de sonho (127).*

Lobato viveu em um tempo em que ainda não existia a televisão, porém foi capaz de antecipar a possibilidade desse invento tão comum na atualidade. Pelas telas chegam os vários telejornais das inúmeras emissoras televisivas existentes hoje: *Sim, mas jornais nada relembrativos dos de hoje. Eram radiados e impressos em caracteres luminosos num quadro mural existente em todas as casas (118).*

A internet foi outra invenção que Lobato pressentiu. A tecnologia moderna não conseguiu, ainda, a transmissão do cheiro via computador. Hoje, todavia, é possível comunicar-se com os mais longínquos pontos da Terra sem sair de casa.

*O rádio que temos hoje é um simples ponto de partida. Vale como valem para a eletricidade moderna as primeiras experiências de Volta. Descobriram-se novas ondas, e o transporte da palavra, do som e da imagem, do perfume e das mais finas sensações tácteis, passou a ser feito por intermédio delas (119).*

Em 2228, pela descrição de Miss Jane, já é possível o ir-e-vir sem congestionamentos, pois se trabalha em casa; o teatro, o cinema<sup>75</sup>, os shows vêm ao encontro das pessoas, graças à descoberta das *ondas hertzianas*. Houve uma transformação da vida nos grandes espaços urbanos, *o ir-e-vir forçado se reduziu a escala mínima* (119).

Nos dias atuais, caminha-se para uma aceleração na apuração dos votos por meio das urnas eletrônicas<sup>76</sup>, usadas no Brasil e que foram imaginadas por Monteiro em sua obra.

*As eleições do século 23 em nada lembravam as de hoje, consistentes na reunião dos votantes em pontos prefixados e no registro dos votos. Tudo mudara. Os eleitores não saíam de casa — radiavam simplesmente os seus votos com destino à estação central receptora de Washington. Um aparelho engenhosíssimo os recebia e apurava automática e instantaneamente, imprimindo os totais definitivos na fachada do Capitólio* (126).

Essas antevisões de Lobato favorecem a elevação do intelecto e da tecnologia a bens supremos.

De acordo com Monteiro Lobato, mais uma vez na voz de Miss Jane, valorizam-se as relações conjugais que se resolvem de forma simples, com férias conjugais e idas a Erópolis – a cidade do amor. Percebe-se, na passagem em destaque, a verve romântica lobatiana que perpassa todo o texto, e que já foi apontada na primeira diegese, em que se evidenciou o final dado a *OPN*:

*Uma cidade das Mil e Uma Noites erguida no mais belo recanto dos Adirondacks e exclusivamente dedicada ao Amor. Para lá iam os enamorados, os casados em lua de mel, nela só permanecendo durante o período da ebriedade amorosa* (127).

---

<sup>75</sup> Nos desenhos animados – *Os Jetsons* - e em alguns filmes de ficção científica já se pode ver o uso do espaço aéreo no transporte das pessoas.

<sup>76</sup> Na segunda metade do ano de 2012, nas urnas eletrônicas, o eleitor é reconhecido pela digital, portanto até o sentido do tato é transmitido eletronicamente.

Não se pode esquecer que Monteiro, na voz de Miss Jane, se revela defensor dos valores sociais e vitais do povo norte-americano.

*Quem olhasse de um ponto elevado o panorama histórico dos povos, veria, na França, uma flâmula com três palavras; na Inglaterra, um princípio diretor, Tradição; na Alemanha, uma fórmula, Organização; na Ásia, um sentimento, Fatalismo. Mas ao voltar os olhos para a América perceberia fluidificado no ambiente um princípio novo — Eficiência (116).*

José Renato Monteiro Lobato escreveu *OPN* antes de sua viagem aos Estados Unidos. Para o escritor, a pátria norte-americana representava o progresso, o futuro. Já o Brasil era o retrato do atraso vivenciado no passado e que perdurava no presente. Na formação dos dois países, há muitas diferenças:

### **Brasil**

Foi colonizado pelos portugueses.

Privilegiou-se o extrativismo das riquezas naturais.

O brasileiro acomodou-se, tornou-se passivo. Lobato exemplifica essa acomodação e passividade na figura de Jeca Tatu.

A ocupação da terra favoreceu o extrativismo, a agricultura – a cana-de-açúcar, o café – a pecuária. A primeira sociedade brasileira era rural.

### **Estados Unidos**

Foi povoado pelos ingleses.

As pessoas chegaram no *Mayflower* para fundarem, na nova terra, uma pátria.

Os norte-americanos estabeleceram uma sociedade competitiva, na qual as pessoas aceitaram os desafios para tornar possível a vida na nova pátria.

Desde os primórdios criaram-se os núcleos que formariam as cidades e desenvolveu-se a cultura para a industrialização.

Lobato mantinha pelos Estados Unidos uma grande admiração. Em uma carta de 25 de janeiro de 1922, a Godofredo Rangel, escrevia: *Que vontade de mudar de terra – ir viver num país vivo, como o dos americanos! Isto [o Brasil] não passa dum imenso tartarugal. Tudo se arrasta.*

Em 1927, realizou o sonho de morar nos EUA, já que fora nomeado adido comercial em Nova York pelo presidente Washington Luís. Escreveu em 17 de agosto de 1927:

*Você [Rangel] condenado a pular “duma cidade morta” para outra, e eu a saltar duma cidade viva para outra mais viva ainda: Taubaté – São Paulo – Rio de Janeiro – New York... Sinto-me encantado com a América! O país com que sonhava. Eficiência! Galope! Futuro! Ninguém andando de costas.*

Em síntese, considerando o exposto, pode-se erguer o perfil ideológico de Monteiro Lobato com os seguintes elementos constitutivos:

Monteiro Lobato defendia com força suas convicções, a favor de ou contra o senso comum de seu tempo; possuía apreciação irrestrita do novo, do moderno, do americanizado, *the american way of life*; valorizava os exemplos de conduta dos homens de bem (Lincoln), dos homens da ciência (Ford, Volta), resumidos no protagonista Benson; primava pelos valores da honestidade, do bom senso, da inteligência superior; condenava os falsos comportamentos de caridade, filantropia, de retórica em defesa social; aceitava uma sociedade de classes, maniqueistamente estruturada, que coloca em confronto pedestres *versus* motorizados, patrões *versus* empregados; partilhava de pontos de vista oriundos do seu contexto de época: defesa de uma raça melhor, mais aprimorada e exclusão da mulher das decisões importantes.

Todos esses traços psíquico-sociais, enraizados nos valores ideológicos de seu tempo, são apresentados em afirmativas/negativas categóricas<sup>77</sup>, a

---

<sup>77</sup> Um levantamento exaustivo dos empregos do verbo ser, no presente do indicativo (que é, consabidamente, o tempo permanente, ou o registro da perpetuidade) foi realizado, com o intuito de colher afirmativas ou negativas categóricas do Autor, a fim de explicitar sua postura pessoal.

partir das quais o leitor de Lobato, perante *OPN*, acompanha sua forma de pensar, acerca de vários subtemas.

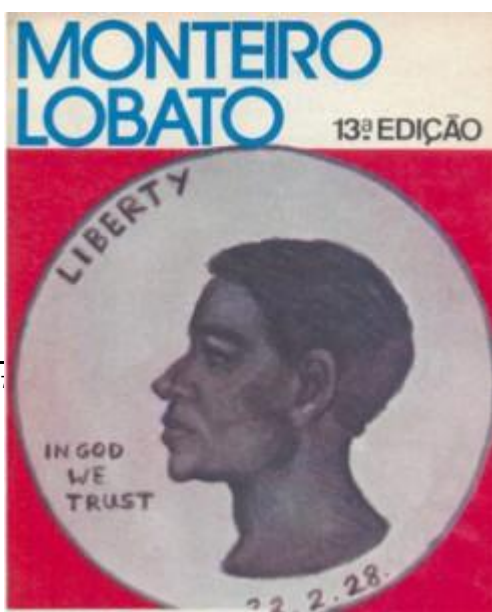
## 8.1 Recepção e linguagem

*A ironia é o primeiro indício de que a consciência se tornou consciente.*

Fernando Pessoa

Misturando o mundo imaginário com a sociedade concreta, Monteiro Lobato mostra, na e para a sociedade cotidiana, a possibilidade de simultaneamente acontecerem situações maravilhosas ou assustadoras, sem o sentimentalismo piegas de muitos em sua época. Substituiu-o pela irreverência gaiata, pelo humor e pela ironia. A releitura do conjunto de sua obra infantil e mesmo de muitos textos destinados a adultos, para culminar com a análise de *OPN*, aponta a sátira lobatiana como uma constante. Humor, comicidade, ironia e hipérbole (anexo 21 – fragmento de texto) são comuns na obra completa do criador do *Sítio de Picapau Amarelo* que, com essas figuras, expõe seu pensamento às vezes irreverente, às vezes colérico.

Só assim podem-se entender afirmações carentes de fundamento histórico, como a em que Lobato pergunta: *que é a América, senão a feliz zona que desde o início atraiu os elementos mais eugênicos das melhores raças europeias?* E a afirmação categórica aludindo à miscigenação: *Só o ariano é grande, a solução é mesmo a que eu adivinhei — a igualificação<sup>78</sup> das raças!... O negro perdeu as suas admiráveis qualidades físicas de selvagem e o branco sofreu a inevitável piora de caráter, conseqüente a todos os cruzamentos entre raças díspares. Caráter racial é uma cristalização que às lentas se vai operando através dos séculos.*



Construções hiperbólicas revelam a grandiosidade com que Monteiro exterioriza pontos de vista, tanto aludindo a fatos passados, quanto a situações do

ologismo o verbo omegar: *Jim se omegara.*

seu presente: ***O dinheiro ainda é tudo para os homens.***

Há antevistas futurísticas exageradas em: *Desapareceram os malformados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana.* A solução é radical, no sentido de que é necessário cortar o “mal” pela raiz:

São várias as passagens em que Lobato alude à participação feminina nos diversos ciclos da história. *Em todas as épocas as mulheres dotadas de beleza sempre dominaram, atrás dos tronos como favoritas, na sociedade como cortesãs, no lar como boas deusas humanas, mas sempre por intermédio do homem — o déspota, o amante, o marido, detentores em sua qualidade de machos de todas as prerrogativas sociais. No futuro a dominação da beleza feminina não se fará mais por intermédio do macho.*

São irreverentes – para não dizer iconoclastas – as afirmativas que surgem a respeito desse tema, sempre carregadas de um tom de blague: *a mulher não constituía a fêmea natural do homem, como a leoa o é do leão, a galinha do galo, a delfina do delfim. Ainda: a mulher vencera o seu estágio de inferioridade política e cultural, consequência menos duma pretensa inferioridade do cérebro do que de uma organização cerebral diversa da do homem e, portanto, inapta a produzir o mesmo rendimento quando submetida ao mesmo regime de educação. E o paroxismo do deboche: a linha reta da mulher é sempre torta.*

Assim como emprega o deboche na caracterização da fêmea – das quais, em *OPN* só se salva Miss Jane, porque o narrador é incapaz de julgá-la com isenção, haja vista o sentimento amoroso – Lobato o faz com vários outros temas de relevância. Com relação aos detentores do poder, no Estado, assim se expressa: *fazer parte do estado é conquistar o direito à inação da piolheira vitalícia — dormir, apodrecer na sonolência da burocracia que não espera, não deseja, não quer, não age — suga apenas.*

Também com referência aos fatos que constituem a história oficial, o discurso – embora atualmente saiba-se que a ideia subjacente é verdadeira – é de ridicularização dos escribas: *A História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a escrever. Mas que tem*

*com o passado a História? Toma dele fatos e personagens e os vai estilizando ao sabor da imaginação artística dos historiadores. Só isso.*

Se o leitor ingênuo ou despreparado for julgar Lobato por tais fragmentos, descontextualizadamente, considerá-lo-á, no mínimo, muito irreverente ou, quiçá, doido. Mas não é só nesses temas que se constata o escárnio lobatiano. Ele está presente no julgamento que faz dos seres humanos, desde a divisão dicotômica entre motorizados e não, empregados e empregadores, até com referência à escala social. Às vezes mistura argumentações sérias, como em

*Compreendo que é indelicado falar em língua estranha na presença de pessoas que a desconhecem... e muita terra não é que faz a grandeza de um povo e sim a qualidade dos seus habitantes, com outras de extrema ironia: O diálogo de Adão e Eva é talvez a coisa única que não sofre grande influência da evolução. Às vezes até involue... o homem é um bípede incompreensivo. Alimenta-se de idéias feitas e desnorteia diante do novo.*

Quando o leitor atento se depara com passagens que vêm ao encontro de sua ideologia, surpreende-se, até fica tentando descobrir onde está a blague. É o caso exemplar de

*Vi bem clara a diferença que existe entre ter idéias próprias, frutos fáceis e lógicos de uma árvore nascida de boa semente e desenvolvida sem peias ou imposições externas — e ser "árvore de natal", museu de idéias alheias pegadas daqui e dali, sem ligação orgânica com os galhos, donde não pendem de pedúnculos naturais e sim de ganchinhos de arame. E comecei a aprender a também ser árvore como as que crescem no campo, e a deixar-me engalhar, enfolhar e frutificar livremente por mim próprio.*

É difícil confirmar ou contestar as afirmações acerca da vida: *A vida é complicada, existem leis, polícia, embaraços de toda espécie, burocracia e mil*



*peias tudo porque a desonestidade nas relações humanas constitui um elemento constante. E o mesmo se dá com relação à família: Se somos, se existimos, se apesar de todos os males da vida tanto a ela nos apegamos, é que no íntimo do nosso ser a voz da persistência da espécie nos ampara. A meio da vida de cada criatura já é a prole o que lhe dá coragem de a viver até o fim.*

Quanto ao tempo, surgem, de quando em quando, afirmativas que levam o leitor a refletir se está transitando no domínio da austeridade ou do embuste. É que a linha divisória faz-se tênue e inconstante, na escritura lobatiana. É o que se constata, entre outras passagens, em *o futuro são as páginas ainda por contar / Dois mais dois — é o presente. A soma quatro é o futuro. / o futuro 4 já está predeterminado antes que a mão o transforme em presente lançando-o no papel*. Disso decorre uma postura determinista, que também é explicitada: *Estamos na determinação universal, e a vida, ou o universo, é para nós o momento consciente desta determinação.*

Quanto ao tempo presente, em duração efêmera, exígua, independente do espaço, é apresentado com seriedade pela verve lobatiana:

*uma corrente contínua, que é o presente. Tudo se acha impresso em tal corrente. Os cardumes de peixes que neste momento agonizam no seio do oceano ao serem apanhados pela água tépida da Corrente do Golfo; o juiz bolchevista que neste momento assina a condenação de um mujique relapso num tribunal de Arkangel; a palavra que, em Zorn, neste momento, o kronprinz dirige ao ex-imperador da Alemanha; a flor do pêssego que no sopé do Fujiyama recebe a visita de uma abelha; o leucócito a envolver um micróbio malévolos que penetrou no sangue dum faquir da Índia; a gota d'água que espirra do Niágara e cai num líquen de certa pedra marginal; a matriz de linotipo que em certa tipografia de Calcutá acaba de cair no molde; a formiguinha que no pampa argentino foi esmagada pelo casco do potro que passou a galope; o*

*beijo que num estúdio de Los Angeles Glória Swanson começa a receber de Valentino...*

Tudo é Lobato: mistura de poesia e nostalgia, de grandiosidade e pequenez, de topo e de sopé da montanha da vida, produto consciente do cérebro do menino que desejava ser pintor. E ele pinta a realidade em palavras que, muitas vezes, fazem rir:

*Cor de cabelo não é coisa que dependa da natureza e sim da moda. Hoje, por exemplo, é moda o louro, e nas ruas só vemos louras — louras que amanhã aparecerão de cabelos negros como asas de corvo<sup>79</sup>, se assim o determinar a moda. Ou então é bem verdade o "nada há de novo debaixo do sol.*

E a clássica história do navegador genovês *Estou vendo que tudo é ovo de Colombo na vida.*

Vivendo das lides artísticas, leitor inveterado, editor consagrado no Brasil, também seus textos evidenciam a erudição do escritor e do tradutor, com alusões à mitologia – o *Minotauro*, *Os 12 trabalhos de Hércules* – e, em *OPN*, considerações a respeito da arte e da teoria literária. Só que ao apresentá-las, há notável imbricação de afirmativas consistentes com pontadas de cores jocosas. A associação de algumas passagens dá o seguinte texto: *O principal para uma novela é ter o que dizer, estar senhor de um tema na verdade interessante. Uma pontinha de mistério é indispensável no tempero dos romances. Por isso Burilei o romance qual um soneto, aprimorei-o de todos os arrebiques da forma, orientado por modelos que me pareceram os melhores. Essas são passagens em que o Sr. Airton justificava a primeira versão da vida do professor Benson. Ao ouvir tais argumentos, Miss Jane contrargumenta: Lembre-se do esforço incessante de Flaubert para atingir a luminosa clareza que só a sábia simplicidade dá. A ênfase, o empolado, o enfeite, o contorcido, o rebuscamento de expressões, tudo isso nada tem com a arte de escrever, porque é artifício e o artifício é a cuscuta da arte. Puros*

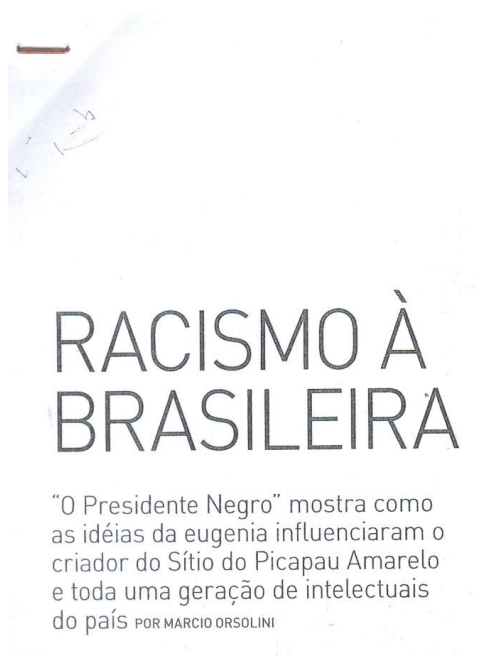
---

<sup>79</sup> Alusão explícita a *Iracema*, de cabelos negros como as asas da graúna, porém parodicamente construída.

*maneirismos que em nada contribuem para o fim supremo: a clara e fácil expressão da idéia.* Dessa forma, cruzam-se duas vertentes teóricas da literatura: a que preconiza o rebuscamento e o hermetismo e a outra, que privilegia a clareza e a simplicidade.

Ante a objeção da filha do professor Benson, quando explica que *Estilo é como o rosto: cada qual possui o que Deus lhe deu. Procurar ter um certo estilo vale tanto como procurar ter uma certa cara.* Ayrton, tentando agradar, dispõe-se a: *Vou escrever como sair, sem preocupação de espécie nenhuma — nem de gramática.*

O leitor dessa passagem, conhecendo as obras e o estilo de Monteiro Lobato, reconhece a voz autoral no discurso do escriba que se propõe a ser *um verdadeiro escritor — impetuoso, irregular, incorreto, ingênuo, mas expressivo, original e forte.*



Finalmente, quanto à linguagem de seus livros, em *OPN* Monteiro Lobato, paradoxalmente, afirma-se, ao negar: *Minha linguagem não é figurada.* E, para o espasmo de riso do leitor, nega-se, afirmando:

***Sou incapaz de ironia.*** *O que acabo de dizer é a fiel expressão do meu pensamento. Estas páginas estão cheias de defeitos, mas dos defeitos naturais ao primeiro jacto de toda obra sincera e espontânea. São as rebarbas que com a lima o fundidor suprime.*

*Post Scripto:*

*Lobato faleceu em 4 de julho de 1948. Poucos dias antes, em uma carta endereçada a Godofredo Rangel, perpetuou seu vínculo com a leitura. Leitura é o tema desta pesquisa. Leitura é o que se fez até agora, inspirada no modelo de Lobato.*

*Antes de chegar às conclusões finais, coloco, neste espaço, a abonação de muita afirmativa que foi feita ao longo deste estudo, na imagem das palavras lobatianas. O texto que se encontra no segundo tomo de A Barca de Gleyre (1961:383) registra:*

Vespera de S. João, 1948

Rangel:

Chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lapis, porque a pena me sai mal. Ainda estou com uma perturbação na vista. Uma perturbação que se vai deslocando do meu campo visual, e que num mês deve estar desaparecida. Só então voltarei a ler correntemente. Tenho estado, todo este tempo, privado de leitura — e que falta me faz! A civilização me fez um “animal que lê”, como o porco é um animal que come — e dois meses já sem leitura me vem deixando estranhamente faminto. Imagine Rabicó sem cascas de abobora por 30 dias!

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A lição maior de Lobato é a sua própria e tumultuosa riqueza humana. Creio mesmo que dentro de vinte anos ele estará incluído nos manuais de história e cultuado na memória do povo, como uma espécie de herói civil da literatura.*

Carlos Drummond de Andrade

José Bento Monteiro Lobato foi, senão o maior, um dos escritores brasileiros mais influentes do século XX. Foi, indiscutivelmente, uma figura polêmica, radical, multifacetada, íntegra, arrebatada pelas paixões; personalidade fascinante para quem se interessa pela história política do nosso país do início do século passado. Mostrou-se, em seus atos e em seus escritos, ser codependente dos valores sociais à época; no entanto, não foi subserviente. Em determinados momentos tornou-se rebelde.

É importante entender a questão moral em Monteiro Lobato, já que ele foi e é o mais lido escritor do universo infantil; portanto, formador de opinião e de identidade das crianças brasileiras. Lobato é considerado o pai da literatura infantil brasileira, tanto que, no dia 18 de abril, data do seu nascimento, comemora-se o Dia do Livro. Para Monteiro, nada podia ser pequeno, simples ou mediano. Em todos os seus afazeres quer como fazendeiro, quer como editor, quer como escritor, ele dava o máximo de si e tinha que ser o melhor.

Foi um amante da nação brasileira. Ele desejava o melhor para o Brasil. Seus artigos apresentam críticas e denunciam as mazelas do país; ao mesmo tempo, assinalam soluções que, supostamente, resolveriam esses problemas. Por exemplo, em *Urupês*, aponta os males que afligem a população rural e culpa o caboclo de preguiça; em seguida, em *Problema Vital*, resgata a figura do homem rural, exigindo que o governo faça a sua parte. Apesar da prisão, Monteiro lutou, também, pela salvaguarda dos valores culturais brasileiros e pela sustentação das riquezas naturais: o petróleo, o ferro e as matas. Em toda a sua obra, seja para adultos, seja para crianças, os valores de brasilidade são destacados.

Assim, passagens tais quais *esse tom duvidoso das mulatas de hoje que borram a cara de creme e pó de arroz*, ou *A nossa solução foi medíocre*,

devem ser lidas como provocação; não são a exteriorização, inquestionável, do pensamento do Autor. Com relação aos negros, o cidadão Monteiro Lobato reconhece a dívida histórica pintada poeticamente na página 61 deste trabalho, que repito: *A fome, a sede, a doença, a escuridão. Por sobre as cabeças da carga humana, um tabuado. Por cima do tabuado, rumores de vozes. Eram os brancos. Branco queria dizer uma coisa só: crueldade fria... [...] Viu dois séculos de chicote a lacerar carne e outros dois séculos de lágrimas, de gemidos e lamentosos uivos de dor. E viu a América ir saindo dessa dor, como a pérola, filha do sofrimento do molusco, nasce na concha* (132).

Por toda a história da vida de Lobato e pelo conjunto de sua obra, seu único romance para adultos, *OPN*, torna-se uma leitura necessária para o entendimento da ideologia que existia na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. É preciso lembrar: toda ação cultural humana é historicamente situada e, conforme as palavras de Walter Benjamin, exige observação acurada da origem da obra e das mudanças oriundas das transformações socioculturais. Não se pode entender a historicidade da literatura pelo recorte de realidade que ela apresenta, senão pelo que de estranhamento<sup>80</sup> e de reflexão que ela produz.

Em *OPN*, há a transfiguração da realidade brasileira da época, exteriorizando a ideologia que circulava – senso comum – entre as diferentes camadas da população. Percebo o pensamento racista dominante na época; porém, muitas vezes, velado pelos discursos retóricos. Monteiro representa, de forma irônica, no entanto sensível, as ideias vigentes em sua época: o negro era visto como objeto, não podia ter desejos nem sonhos.

Apesar do apreço pelo *american way of life*, notado em *OPN* que, por ser literatura, é um fenômeno estético articulado a um contexto cultural mais amplo, não isentou os EUA, pois criticou a política racista de que originou a guerra dos estados norte-americanos sulistas contra os do norte.

A denúncia do preconceito racial – destaque-se, norte-americano, não assemelhável à situação do negro brasileiro – é a preocupação dessa obra em

---

<sup>80</sup> O interessante é que Hans-Robert Jauss, autor escolhido para rastrear teoricamente a pesquisa tem seu texto-base com o nome de *A literatura como provocação*. Esse tipo de espírito – provocador, irreverente – é constante nas obras de Lobato.

que o herói (anti-herói) tem de ser sacrificado, porque não teve a força moral de manter o caráter da raça e “vendeu-se” para os brancos, na pele e no cabelo. Portanto (tal qual Iracema, que rompeu com as leis da tribo e foi severamente punida ao final da narrativa), o presidente negro foi eleito, mas não conseguiu presidir, porque rompeu com os valores da raça. Assim, perpassa a obra um conformismo romântico, mais do que uma denúncia social, típica do realismo.

Observo, nesse aspecto, que Lobato não foi condescendente aos detentores do poder, mas mostrou ironia com a inversão de valores, em que os vitoriosos – heróis – (representados por Jim Roy) podem vir a ser derrotados e os perdedores – anti-heróis – (Kerlog) vêm a ser os vitoriosos. A esse respeito convém reforçar a percepção da professora Mariza Lajolo de que Lobato quebrou o paradigma de tratar os leitores infantis como pequenos idiotas e exige que o público adulto deva se aprofundar na leitura das entrelinhas, e não apenas ficar na superfície do texto.

Por meio de seus personagens de *OPN*, vislumbro o pensamento lobatiano. Em Ayrton, narrador em primeira pessoa, distingo a ingenuidade popular, a pouca sabedoria e de intelectualização, pois ele repete chavões e o discurso do senso comum da época, e, como o vulgo, põe-se boquiaberto com as possibilidades tecnológicas futuristas.

Professor Benson representa o intelectual, o cientista, a inteligência, o sucesso econômico derivado do domínio do conhecimento e faz, portanto, contraponto ao narrador. Em Benson, ressalto o valor relativo que Monteiro atribui ao dinheiro, em oposição, ao valor da integridade e da honestidade, esses sim são valores absolutos. Na sociedade lobatiana do século XX, como na sociedade atual do século XXI, não se vive sem o dinheiro; no entanto, em *OPN*, quem o possuía para viver “heroicamente” está retratado como cidadão honesto e íntegro.

Miss Jane, a mulher brasileira, é a mocinha romântica, tipo fada, clara, de olhos azuis, cuja beleza física é atraente aos olhares masculinos, pela aparência europeia; além disso, é a intelectual que critica os que repetem o discurso alheio. Paradoxalmente, ela apenas reproduz as ideias paternas. Jane tem como contraponto Miss Elvin, a autora da teoria da *Simbiose*



*desmascarada*. Feminista convicta ela afirmava, politicamente comprometida, indo a palanque, que a mulher *não constituía a fêmea natural do homem*.

Jim Roy representa a força física e moral da raça negra. Ele personifica o perigo da perda da hegemonia para a raça branca. Lobato o caracteriza forte, atlético, *um vulto de excepcional envergadura*. Ele possuía o poder da liderança, era moralmente a voz de sua raça *o negro de gênio, era um homem de imenso valor*, que não faria o que fizeram com ele. No entanto, ele se *omegara*, ou seja, alisara os cabelos e já estava com pele esbranquiçada *pela destruição do pigmento*. Até nisso (branqueamento da pele, alisamento do cabelo), Monteiro antecipa o futuro, pois hoje a moda impõe, em sua ditadura, que os cabelos precisam ser lisos.

Veja a ironia: ninguém está satisfeito com os caracteres herdados; o negro quer parecer com o branco, seu opressor, e, apesar de, historicamente, haver sido rejeitado, tem na forma física da raça branca seu ideal de beleza. Por outro lado, a branca faz permanentes e gasta com bronzeadores para assemelhar-se à negra. E no futuro de Lobato e no presente do século XXI, ídolo de todas as idades é Michael Jackson, o Jim Roy derrotado.

O candidato Kerlog, o representante dos brancos, é homem de pele clara, intransigente, orgulhoso, dominador; só a raça branca pode governar. E, mais, só o homem branco, pois até a mulher branca era alijada do comando. Enfim, Lobato recria na obra a realidade da humanidade; propõe uma situação ficcional para traduzir o pensamento corrente à época da escritura do romance e, quiçá, à nossa época de leitores, 216 anos antes do cenário do presidente negro.

Há, em *OPN*, a descrição da teoria da eugenia não só da raça negra, mas também de todos os que [para Monteiro] eram perniciosos à raça humana: os políticos, os retóricos, os gramáticos, os malformados, os cegos e os surdos aos bons costumes. Destaco, pois, que a Lobato é preciso uma limpeza na raça humana; não apenas na etnia afrodescendente. Se isso é certo ou errado, politicamente correto ou incorreto, não me cabe julgar. Talvez em 2228 encontre-se a resposta.

Com o meu atual horizonte de experiência, não posso determinar se o cidadão José Renato Monteiro Lobato era ou não racista, pois seria preciso a presença dele, afirmando ou negando este fato. Quanto ao artífice da palavra, o autor de variadas obras, apenas deixou transparecer a essência ética pela conduta de cidadãos, da sociedade, de sua época em toda sua complexidade.

Conforme já havia antecipado nos pressupostos fundamentais, um texto só é interpretável a partir da realidade do leitor, que deve estar aberto a mudanças e fazer uma análise crítica dessa obra.

Desse modo, Monteiro foi filho de seu tempo, viveu em conflito, em permanente transformação. Não se escondeu atrás de rótulos, nem defendeu uma posição única arraigada a ideias retrogradadas e fixas. O poeta Raul Seixas traduz com a música a personalidade ímpar de Monteiro Lobato: “Eu prefiro ser uma metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.



## REFERÊNCIAS

### Obras de José Bento Monteiro Lobato

- LOBATO, Monteiro. **A Barca de Gleyre**. 1º tomo. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- \_\_\_\_\_. **A Barca de Gleyre**. 2º tomo. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1961.
- \_\_\_\_\_. **A chave do tamanho**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Caçadas de Pedrinho e Hans Staden**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Cidades Mortas**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Globo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **D. Quixote das Crianças**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Emília no País da Gramática e Aritmética da Emília**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Fábulas e Histórias diversas**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Geografia de Bona Benta**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **História do mundo para as crianças**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Histórias de Tia Nastácia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Memórias da Emília e Peter Pan**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Negrinha**. 30. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, 264 p.
- \_\_\_\_\_. **Negrinha**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, 205 p.
- \_\_\_\_\_. **O macaco que se fez homem**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, 130 p.
- \_\_\_\_\_. **O Minotauro**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **O Poço do Visconde**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. **O presidente Negro ou O Choque das Raças**: romance americano do ano 2228. São Paulo: Clube do Livro, 1945, 198 p.
- \_\_\_\_\_. **O presidente negro**. São Paulo, SP: Globo, 2008, 202 p.

- \_\_\_\_ . **O presidente negro**. 2. ed. São Paulo, SP: Globo, 2009, 202 p.
- \_\_\_\_ . **O Sacy-Perêê**: Resultado de um inquérito. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gráfica JB S.A., 1998, 291 p.
- \_\_\_\_ . **Os doze trabalhos de Hércules**. 1º tomo. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_ . **Os doze trabalhos de Hércules**. 2º tomo. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_ . **Reinações de Narizinho**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_ . **Serões de Dona Benta e História das invenções**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_ . **Urupês**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, 292 p.
- \_\_\_\_ . **Urupês**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009, 177 p.
- \_\_\_\_ . **Viagem ao céu e o Saci**. 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1952.

#### **Obras a respeito de Monteiro Lobato**

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil**: gostosuras e bobices. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- ALVAREZ, R. V. **Monteiro Lobato, escritor e pedagogo**. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.
- AZEVEDO, C. L.; CAMARGOS, M.; SACHETTA, V. **Monteiro Lobato**: furacão na Botocúndia. Edição compacta. São Paulo: Senac, 2000.
- CADEMARTORI, Lígia. **O Que É Literatura Infantil**. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CASTRO, Grasielle. Mais um livro sob suspeita. **Correio Braziliense**. 26 de setembro de 2012. p. 8, Brasil.
- CAVALHEIRO, Edgard. **Monteiro Lobato – Vida e Obra**. São Paulo-SP: Companhia Editora Nacional, 1955.
- Conselho quer vetar obra de Monteiro Lobato. **Destak Jornal**. 3.nov.2010. p. 7.

- CONTE, Alberto. **Monteiro Lobato: O Homem e a Obra**. São Paulo: Brasiliense, 1948, 289 p.
- DIWAN, Pietra. **Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo**. São Paulo: Contexto, 2007, 160 p.
- FARIA, M. A. de O. **A “Imaginação Miniaturizante” em A Chave do Tamanho**. Comunicação apresentada no III Seminário Regional de Literatura realizado no ILBICE-UNESP. São José do Rio Preto, 1982.
- FERREIRA, Hygia T. C. **Pensamentos políticos de Monteiro Lobato**. Comunicação apresentada no III Seminário Regional de Literatura realizado no ILBICE-UNESP. São José do Rio Preto, 1982.
- FERREIRA, Hygia T. C. **A religiosidade de Monteiro Lobato**. Artigo apresentado no III Seminário Regional de Literatura realizado no ILBICE-UNESP. São José do Rio Preto, 1982.
- LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, J. L. **Monteiro Lobato livro a livro: obra infantil**. São Paulo: UNESP, 2008.
- LUFT, Lya. Crucificar Monteiro Lobato?. **Revista Veja**. 10.nov.2010. p. 26.
- Monteiro Lobato fere a legislação. **Jornal de Brasília**. 31.out.2010. p.20.
- NIGRI, André. Monteiro Lobato e o Racismo. **Revista Bravo**. nº. 165. Ano 13. maio 2011. p. 24 a 33.
- NUNES, Cassiano. **A correspondência de Monteiro Lobato**. Comunicação apresentada no III Seminário Regional de Literatura realizado no ILBICE-UNESP. São José do Rio Preto, 1982.
- NUNES, Cassiano. **Monteiro Lobato Vivo**. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato e o Modernismo**. Brasília: Roberval Editora, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Novos Estudos sobre Monteiro Lobato**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Monteiro Lobato Admirador de Euclides da Cunha: Um Estudo Comparativo entre os Dois Escritores**. Brasília: Roberval Editora, 1998.

\_\_\_\_. **Monteiro Lobato o editor do Brasil**. Rio de Janeiro: Contraponto: PETROBRAS, 2000.

OLIVETO, Paloma. Olhar Visionário. **Correio Braziliense**. 1.mar.2009. p. 12.

ORSOLINI, Marcio. Racismo à Brasileira. **Revista Bravo**. nº. 129. Ano 11. maio 2008. p. 56 a 59.

SANDRONI, Luciana. **Minhas memórias de Lobato**: contadas por Emília Marquesa de Rabicó e pelo Visconde de Sabugosa. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 1999.

TEIXEIRA, Jerônimo. Caça à inteligência. **Revista Veja**. 17.nov.2010. p. 128 a 131.

VIEIRA, N. de M. **Leitura Metodológica de “Emília no País da Gramática”**. Comunicação apresentada no III Seminário Regional de Literatura realizado em IBILCE- UNESP, São José do Rio Preto, 1982.

### **Obras da Literatura geral**

ANDRÉ, Maria da Consolação. **O Ser Negro**: A construção de subjetividades em afro-brasileiros. Brasília:LGE, 2008.

ARISTÓTELES. **Poética**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e Estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002, 439 p.

BARTHES, Roland; et. al. **Análise estrutural da narrativa**. Tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Tradução de Maria Luz Moita, Maria Amélia Cruz e Manuel Alberto. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

\_\_\_\_. **Origem do Drama Barroco Alemão**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. (MEC). Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, 2005.

- CANDIDO, Antônio. **A Educação pela Noite**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, 264 p.
- CORSO, D. L.; CORSO, Mário. **Fadas no Divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006, 316 p.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6 ed. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2007
- ISER, Wolfgang. **Literatura e leitor**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- \_\_\_\_\_. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JARBAS JÚNIOR. **As Marcas do Chicote**. Brasília: Theasaurus, 2008.
- JAUSS, Hans-Robert. **A literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.
- KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- KOTHE, F. R. **A Alegoria**. São Paulo: Ática, 1986.
- LAGE, M. M. **Ler sem doer**: perspectivas para a leitura do texto literário no Ensino Médio. Coronel Fabriciano, MG: Unileste, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.



- LONTRA, Hilda Orquídea Hartmann. **A leitura da Literatura em Segundo Grau: uma proposta metodológica baseada na Estética da Recepção**. Brasília: UnB, 1996.
- MOTTA, Jarbas Júnior Silva. **As Marcas do Chicote**. Brasília: Thesaurus, 2008.
- MOTTA, Nair de Souza. **Ética e vida profissional**. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1984.
- NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia** ou Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- PENNAC, Daniel. **Como um Romance**. Tradução de: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1993, 167 p.
- PERNISA JÚNIOR, C; FIORESE, F. F.; ALVARENGA, N. A. (orgs.). **Walter Benjamin: imagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- SARAMAGO, José. **Poemas Possíveis**. Nota da 2. ed. Lisboa: Caminho, 1982.
- SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- TINOCO, R. C. **Leitor real e a teoria da recepção: travessias contemporâneas**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

### **Mídia Digital: Sítios**

- ABRITTA, Teóclito. 8. Março. 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 10. Ago. 2012.
- BAHÉ, Marcos. 12. Maio. 2008. Disponível em: <<http://acertodecontas.blog.br/economia/o-presidente-negro-um-livro-assustador>>. Acesso em: 10. Ago. 2012.
- DRUCKER, Cláudia. Disponível em: <<http://www.biblioteca.ife-camboriu.edu.br>>. Acesso em: 10.ago.2012.
- FERNANDES, Fábio. **Um presidente negro que a história esqueceu**. Disponível em: <[www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2627&tipo=acervo](http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=2627&tipo=acervo)>. Acesso em: 20. ago. 2012.
- FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. Disponível em: <[www.fsba.edu.br/dialogospossiveis](http://www.fsba.edu.br/dialogospossiveis)>. Acesso em: 10.mar.2011 (Jauss, 2002, p. 70). **40 anos de Estética da Recepção: pesquisas e desdobramentos nos meios de comunicação**. Artigo publicado na revista digital *Diálogos Possíveis* da Universidade Federal da Bahia em 2007.
- GIROLODO, Ramiro. **TRANSFIGURAÇÕES UTÓPICAS EM O PRESIDENTE NEGRO DE MONTEIRO LOBATO** Disponível em:

<[www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros\\_anteriores/n4/.../lobato.pdf](http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n4/.../lobato.pdf)>. Acesso em: 10. ago. 2012.

MACHADO, João Luís de Almeida. **As Origens da Ku Klux Klan Ódio Irracional**. Disponível em: <[www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp](http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp)>. Acesso em: 10. set. 2012.

MARCINKOWISKI, Roberta. **O Presidente Negro**. Disponível em: <<http://oartigo.com/index.php?resumos-e-resenhas/o-presidente-negro.html>>. Acesso em: 9. Ago. 2012.

SILVA, Rafael Egidio Leal. **O Futuro, Segundo Monteiro Lobato: Eugenia e Utopia na Obra o Presidente Negro**. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/271.pdf>>. Acesso em: 20. Set. 2012.

SOLLONOGUEIRA. **O Presidente Negro: Paradigmas X Paralelos**. Disponível em: <[www.skoob.com.br](http://www.skoob.com.br)>. Acesso em: 10. ago. 2012.

SHIRTS, Matthew. **O Estado de São Paulo - 16/07/2007**. Disponível em: <[http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo\\_242690.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/atitude/conteudo_242690.shtml)>. Acesso em: 10. Ago. 2012.

TATE: **O Presidente Negro**. Disponível em: <<http://www.skoob.com.br/livro/resenhas/4383/menos-gostaram/page:4>>. Acesso em: 10. Ago. 2012.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **O Presidente Negro**: Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-25/questoes-litero-raciais/visionario-espiroqueta>>. Acesso em: 10.ago.2012

**Vida e obra de Monteiro Lobato**. Disponível em: <[www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato](http://www.projetomemoria.art.br/MonteiroLobato)>. Acesso em: 10.mar.2011.

**Obras de Lobato**. Disponível em: <<http://lobato.globo.com/>>. Acesso em: 10.set.2012.

ZAGHETO, Sônia. Artigo disponível em: <[www.artelivre.net/prototipo/al\\_artigo.asp](http://www.artelivre.net/prototipo/al_artigo.asp)>. Acesso em: 10. set. 2012.

Disponível em: <<http://www.estadao.com.br>>. Acesso em: 10.out.2012.

# AneXos

Contextos de *O Presidente Negro*

# REVISTA DO BRASIL

Directores:

RONALD DE CARVALHO  
MONTEIRO LOBATO  
BRENNO FERRAZ

N. 81

SETEMBRO  
1922

Editores:

MONTEIRO LOBATO  
& COMP. — SÃO PAULO  
RUA DOS GUSMÕES, 70

## O MOMENTO

### A Geração do Centenario

**E**M artigo que se transcreve noutra secção desta revista, esboçou Pontes de Miranda o quadro moral das tres ultimas gerações brasileiras: a que fez a Republica, a que lhe gosa os proventos e a que cae em si, que se reconhece e comprehende, que "tem ideias e quer lutar por ellas", que "não quer posições, nem o bem estar, que as outras disputaram com ansia e sem a pre-occupação primordial do interesse publico."

"E' a geração que quer declarar, alto, muito alto, tudo que não sabe e quer aprender. E' a geração que realiza, já agora, o que as outras faziam na velhice, nos vagares da opulencia e da commodidade. E' a geração que nasceu pobre, porque os paes não tiveram escravos, e, por isto mesmo que não contou com o trabalho alheio, é a primeira que "vive por si", a que veio mostrar a assombrosa capacidade do brasileiro para a vida. E' a geração que vê, em torno de si, o folgar tumultuoso da velhice, e cogita da volta da alma brasileira aos seus habitos tradicionaes de austeridade sadia e de rigidez de character. Não é preciso descer a cotejos, mas os moços já se conhecem sufficientemente e os velhos sabem que, nas justas que se terçassem, mal feridos não seriam os jovens. Qualquer dos livros dos grandes moços, publicado ha trinta ou cincoenta annos, constituiria acontecimento notavel. A producção dos ultimos dez annos vale a de todo o resto da vida independente do Brasil."

REVISTA DO BRASIL

Essas justas, justissimas palavras, fazemol-nossas. A geração do Centenario, a primeira "que nasceu pobre e que vive por si", começa a desmontar a mentalidade collectiva e, com ella, o roncoiro aparelho moral que ha cem annos nos rege. O que ahi vem não é a revolução nos velhos moldes. E' mais e melhor: é a revolução das ideias e dos costumes em sua feição civica.

Quem não percebe a orientação nova dos moços?

Em suas grandes porções, a que aspira á direcção e a que pretende simplesmente o trabalho, a mocidade se orienta por novas trilhas de bravia independencia. Para uns como para outros, já não é o Estado a Providencia de ha pouco. Desacreditaram-se os governos paternaes que dotam filhos. Já se dotam estes a si. S. Paulo é o grande exemplo: — aqui se cria o livro nacional e o seu publico; aqui se criam os filhos de si mesmos.

Ao livro toca o destino maximo de fazer o que a imprensa não faz... Não ha temer os jornaes. Tema-se antes a brochura, com o verso, o conto, o romance, a acção mental, as ideias... São Paulo cria o livro e cria as actividades uteis, para as quaes acodem, na maior e na mais bella das correntes sociaes, milhões de moços que só visam o trabalho e a producção.

Ha um indice claro dessa orientação: — as Escolas Normaes, que outrora absorviam, para o functionalism publico, milhares de energias e intelligencias, falliram, desertas hoje de moços e apenas subsistentes em sua secção feminina; pullulam as Escolas de Commercio em todo o Estado, na capital como no interior, revelando a ansia geral de estudo fecundo e pratico, ansia, aliás, antes burlada que servida por taes escolas.

E' a grande cohorte dos independentes, que só contam comsigo.

E assim é que a "geração que nasceu pobre" ameaça de alto a baixo o edificio secular sob que gemem a s aspirações democraticas, que nos ensinaram a amar e a que só souberam mentir.

A' geração do Centenario incumbem realizal-as.

BRENNO FERRAZ.



## nexo 02

ERA NO PARAISO...

15

A Biblia já tratou deste assumpto, de modo figurado, todavia, fugindo de tomar a Quêda ao pé da letra. Moysés, redactor do Genesis, tinha velleidades poeticas — mas não previra Darwin, nem a força do premio Nobel como aureo pae de grandes descobertas. Moysés poetizou. Fez um Adão, uma Eva, uma serpente e um pomo, que certos exegetas declararam ser a maçã e outros a banana. Compoz assim uma peça com a méstria consciente de Poe ao carpinteirar “O Corvo”, mas sem deixar como Poe um estudo da psychologia da composição, onde demonstrasse que fez aquillo por  $a+b$  e com bem estudada pontaria. E foi pena! Quanto papel, tinta e sangue tal esclarecimento não pouparia á humanidade, sempre rixenta na interpretação dos textos!

Vem d’ahi que é o Genesis uma peça de fina psychologia, e por igual penetrante nas cabeças duras e nas dos Pascaes, permeabilissimas; o que lhe escasseia é accordo com a verdade dos factos. Essa verdade, mais preciosa que o diamante Cullinan, eu a achei sob o montão de cascalho das hypotheses e sem nenhum alarde aqui a estampo de graça. Já é ser generoso! Tenho nas unhas a verdade das verdades e não requeiro do Congresso um premio de cinquenta contos! Contento-me com um apenas — com este pobre conto...

Fragmento de um conto de Lobato, de título “Era do Paraíso”.

Em *Revista do Brasil*, nº. 78, junho de 1922.

Destaque: *a humanidade sempre rixenta na interpretação dos textos!*

Ano IV - Vol. XII - Outubro

# REVISTA DO BRASIL

Outubro, 1919.

## *O direito dos nacionaes*

No Brasil se ha cuidado de tudo, menos do homem. O que tem empolgado o genio dos nossos administradores, por desde que longo tempo!—é a armação exterior a systematisação de um desenvolvimento material mais aparente que verdadeiro, é a forma vasia, é o mecanismo ôco. Ficou esquecido o braço que move as alavancas dessa endromina, o cerebro que o dirige, o homem, que se faz alma do progresso, mas que é alguma coisa mais que ella propria — a civilisação. Estes assertos, expendidos num artigo do sr. Mario Pinto Serva, que, com uma tenacidade incrível no meio da frouxidão moral do nosso jornalismo, vem estudando um a um os mais sérios problemas nacionaes, devem merecer um pouco de attenção e exame dos leitores desta nota de cada mez. Na verdade, o homem é entre nós o pária eterno, sem direito, sem educação facil, sem saude, sem hygiene e sem moral: era a principio o degredado e o aventureiro, que não mereciam consideração alguma; depois, de envolta com estes, o indio submettido, que não era gente; depois, o escravo preto, largo tempo entregue á terra, sem outro cuidado do patrão ou dos governos que não fosse a fiscalisação do seu trabalho de maquina; depois, o colono... De modo que, de toda essa gente não tem pensado os magnatas—os magnatas não pensam em nada — que se ia formando uma sociedade, com maiores direitos á vida e ao respeito de sua qualidade humana, do que a dos degredados, escravos, negros, indios ou colonos. De tudo isso surgiu um homem, com qualidades ou defeitos, mas um homem — o brasileiro. Largado durante seculos sem o amparo devido, supprindo as suas mais prementes necessidades á força de argucia ou com o prejuizo de bôa porção de seu sangue, o indigena chega a um tempo em que ainda

## Anexo 04

*Revista do Brasil*, nº. 29, ano III, vol. VIII, maio de 1918.

### Saneamento e hygiene

AS NOVAS POSSIBILIDADES DAS ZONAS CÁLIDAS.

provera exclusivamente disso: desaparelhamento de defeza higienica. O nosso povo, transplante europeu feito em época de magros conhecimentos scientificos, foi invadido pela micro-vida tropical, e verminado intensamente, sem que nunca percebesse a extensão da mazela. Só agora se faz o diagnostico seguro da doença, e surge uma orientação scientifica para a solução do problema da nossa nacionalidade, ameaçada de desbarato pelo acumulo excessivo de males curaveis, evita-veis, e jamais curados ou evitados — porque sempre ignorados, quando não criminosamente negados. Desfeitos todos os veus de ufanía, livres para sempre da mentira dithyrambica, o caminho está desimpeçado para a cruzada salvadora. Sanear o paiz deve ser a nossa obsessão de todos os momentos. E' a grande formula do patriotismo que se não contenta com o jogo malabar do palavriado sonoro.

**MONTEIRO LOBATO.**



## BIBLIOGRAPHIA

### MONTEIRO LOBATO— *O Sacy Perêrê.*

O sr. Monteiro Lobato reuniu em volume, acolchetando-lhes alguns commentarios deliciosos e emparedando-os entre um prologo e um epilogo refulgentes de graça, os depoimentos que a proposito do Sacy Perêrê obteve num inquerito aberto ha tempos, na edição nocturna do *Estado de S. Paulo*. Os leitores da *Revista do Brasil* dispensam, naturalmente, que lhes digamos quem é, como escriptor, o sr. Monteiro Lobato: raro será o numero desta Revista em que a sua fantasia, ora alacre, ora tragica, e a sua observação, sempre aguda e quasi sempre risonha, não encantem e divirtam os leitores.



adoração. Abençoemos os livros, aconselha Anatole France, porque elles sabem consolar-nos de todas as realidades dolorosas.  
Aos meus amigos, o meu coração eternamente reconhecido!"

## MOVIMENTO ARTISTICO

### EXPOSIÇÃO MALFATTI

A joven pintora paulista senhorita Annita Malfatti pôde orgulhar-se de ter agitado um pouco o nosso estagnado meio artistico com a sua ultima exposição. Essa agitação que, aliás, não passou de algumas rodas de amadores, e de algumas apreciações criticas na imprensa diaria, não foi de todo favoravel á artista. Em todo caso só se discute o que realmente tem valor. Tem-n'o de sobra a senhorita Malfatti, cuja primeira exposição em S. Paulo, encheu de esperanças os amigos da arte. Nos seus trabalhos de principiante, havia já a affirmação de uma individualidade, um vigor pouco vulgar no toque e uma concepção geral da pintura que denunciavam "um temperamento".

Nas télas ultimamente expostas ostentam-se ainda as mesmas qualidades. Mas, ao lado dellas surgem falhas que nos parecem gravissimas porque revelam um desvio de orientação artistica que será fatal á promissora carreira da talentosa pintora.

A senhorita Malfatti deixou-se "emballer" pelas extravagancias dos chamados "futuristas" e poz o seu esplendido talento ao serviço dessa tendencia que nem ao menos se pôde chamar escola.

A sua boa-fé, a inexperiencia propria da idade, mantêm-n'a na illusão de estar fazendo "futurismo". Não ha na sua nova maneira a menor sinceridade, se bem que a intenção seja perfeitamente honesta. Mas a senhorita Malfatti, a pretexto de romper com as convenções da arte aceita, adoptou sem discutir todo o estapafurdio convencionalismo de uma falsa arte em que só se exhi-

bem os "ratés" e os desequilibrados.

Os partidarios da "nova escola" têm a louca pretensão de reproduzir o movimento conforme á realidade das nossas sensações.

Basta reflectir que todos os movimentos se operam na natureza com rapidez muitissimas vezes maior do que o mais rapido dos nossos meios de expressão, para comprehender o absurdo de sua reprodução integral pela imagem.

A arte jamais poderá reproduzir o movimento integral. O seu papel é de suggerir aos que contemplam uma obra, uma figura, por exemplo, a serie de movimentos que essa figura faria para realisar uma determinada intenção ou para dar a impressão da vida, pois que a vida é movimento.

Para tal não era preciso inventar o futurismo.

Toda a escola moderna, sobretudo depois do triumpho do "ar livre" e do impressionismo, tende para esse fim e já attingiu a resultados extraordinarios. A substituição dos contornos e das sombras convencionaes pela theoria dos valores e da pintura luminosa baseada na fusão das cores reveladas pelo espectro solar, offerece recursos inesgotaveis aos artistas.

Nenhum delles poderá, porém, prescindir da noção de fórma, do desenho, que é a base de tudo, o arcabouço indispensavel a qualquer construcção artistica.

Ora, os futuristas supprimem o desenho, e entregam-se á mais arrojada fantasia de cores. A sua pintura fala uma linguagem incomprehensivel por illogica e inconsequente.

Rodin soube dar, como ninguem, a suprema expressão do movimento na escultura. E não ha em esculptores de todos os tempos, nenhum mais realista e mais simples do que o genial artista que a França acaba de perder. Em todos os corpos humanos que plasmou no barro, os braços partem dos hombros e as pernas sustentam o tronco.

## Anexo 06(b)

Os futuristas não se incommodam de ligar um braço á cabeça ou de fazer surgir a perna de uma axila, contanto que "dêem" a impressão do movimento, a trepidação da vida...

A senhorita Malfatti aceitou as franquias dessa pseudo-escola para fazer a sua "Negra bahiana", que é para nós, pobres normaes, um caso teratologico em anatomia. Mas, ao lado della, poz uns abacaxis tão bem desenhados e tão acabadinhos que fariam as delicias de um botânico...

Onde está a escola, o methodo, o systema?

Numa cabeça de homem vigorosamente manchada, com uma indicação magistral dos planos, de perfeito accôrdo com as regras da pintura normal, tingiu o rosto de verde e amarello... e convenceu-se de que fez futurismo.

Entretanto, nas aguas fortes aliás excellentes, mostra uma technica apurada sem o menor vestigio da influencia nefasta, tal qual como na "Cabeça de egypcia", que é um mimo de frescura e espontaneidade.

Todas as vezes que quiz amaneirar a sua arte, para adaptal-a ao futurismo, commetteu erros graves de desenho e adoptou cores puramente convencionaes. Nesses trabalhos só se salvam alguns trechos, em que a sinceridade da artista, readquirindo os seus direitos, impediu as extravagancias do futurismo.

Não cabe nos limites desta reseña um exame meticoloso da obra da senhorita Malfatti. Não seria, porém, difficil mostrar quadro por quadro, o que acima ficou dito como impressão geral.

E' um dever dizel-o, porque poucos artistas se apresentaram com tantos elementos de triumpho como a senhorita Malfatti: seria profundamente lamentavel ver perder-se num desvio de orientação esthetica uma organização artistica como a desta joven pintora. A senhorita Malfatti está num momento decisivo da sua carreira: se não renunciar completamente ás suas novas tendencias, para cultivar com maior afinco o estudo do desenho, arris-

car-se-á a um completo fracasso. De-sejariamos errar neste prognostico; parece-nos, porém, que os factos já nos dão razão.



Anexo 07

Apagando o Facho...



Um sul-americano — Parece-me que ficamos às escuras.  
Outro — Pois você não viu logo que é este o fim da Conferência da Paz?!

(Storni - D. Quixote - Rio)

*Revista do Brasil*, nº. 4, Ano IV, vol. XI, junho de 1919.

## Anexo 08

(98) A circular, com letra de seu próprio punho, diz o seguinte: “Chamamos a atenção dos Srs. Livreiros para o novo livro de Monteiro Lobato “O Raio Louro”, romance dos tempos futuros escrito para um grande editor de New York — o qual prevê para a obra um grande sucesso de livraria nos Estados Unidos. Inteiramente nova em nossa literatura, esta obra lembra as do grande romancista inglês Wells, de fama universal. Trata do choque das raças na América no ano de 2228, drama estudado por meio da maravilhosa invenção do professor Benson, descrita no prólogo.

Os Srs. Livreiros terão uma ótima oportunidade para fazer negócios, ativando a venda de um livro não só de alta intensidade dramática e amorosa, como ainda semeador das mais altas idéias de Eugenia. O autor é sobejamente conhecido e como todos o sabem, o mais lido do Brasil. Mas até aqui permanecera no conto. Os Srs. Livreiros poderão, pois, oferecer o livro aos fregueses com esta simples frase: — “O primeiro romance de Monteiro Lobato”, e temos a certeza de que a vendagem vai exceder à nossa expectativa.

Os cartazes são muito atrativos e certo que despertarão a curiosidade dos leitores pelos outros livros dêsse autor, cuja venda é seguríssima.

Como o aparecimento de um livro novo puxa a saída de outros do mesmo autor, lembramos ao amigo a conveniência de pedi-los já. A oportunidade no comércio é tudo.”



## Anexo 09



*O futuro, segundo Monteiro Lobato: Eugenia e Utopia na obra O presidente negro (1926)*

Rafael Egidio Leal e Silva Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-graduação em Psicologia (UEM/PPI).

Anais do V Fórum de Pesquisa e Pós-Graduação em História da UEM



## QUE É A EUGENIA?

Não são poucos os que ignoram a significação e os fins da nova sciencia, baptisada por Galton com a bella denominação de EUGENIA. E, não ha de que se envergonharem, porque, si esta divindade surgiu já de ha muito na constellação de Minerva, só ha bem pouco ella veio a ser conhecida e revalorenciada entre nós. A sua apparição nos dominios dos nossos estudiosos originou, como em outros paizes aconteceu, a formação da religião que tem por escopo prégar preceitos eugenicos dentro do seu dogma: — a saude integral do corpo e do espirito.

A definição da Eugenia é curta, os seus fins é que são immensos: — é a sciencia do aperfeiçoamento moral e physico da especie humana. O homem perfeito é um homem feliz; a sociedade de homens felizes seria o ideal. Para que este ideal se realize cumpre ir plantando desde já as sementes que nos fornece a Eugenia.

Eugenizar quer dizer seleccionar a especie humana, fazendo com que o planeta se povôe de gente sã, isto é, sã moral e somaticamente. Quando ella se expurgar dos individuos doentes, incapazes, criminosos e amoraes; quando a terra for habitada por — bem gerados, eugenizados, — o que não é utopia — então os descendentes de Adão viverão no Eden terrestre depois de haver, tão cruelmente e por millenios, pago o peccado original.

Utopia, porque? Si hoje é de pratica corrente a selecção de animaes e vegetaes? Quem não conhece os resultados surprehendentes colhidos pelo zootecnistas no apuramento das raças cavallares e bovinas? Backwell, illustre criador inglez, não conseguiu obter um typo de gado com o maximo de carnes e o minimo de ossos? Outros, pelo apuramento de qualidades optimas, não tem obtido selectivamente bellos especimens de cavallos, que primam pela força ou ligeireza?

As plantas prestam-se admiravelmente para experiencias de selecção e os plantadores variam ao seu capricho até o sabor das fructas, não se contentando com a polychromia deslumbrante das flôres creadas pelas suas phantasias.

Porque nós homens, atomos da humanidade, não havemos de melhorar a nossa propria raça, tendo em nossas mãos — a bagnetta magica — da selecção, que são as leis da hereditariedade, no dizer expressivo de Darwin e outros muitos ensinamentos biologicos, comprovadamente, indubitavelmente valiosos como se verificam entre plantas e animaes?

Eugenia é a sciencia da boa geração. Ella não visa, como parecerá a muitos, unicamente proteger a humanidade do cogumelar de — *gentes feias*.

Seus objectivos não se restringem a callipedia, isto é, ter *filhos bonitos*.

A belleza é um ideal eugenico. Mas a sciencia de Galton não tem horizontes limitados; ao contrario, os seus intuitos além de complexos são de maior elevação; ella não é sómente como um buril esculpido de bellezas plasticas, para gaudio das nossas satisfações artisticas, para a inspiração divinante dos poetas ou a exaltação phantastica dos pintores de imaginações ardentes e de tintas magicas.

São demonstrações eugenicas os versos fulgidos dos poetas que cantam a belleza de olhos alegres e talvez mesmo tristes, como os de Luiz Edmundo:

Olhos tristes, vós sois como dois sóes no poente,  
Cançados de luzir, caçados de girar,  
Olhos de quem andou na vida alegremente  
Para depois soffrer, para depois chorar.

O fetichismo poetico de José Bonifacio, o moço, fel-o cantar na lyra o pé:

Um pé, como eu já vi, de tez mimosa,  
De tez folha de rosa,  
Leve, esguio, pequeno, carinhoso;  
Um pé de matar gente e pisar flores,  
Namorado da lua e pae de amores!  
Um pé, como eu já vi, subindo a escada  
Da casa de um doutor;  
Da moçoila gentil a erguida saia  
Deixou-me vêr a delicada perna.  
Padrés, não me negueis, se estaes em calma,  
Um coração no pé, na perna um'alma.



São exteriorisações de sentimentos eugénicos os traços do pintor que representa na tela deusas da formosura. São eugénicos os contornos que o cinzel do escultor entalha no mármore reproduzindo o ideal plástico da fôrma. Entretanto a Eugénia não se restringe á elevação das perfeições que se exteriorisam, quando se sabe que muitas vezes... "por fóra filó, filó, por dentro pão bolorento!" Ella tem a visão do exterior, porem a sua mira de atilada agudeza deseja a representação completa da perfeição esteriotypada na belleza moral e somatica. A Eugénia quer a uniformidade dos homens segundo um padrão, com indice optimo de robustez.

A implantação da Eugénia corresponde ao estudo das gerações passadas, ao computo das energias das presentes para a salvaguarda do futuro da humanidade. Si os principios pregados por Galton, germinando como temos a absoluta certeza que estão sendo, frutificarem, então o triumpho do eugenismo reservará aos nossos descendentes o mais bello porvir.

Não somos utopistas. Na phrase de illustre cientista, pode-se taxar de utopia todo projecto ideal de futuro social que elaborado pela imaginação de um homem, falho de base sã e real, vá de encontro á natureza humana e dos resultados da experiencia, e não tenha por consequencia nenhuma *chance* de successo. Da mesma fôrma que para o futuro social, applicamos para o nosso caso a definição de utopia e vejamos: a Eugénia é uma idéa realisavel, pois a sua base é sã e real. Ella não vae de encontro á natureza humana e aos resultados da experiencia; pelo contrario, e sobretudo temos a mais absoluta confiança no seu successo.

Mas, dirão os leitores, quaes as lanças que empunharão os eugenistas para combater os factores degeneradores da especie humana? Estudando, inspecionando as causas dysgenisantes e eliminando-as prophylaticamente.

Neste afan deve não só o governo se iniciar como tambem o publico. A coadjutoria do individuo é essencial. E para que ella surta effeito carece de uma base de conhecimentos que ás sociedades eugénicas está reservada diffundir. A instrução eugénica, diz collega illustre, deve ser ministrada em profusão, constituindo disciplina obrigatoria tanto nas escolas primarias como nas superiores.

Em que consistirão esses ensinamentos? No ensino da hygiene individual, urbana e rural. Nas explicações simples de como se adquiere as molestias. Neste sentido, o batalhador incançavel e illustre Dr. Belisario Penna escreve no seu livro, rico repositório de preciosos ensinamentos: "A educação hygienica, com as noções prophylaticas exactas das doenças in-

fectuosas existentes no paiz, deve ser obrigatoria, de lieção diaria em todas as escolas publicas e particulares".

A prophylaxia do ankylostomiase é relativamente facil. Da mesma fôrma o são o impaludismo, a molestia de Chagas e outras doenças mais que reinam endemicamente no nosso paiz. Mas, si ellas continuam ceifando impiedosamente ou degenerando cruelmente a nossa gente, é porque temos descuidado de sanear as regiões infestadas (quasi todo o paiz!) e deixado essas pobres victimas das maldades da terra, á mercê da sorte, da ignorancia.

Como se adquiere o trachoma todos nós sabemos e o evitamos. Já não acontece o mesmo com os incultos (percentagem formidavel) que ignoram os mais comesinhos preceitos de hygiene e para os quaes lavar as mãos representa um luxo superfluo, não sabendo que leval-as assim aos olhos constitue perigo ainda maior, quando ha pessoas trachomatosas em convencia.

Instruir o povo é desvendar-lhe o palco roseo da vida, é mostrar-lhe o valor da saude, o caminho da honra e do trabalho. As idéas prégadas pelos evangelistas da harmonia social, só encontrarão terreno semeavel onde reine a saude, em terras de individuos eugénicos. Cumpre, pois, sanear physicamente para em seguida fazer o saneamento politico. Seria desolador ver o effeito de prégações doutrinarias entre "os paizias que vegetam na mais sordida miseria, em ranchos de pilha ou de taipa, inçados de barbeiros, de percevejos e de pilhos, dormindo promiscuamente paes e filhos em giraos de paos roliços, sobre enxergas de palhas de burity, sem noção de asseio rudimentar, sem utensilios dos mais comesinhos, até entre a gente dos povoados, alimentando-se deficientemente, innumerados delles apenas com raizes, peixe, farinha e caça", parias esses que alem de analphabets são atrazados mentaes verdadeiros cretinos como observaram Belisario Penna e Arthur Neiva, que durante sete mezes percorreram 4.000 kilometros através os nossos sertões. Diz o primeiro: "Nucleos de populações desde 60 a 300 individuos, na sua maioria idiotas, cretinizados, ou aleijados ou paralyticos, percorremos nós, onde de difficilmente se deparava um *semi-idiota* capaz de dar algumas ligeiras informações". E continua este illustre patriota: "uma viagem através dos nossos sertões, e mesmo fóra delles, confrange a alma e abate a confiança no futuro da patria, sobretudo pela indifferença ou inconsciencia dos poderes publicos, federaes, estaduais ou municipaes, quanto á solução do problema sanitario, certamente o mais grave para a salvação economica da nação".



Felizmente, ainda que tarde, enveredamos no caminho da solução deste serio problema nacional. O benemerito Sr. Presidente da Republica prometteu em sua mensagem ultima tratar do assumpto, tendo sido assignado um decreto de saneamento rural, cuja feliz oportunidade despertou o applauso geral da nação. A campanha eugenica começa assim a ser patrocinada pelos poderes publicos do Brasil.

Os escopos da Eugenia são incommensuraveis. Instruir é eugenisar, sanear é eugenisar; esta nova sciencia preoccupa sabios e legisladores.

Diz muito bem João Ribeiro: "eugenisar quanto possivel a familia, é um dever de boa politica e uma tarefa para os futuros estadistas. E é tambem um dever domestico, confiado á vigilancia de todos os homens intelligentes e cultos".

A Eugenia é pela elevação das nações. Ella lucha pela defesa da raça, pela elevação moral e physica do homem de hoje e dos nossos descendentes. Nós não somos donos da nossa personalidade; della nos constituimos "depositarios ephemeros de legados eternos".

Compete-nos zelar carinhosamente da confiança em nós depositada pelos acasos da natureza. Assim como censuramos a prodigalidade do esbanjador de moedas devemos não só increpar, mas impedir que levianos dissipem conscientemente na orgia ou inconscientemente no trabalho excessivo a maior fortuna com que Deus nos doou: — a saude.

A Eugenia evita os males nas suas origens. Ella prohibe o casamento a todo individuo atacado de mal hereditario. Quem não applaude esta disposição prohibitiva em defesa das nossas futuras proles, que o talento admiravel e benemerito de Souza Lima defende ha 20 annos?

A Eugenia procura fazer a educação sexual dos moços ensinando-lhes na "nudez rude da verdade" — os perigos que os esperam as paixões, os vicios.

A Eugenia é, em summa, a sciencia que deseja a elevação moral e physica do homem, que uma vez dotado dessas qualidades optimas será o elemento de paz na familia, na sociedade, na Humanidade.

DR. RENATO KEHL.



## Anexo 11

### NO CINEMA



— Já te disse! Quando a scena fôr duvidosa, não olhes para a fita.

*Revista do Brasil*, nº. 45, Ano IV, Vol. XII, set. 1919.

Anexo 12

MONTEIRO LOBATO

O Choque das Raças  
ou  
O Presidente Negro

Romance americano  
do anno de 2228

---

COMPANHIA EDITORA NACIONAL  
RUA DOS GUSMÕES, 35 S. PAULO 1926 RUA SEN. DANTAS, 105 RIO

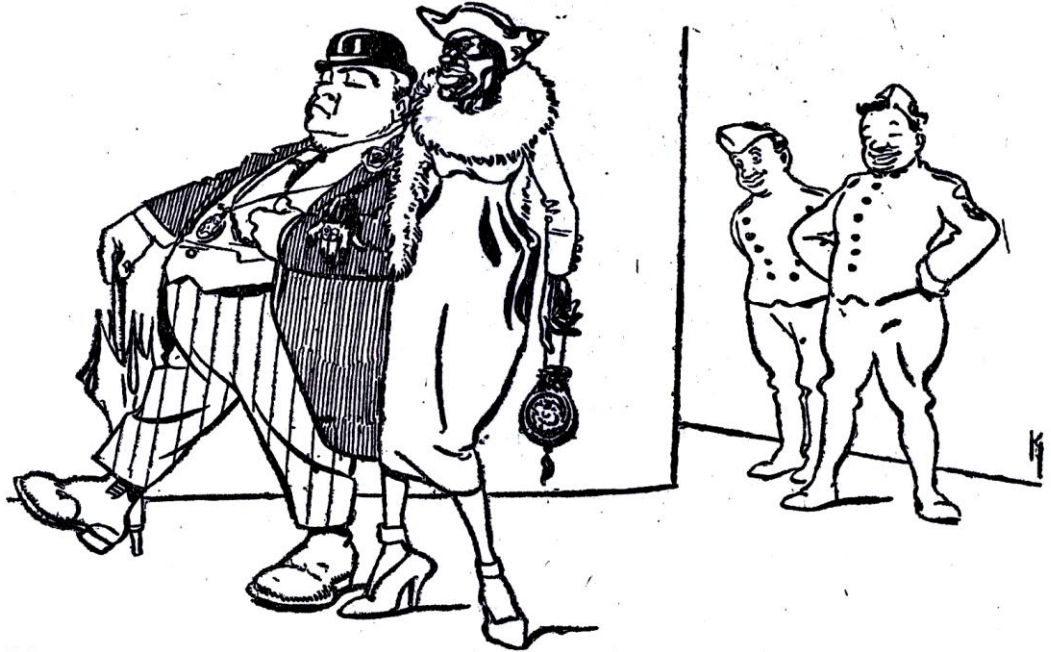
A  
ARTHUR NEIVA  
E  
COELHO NETTO,

DOIS GRANDES MESTRES  
DO TRABALHO, NA  
SCIENCIA E NAS LETRAS.

Anexo 13

CARICATURAS DO MEZ

O ESPIRITO DAS RUAS



Um fuzileiro: — Eta, bicho, tá queimando carvão nacioná!

KALIXTO (D. Quixote).

*Revista do Brasil*, nº. 78, junho de 1922

O NOSSO FUTURO ATRAVEZ DO CUBISMO . . .



STORNI

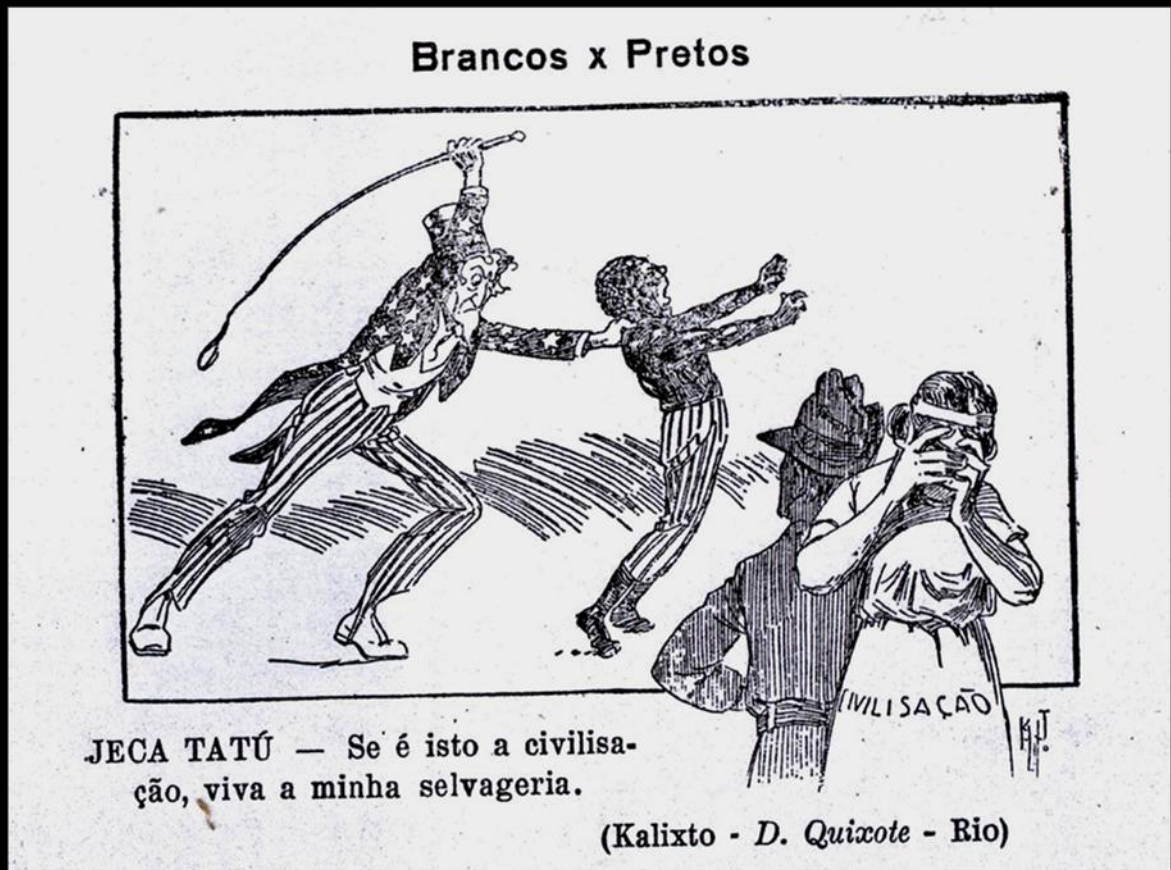
Jéca — Compreenderam o que é isso ?  
— . . . . .  
— Pois bem, isto é a nossa situação !



STORNI — (D. Quixote).



Anexo 14



Charge publicada na **Revista do Brasil** nº 44, Ano IV, volume XI, em agosto de 1919. Chama a atenção o fato de que o feitor é o “Tio Sam” e o comentarista é Jeca Tatu, personagem brasileiro de Monteiro Lobato.

A caricatura revela com adequação o espírito da época.

**ANEXO 15**

CÓDIGO	ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
ALS	N	47	F	MESTRE
LEITURA DE ENTRADA				
Acho que é uma obra futurista e profética onde um homem negro assume a presidência dos Estados Unidos da América.				
LEIT. DE PROCESSO				
PASSAGEM INTERESSANTE	O livro todo é muito interessante nos dois momentos em 1928 e 2228			
PASSAGEM IRREAL	A máquina do tempo - Cronizador, porviroscópio			
PASSAGEM INSTIGADORA	O preconceito, a parte que miss Jane descreve a vibração do éter, a afirmação que a História é o mais belo romance anedótico que o homem vem compondo desde que aprendeu a ler e escrever. A substituição do povo francês pelo mongol; A anexação do Canadá ao território dos Estados Unidos. A teoria que a mulher não é a parceira natural do			

		<p>homem,</p> <p>Os casais deveriam passar por vários testes antes de serem autorizados a procriar</p>
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	<p>A eleição de um Presidente Negro no EUA,</p> <p>A relação de trabalho de Ayrton e a empresa Sá, Pato &amp; Cia, No capítulo “O Tempo Artificial” apresenta a base da neurolinguística.</p> <p>A defesa da <b>eugenia</b></p>
AFIRMAÇÃO	DISCORDÂNCIA	<p>Eugenia, da descrição sobre a miscigenação.</p> <p>O feminismo que as mulheres deixaram de ser mulheres, mas não conseguiram tornar-se homens.</p>
COM QUE		
HÁ	CONCORDÂNCIA	a afirmação sobre o História
LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Um livro racista que demonstra como o autor e as pessoas que viviam na mesma época pensam a respeito da etnia negra e sobre a diversidade.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Parcialmente, pois eu esperava que no final do livro o autor valorizasse a mistura de raça e a diversidade.

**ANEXO 16**

CÓDIGO		ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
FMS		N	16	F	FUNDAMENTAL
LEITURA DE ENTRADA		Do primeiro presidente negro do mundo e mostrará sua história junto com o preconceito que sofre por ser negro e pobre, das poucas oportunidades. Mas mostrará que as pessoas têm que acreditar em seus sonhos, e que apesar dos obstáculos temos que seguir em frente e não desistir.			
LEIT. DE PROCESSO	PASSAGEM INTERESSANTE	Cap. II – A minha Aurora Cap. XV – Véspera do pleito Cap. XXV – O beijo de Barrymore			
	PASSAGEM IRREAL	Cap. VI – O tempo artificial pág. – 53, 54 e 55			
	PASSAGEM INSTIGADORA	Cap. II – A minha aurora			
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	Cap. I – O desastre pág. 23, 24 e 25			
AFIRMAÇÃO	DISCORDÂNCIA	Página 38			

COM QUE  HÁ		
	CONCORDÂNCIA	Páginas 37 e 42
LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Trata do racismo em nossa sociedade e da diferença de oportunidades entre brancos, negros e mulheres.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Sim, pois é falado muitas coisas que realmente acontecem com as pessoas negras. E é basicamente aquilo que eu imaginei.



**ANEXO 17**

CÓDIGO	ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
MRM	B	61	F	SUPERIOR
LEITURA DE ENTRADA		A obra "O presidente negro", de ficção do grande autor Monteiro Lobato, deve tratar de como um homem negro, chegou à presidência de um país, de maioria branca, e as consequências decorrentes de tal fato.ç		
LEIT. DE PROCESSO	PASSAGEM INTERESSANTE	Teatro dos sonhos...  Descobriram-se novas ondas... e o transporte do cheiro, sensações táteis...  Pág. 75 e 119		
	PASSAGEM IRREAL	Desdobramento anatômico – Rompimento do plano simétrico do corpo humano...  Pág. 74 e 75		
	PASSAGEM INSTIGADORA	<i>Intermundane Herald</i> , jornal de radiação metapsíquica, que veio atender a velha sede...  Pág. 74 e 75		
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	O rádio transporte tornará inútil o corre-corre atual: trabalhar-se-á a distância – luz fria –  Pág. 65 e 127		
AFIRMAÇÃO COM QUE	DISCORDÂNCIA	A nossa solução foi medíocre. Estragou as duas raças, fundindo-as... A nossa solução deu mal resultado...  Pág. 92		

HÁ	CONCORDÂNCIA	O hábito não nos deixa os defeitos. O grande obstáculo ao progresso sempre foi o hábito, a ideia feita a preguiça...  Pág. 120
LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Trata de “poder”, trata de racismo, intolerância, choque das raças e gêneros e manipulação da ciência - me lembrou Hitler – para apurar a raça branca – orgulho.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Sim, adorei ler o único romance de lobato, leitura agradável e fácil e surpreendente. Como a imaginação de um grande autor pode prever tantos fatos que hoje – século XXI – estamos presenciando. Fantástico, e até muito antes, como no embate entre os presidenciáveis Barack Obama e Hillary Clinton.

**ANEXO 18**

CÓDIGO	ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
AS	B	20	F	SUPERIOR
LEITURA DE ENTRADA		A história de um político negro que ganha as eleições por engano, imagino ser um tipo de romance com comédia.		
LEIT. DE PROCESSO	PASSAGEM INTERESSANTE	Pág. 190		
	PASSAGEM IRREAL	Pág. 74		
	PASSAGEM INSTIGADORA	Pág. 119		
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	Pág. 147		
AFIRMAÇÃO  COM QUE  HÁ	DISCORDÂNCIA			
	CONCORDÂNCIA			

LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Trata-se muito mais da história do senhor Ayrton Lobo e da bela Miss Jane do que do presidente Jim Roy. O pai da Miss Jane construiu uma máquina capaz de viajar para o futuro e o livro apresenta os acontecimentos sendo narrados por Jane para Ayrton.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Não. De início pensei que a obra contava a história de um presidente negro eleito por engano e que esta seria contada no presente. Jamais imaginei uma máquina do tempo dentro da história.

**ANEXO 19**

CÓDIGO	ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
SAF	MISTA	54	M	SUPERIOR
LEITURA DE ENTRADA		De um presidente oriundo da raça negra e de sua história de vida.		
LEIT. DE PROCESSO	PASSAGEM INTERESSANTE	“E como esta, quantas revoluções curiosas! Outra, que muito me impressionou, foi a transformação das ruas que se nota do ano 2200 em diante. Cessa a era dos veículos. Nada de bondes, automóveis ou aviões no céu.” (p. 65)		
	PASSAGEM IRREAL	“A corrente perdia no globo de cristal a sua forma concentrada e visualizava-se com numa projeção de cinema, reproduzindo momentos da vida futura com a exatidão que vai ter um dia” (p.64)		
	PASSAGEM INSTIGADORA	“E a uma criatura que nem conhece a página aberta ante os olhos, como o senhor, vou eu revelar o que a ninguém anda foi revelado: algumas páginas futuras!”		
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	“Em vez de ir todos os dias o empregado para o escritório e voltar pendurado num bonde que desliza sobre barulhentas rodas de aço, fará ele o seu serviço em casa e o radiará para o escritório. Em suma: trabalhar-se-á a distância. E acho muito lógico esta evolução. Não são hoje os recados transmitidos instataneamente pelo telefone? Estenda esse princípio a tudo e verá que imensas possibilidades quando à radiocomunicação se acrescentar o radiotransporte.” (p. 65)		

AFIRMAÇÃO  COM QUE  HÁ	DISCORDÂNCIA	“-Exatíssimamente... Desapareceram os peludos – os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira de malformados no físico e no moral, causadores de todas as perturbações da sociedade humana.
	CONCORDÂNCIA	“-Pretende ele, [seu pai], e com muita lógica, que a humanidade não está apta a suportar a revelação do futuro. Acha que a sua invenção cairia no poder de um gruo o qual abusaria da tremenda soma de superioridade que a descoberta lhe concederia. Fosse um homem vulgar, de pouca sensibilidade de coração, e ele mesmo assumiria o predomínio que receia ver na posse de outrem.
LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Do que seria a América no futuro, após passar por uma purificação racial, num mundo altamente tecnológico.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Na verdade, não atendeu às expectativas iniciais, se me basear no título <i>O Presidente Negro</i> .  Justificando, diria que embora saiba que a obra é uma arte produzida pelo artista, e não deva necessariamente refletir, até onde se entenda a ideia do seu autor, <i>O Presidente Negro</i> é uma obra contundente.

**ANEXO 20**

CÓDIGO	ETNIA	IDADE	SEXO	INSTRUÇÃO
TG	B	85	F	FUNDAMENTAL
LEITURA DE ENTRADA		Acho que é uma obra que vai tratar da eleição de um presidente negro no Brasil, por se tratar de um escritor brasileiro, seria um fenômeno “fora do norma” para a época, pois o Brasil era um país muito racista e nem se cogitava ter um presidente negro.		
LEIT. DE PROCESSO	PASSAGEM INTERESSANTE	Pág. 54 “Sabe o que é isto? ...		
	PASSAGEM IRREAL	Pág. 189 “Não subirás os degraus da casa branca, Jim”...		
	PASSAGEM INSTIGADORA	Pág. 46 “Depois do almoço levou-me o professor...”		
	PRÓXIMA DA REALIDADE ATUAL	Pág. 134		
AFIRMAÇÃO	DISCORDÂNCIA	Pág. 96 “Voltei ao castelo”...		
COM QUE				

HÁ	CONCORDÂNCIA	Pág. 160 “Nos outros casos os cônjuges...”
LEIT. DE PRODUTO	DE QUE TRATA O TEXTO?	Trata-se da eleição de um presidente negro, nos EUA, e que não é aceito pela raça branca.
	CONFIRMAÇÃO DAS EXPECTATIVAS	Não, pois eu achava que seria uma história que se passaria no Brasil e não nos EUA.



## Anexo 21

reune forças para um brado, capaz de ouvir-se do sertão á formosa séde da nossa não menos formosissima capital da Republica. «Sou homem, quero saude e escolas! ou demm-m'as, ou escavaco isto já, de alto a baixo!» Escavaco vae aqui apenas como uma hyperbole necessaria a todos os gritos patrioticos, e se o caboclo não a diz, nós, comtudo, temos de ouvil-a, havemos de ouvil-a. E' para não quebrar a serie de berros e guinchos, que, com um, deu a Cabral o Porto Seguro, com outro favoreceu-nos legando-nos a Independencia, e com outro, por fim, fez esta bella e auriverde Republica ... Que venha agora o grito do indigena, para a sua salvação. Será a maneira mais eloquente de commemorar-se o centenario: a reclamação do homem que se faz homem, do racional que se põe de pé e sabe pedir em linguagem articulada. Aliás, chegam as primeiras vibrações do berro aos nossos paes da Patria: já na Camara Federal foi apresentado um projecto visando a protecção do operario brasileiro, pela maneira pratica da sua defesa, de preferencia no trabalho. Grandes emprezas, que até agora chegavam a recusar o brasileiro, d'ora avante hão de tel-o, em maioria no seu trabalho, ou pagam dobrado os impostos. Já é um passo. Um passo? E, um éco longinquo que o bérro do nacional começa a despertar nos tympanos amoucados dos governantes. *Ad majorem Dei Gloriam ...*

Monteiro Lobaró. Editorial: O direito dos nacionaes. *Revista do Brasil* nº. 46, Ano IV, vol. XII, out. 1919. P 97-8.

(Conferir o início do texto, também hiperbólico.)

